



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE

ANGELA ALVES DE SOUSA

**POESIA E SUAS SONORIDADES: EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO
ARTÍSTICA NA EEMTI LIONS CLUB EM CRATEÚS (CE)**

FORTALEZA

2025

ANGELA ALVES DE SOUSA

POESIA E SUAS SONORIDADES: EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA
NA EEMTI LIONS CLUB EM CRATEÚS (CE)

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Artes em Rede da Universidade Federal do Ceará (ProfArtes/UFC), como requisito parcial para a obtenção título de Mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva

Coorientadora: Profa. Dra. Tharyn Stazak de Freitas

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S1p Sousa, Angela Alves de.
Poesia e suas sonoridades: experiências de criação artística na EEMTI Lions Club em Crateús (Ce) / Angela Alves de Sousa. – 2025.
140 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Mestrado Profissional em Artes, Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva.
Coorientação: Profa. Dra. Tharyn Stazak de Freitas.

1. Arte. 2. Poesia. 3. Sonoridade. 4. Criação. 5. Escola. I. Título.

CDD 700

ANGELA ALVES DE SOUSA

POESIA E SUAS SONORIDADES: EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO
ARTÍSTICA NA EEMTI LIONS CLUB EM CRATEÚS (CE)

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Artes em Rede da Universidade Federal do Ceará (ProfArtes/UFC), como requisito parcial à obtenção título de Mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva(Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Tharyn Stazak de Freitas (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Consiglia Raphaela Carrozzo Latorre
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Juliana Rangel de Freitas Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao meu amado irmão
Carlos Henrique - *in memoriam* -,
por ser o meu maior incentivador e
apresentar-me o ProfArtes.

AGRADECIMENTOS

A criação dessa pesquisa foi tecida por encontros, aprendizados e desafios, que só foram possíveis serem superados com o apoio de pessoas especiais. Ninguém caminha sozinho.

Agradeço primeiramente ao bom Deus, porque sem Ele nada somos.

Agradeço também à Universidade Federal do Ceará e ao Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede por me permitirem viver essa experiência transformadora. Aqui aprendi que a pesquisa pode ser viva, pulsante e cheia de sentido.

Às minhas queridas orientadoras, Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva e Profa. Dra. Tharyn Stazak de Freitas, minha mais profunda gratidão. Obrigada pela paciência, pelas palavras certas nos momentos certos e por acreditarem que esta pesquisa poderia acontecer.

Aos professores e colegas do mestrado, que tornaram essa caminhada mais leve, rica e divertida, cada troca, cada conversa e cada partilha de conhecimento me ajudaram a enxergar além.

Aos meus alunos da EEMTI Lions Club, que foram muito mais do que participantes desta pesquisa: foram a alma dela. Obrigada por aceitarem fazer parte das experimentações, por me ensinarem tanto e por me mostrarem, na prática, que a poesia e a sonoridade têm o poder de transformação.

À minha maravilhosa família, que sempre esteve por perto, mesmo quando a rotina me afastava um pouco. Obrigada por entenderem as noites em claro, os momentos de silêncio e as explosões de ansiedade. Sem vocês eu não teria conseguido.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, em especial a artista Waldênia Rosa, seja com uma palavra de apoio, um café salvador ou simplesmente com a presença. Obrigada por segurarem minha mão, ainda que, em alguns momentos, à distância.

E, por fim, à poesia, que me acompanha desde sempre e que agora se tornou parte da minha pesquisa, da sala de aula compartilhada com os alunos e da minha vida. Que ela continue abrindo caminhos, criando pontes e nos fazendo sentir mais vivos.

A todos vocês, a minha sincera e profunda gratidão.

RESUMO

A poesia é uma arte que possibilita as mais diversas expressões e criações no ambiente escolar. Através da poesia de *slam*, *haikai*, da literatura de cordéis, da poesia sonora e de poemas das tradições modernistas brasileiras e de artistas contemporâneos, foi realizada uma série de oficinas de experimentação e criação artística, a fim de que os estudantes pudessem não apenas ter contato com esses textos, mas também realizar suas próprias criações, envolvendo não apenas a dimensão textual, mas sobretudo as dimensões sonora e corpórea. A partir dessas vivências, os alunos puderam criar suas próprias produções textuais e sonoras, rever seus conceitos, e refletir sobre suas realidades. Utilizando a metodologia da pesquisa-ação, as atividades práticas aplicadas aos estudantes da EEMTI Lions Club, em Crateús (CE), possibilitaram explorar a leitura rítmica, a variação de entonações e a criação coletiva. Além disso, cada etapa das oficinas contou com o retorno e participação ativa dos alunos, que sugeriram atividades e ajudaram a construir o percurso da pesquisa, tornando as ações mais envolventes e conectadas às suas realidades. Isso permitiu que eles não apenas lidassem com temáticas do seu cotidiano a partir dos poemas propostos, mas também criassem poesias e sons relacionados diretamente ao seu contexto de vida. As oficinas evidenciaram a pouca presença da poesia no ambiente escolar e a forma como, muitas vezes, ela é trabalhada de maneira pouco atrativa, focando exclusivamente no aspecto textual em detrimento da dimensão artística e expressiva. Os resultados mostraram que a aula de arte pode ser um espaço favorável para ampliar conhecimentos, estimular a criatividade e inserir a poesia de forma viva e significativa, permitindo que os estudantes se reconheçam como sujeitos criativos.

Palavras-chave: arte; poesia; sonoridade; criação; escola.

RESUMEN

La poesía es un arte que permite las más diversas expresiones y creaciones dentro del entorno escolar. A través de la poesía slam, el haiku, la literatura de cordel, la poesía sonora y los poemas de las tradiciones modernistas brasileñas, así como de artistas contemporáneos, se llevaron a cabo una serie de talleres de experimentación y creación artística, con el objetivo de que los estudiantes no solo tuvieran contacto con estos textos, sino también pudieran realizar sus propias creaciones, involucrando no solo la dimensión textual, sino especialmente las dimensiones sonora y corporal. A partir de estas experiencias, los alumnos pudieron crear sus propias producciones textuales y sonoras, revisar sus conceptos y reflexionar sobre sus realidades. Utilizando la metodología de investigación-acción, las actividades prácticas aplicadas a los estudiantes de la EEMTI Lions Club, en Crateús (CE), permitieron explorar la lectura rítmica, la variación de entonaciones y la creación colectiva. Además, cada etapa de los talleres contó con la participación activa y el retorno constante de los estudiantes, quienes sugirieron actividades y ayudaron a construir el rumbo de la investigación, haciendo las acciones más atractivas y conectadas con sus realidades. Esto les permitió no solo abordar temas de su vida cotidiana a partir de los poemas trabajados, sino también crear poesías y sonidos directamente relacionados con su contexto de vida. Los talleres evidenciaron la escasa presencia de la poesía en el ambiente escolar y cómo, muchas veces, se trabaja de manera poco atractiva, enfocándose exclusivamente en el aspecto textual y dejando de lado la dimensión artística y expresiva. Los resultados mostraron que la clase de arte puede ser un espacio propicio para ampliar conocimientos, estimular la creatividad e incorporar la poesía de manera viva y significativa, permitiendo que los estudiantes se reconozcan como sujetos creativos.

Palabras clave: arte; poesía; sonido; creación; escuela.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Aula inicial – Roda de conversa, apresentação e orientação sobre as atividades a serem realizados. Em 13 de agosto de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 63
- Figura 2 – Estudantes confeccionando os diários de bordo, no dia 20 de agosto de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE) 64
- Figura 3 – Estudantes confeccionando os diários de bordo, no dia 20 de agosto de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE) 64
- Figura 4 – Estudantes investigando o gênero textual poesia, a partir dos poemas de Mário de Andrade, no dia 27 de agosto de agosto de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 65
- Figura 5 – Estudantes investigando o gênero textual poesia, a partir dos poemas de Mário de Andrade, no dia 27 de agosto de agosto de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 65
- Figura 6 – Construção coletiva dos painéis, no dia 03 de agosto de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 68
- Figura 7 – Construção coletiva dos painéis, no dia 03 de setembro de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 69
- Figura 8 – Apresentação dos painéis, no dia 10 de setembro de agosto de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 71
- Figura 9 – Apresentação dos painéis, no dia 10 de setembro de agosto de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 71
- Figura 10 – Painel construído coletivamente, inspirado no poema *As Borboletas* de Cecília Meireles, no dia 10 de setembro de agosto de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)..... 72
- Figura 11 – Investigação e apreciação do poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira, no 24 de setembro de 2024, no auditório da EEMTI Lion Club, Crateús (CE)..... 88

Figura 12 – Investigação e apreciação do poema <i>Trem de Ferro</i> , de Manuel Bandeira, no 24 de setembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	88
Figura 13 – Relatos dos alunos, registrados nos diários de bordo sobre a atividade realizada no dia 24 de setembro de 2024.....	89
Figura 14 – Relatos dos alunos, registrados nos diários de bordo, sobre a atividade realizada no dia 24 de setembro de 2024.....	89
Figura 15 – Relatos dos alunos, registrados nos diários de bordo, sobre a atividade realizada no dia 24 de setembro de 2024.....	89
Figura 16 – Relatos dos alunos, registrados nos diários de bordo, sobre a atividade realizada no dia 24 de setembro de 2024.....	89
Figura 17 – Roda de conversa e exploração do poema <i>Canção dos tamanquinhos</i> de Cecília Meireles, no dia 01 de outubro de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús(CE).....	92
Figura 18 – Improvisação em torno do poema <i>Canção do tamanquinhos</i> , de Cecília Meireles, no dia 01 de outubro de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	93
Figura 19 – Improvisação em torno do poema <i>Canção do tamanquinhos</i> , de Cecília Meireles, no dia 01 de outubro de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	93
Figura 20 – Momento de criação coletiva do poema sonoro, no dia 08 de outubro de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)...	96
Figura 21 – Momento de criação coletiva do poema sonoro, no dia 08 de outubro de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)...	96
Figura 22 – Grupo investigando sons para criação sonora, no dia 08 de outubro de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	97
Figura 23 – Grupo investigando sons para criação sonora, no dia 08 de outubro de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	97

Figura 24 – Momento de criação de <i>slam</i> , dia 22 de outubro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	102
Figura 25 – Momento de criação de <i>slam</i> , dia 22 de outubro de 2024 no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	103
Figura 26 – Grupo de alunos investigando sobre o <i>slam</i> , para aprimorar se repertório, no dia 22 de outubro de 2024, na sala de multimeios EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	105
Figura 27 – Grupo de alunos estudando gesto e voz para apresentação da minibatalha de <i>slam</i> , no dia 05 de novembro de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	106
Figura 28 – Grupo de alunos estudando gesto e voz para apresentação da min batalha de <i>slam</i> , no dia 05 de novembro de 2024, na sala de multimeio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	107
Figura 29 – Batalha de <i>slam</i> , dia 12 de novembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	109
Figura 30 – Fátima Julianny, duelando na batalha de <i>slam</i> , dia 12 de novembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	110
Figura 31 – A aluna Luanna Saboia, apresentando a obra na batalha de <i>slam</i> , dia 12 de novembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús(CE).....	111
Figura 32 – Grupo de alunos explorando os folhetos de cordel, dia 19 de novembro de 2024, na área externa em frente a casinha de taipo, da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	113
Figura 33 – Grupo de alunos lendo folhetos de cordel, no dia 26 de novembro de 2024, na área externa da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	114
Figura 34 – Grupo de alunos lendo folhetos de cordel, no dia 26 de novembro de 2024, na área externa da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	114

Figura 35 – Aluna Lara Pereira lendo um cordel, no dia 19 de novembro de 2024, na área externa da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)	115
Figura 36 – Momento em que os alunos pesquisavam autores de obras de cordel, no dia 19 de novembro de 2024, na sala de aula da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	117
Figura 37 – Momento em que o grupo de alunos estuda a estrutura cordel, no dia 19 de novembro de 2024, na sala de aula EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	117
Figura 38 – Apresentação de cordel com a aluna Deborah Ferreira do 1º ano D. no dia 03 de dezembro de 2024, na sala de aula da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	123
Figura 39 – Momento em que a aluna Larissa Miranda do 2º ano C declamava o seu cordel, no dia 03 de dezembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE).....	124

LISTA DE QR CODE

- QR Code 1 – Produção sonora coletiva inspirada no poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira..... 90
- QR Code 2 – Produção sonora coletiva inspirada no poema: *Canção do tamanquinhos*, de Cecília Meireles 94
- QR Code 3 – Poesia sonora *Realidade Acrômica*. Autores: Cauane Menezes (1º an B), Ana Karen (1º ano C), João Gabriel (1º ano C) e Maria Madalena – (1º ano C)..... 98
- QR Code 4 – Poesia sonora *Solitude*. Autores: Leia Ferreira (1º ano A) e Hethell Mourão (1º ano A)..... 99
- QR Code 5 – Poesia sonora *Ave de Arribação*. Autores: Luana Saboia (2º ano C) Antonia Yasmim (1º ano A), Lara Pereira (1ºano A) e Clara Pereira (1 ano A)..... 99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de contato dos estudantes com a poesia.....	76
Gráfico 2 - Contato dos estudantes com a poesia durante a infância.....	77
Gráfico 3 - Experiência escolar com a poesia	79
Gráfico 4 - Atividades poéticas realizadas na escola.....	80
Gráfico 5 - Conforto dos alunos com a poesia	81
Gráfico 6 - Interesse dos alunos pela poesia.....	82
Gráfico 7 - Importância da poesia.....	82
Gráfico 8 - Formas alternativas de vivenciar a poesia.....	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO – DESPERTAR DA POESIA E DOS SONS	14
2	CAPÍTULO I – CAMINHOS DA POESIA: DA ORALIDADE À CONTEMPORANEIDADE.....	23
2.1	Das vozes antigas aos registros: oralidade, antiguidade e Colonização	23
2.2	Evolução poética: Barroco, Romantismo e as inovações do Modernismo.....	29
2.3.	A Poesia no Brasil: vozes e resistências.....	35
3	CAPÍTULO II – A POESIA COMO MEIO ARTÍSTICO E PEDAGÓGICO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	44
3.1	Poesia e escola: diálogos e desafios.....	44
3.2	Poesia e suas sonoridades na criação artística.....	50
3.3	Espaços de criação e encontro: a sala de Aula como ambiente criativo.	53
3.4	Poesia e sonoridades como processo de expressão.....	55
4	CAPÍTULO III – POESIA E SONORIDADES COMO MEIOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA: REVERBERAÇÕES EM SALA DE AULA.....	59
4.1	Primeiras impressões.....	60
4.2	Encontrando o poeta: rosto por trás das palavras.....	64
4.3	Desvelando histórias: roda de conversa e questionário.....	74
4.4	Laboratório de arte: espaço de criação.....	84
4.4.1	<i>Oficina – Despertando memórias: poesia infantil e ludicidade.....</i>	<i>85</i>
4.4.2	<i>Oficina – Poesia sonora: inventando sons e versos.....</i>	<i>94</i>
4.4.3	<i>Oficina – Slam: poesia falada e de protesto.....</i>	<i>99</i>
4.4.4	<i>Oficina – Cordel: tradição e narrativa popular.....</i>	<i>112</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS – REFLEXÕES E ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EEMTI LIONS CLUB REFERÊNCIAS.....	126
	APÊNDICE A – ROTEIRO DAS OFICINAS.....	129
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE CONTATO COM A POESIA	140

1. INTRODUÇÃO

DESPERTAR DA POESIA E DOS SONS

*Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Mário Quintana*

A poesia, em suas múltiplas sonoridades, possui o poder de transformar as percepções do cotidiano em uma experiência sensorial e artística, alterando a maneira como interagimos com o mundo ao nosso redor. A junção da palavra com diferentes sonoridades, tais como rimas, assonâncias, aliterações, dentre outras, geram ritmo, criando novas oportunidades de expressão que vão muito além do texto escrito e podem se materializar em movimentos, gestos, sons e emoções.

No contexto educacional, essas descobertas demonstram-se capazes de ressignificar tanto o elemento poético quanto o corporal, promovendo uma relação sensível e dinâmica entre os sujeitos e os universos literário e artístico. Assim, o contato com a poesia e a sonoridade não apenas enriquece o imaginário, mas também redefine a forma como corpo e a voz se manifestam como instrumentos criativos e comunicativos no dia a dia.

Tal potencialidade foi experimentada nas oficinas de criação envolvendo poesia e sonoridade, que realizei, como professora de Artes, junto com os estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Lions Club, na cidade de Crateús, na região do sertão dos Inhamuns, oeste do Ceará, distante cerca de 350 quilômetros de Fortaleza. Essas oficinas aconteceram nas aulas do componente curricular eletivo Expressões artísticas, às terças-feiras, de 9h às 10h40, de agosto a dezembro, ao longo do ano letivo de 2024, reunindo 19 educandos de 14 a 18 anos, matriculados nos primeiros e segundos anos do ensino médio. Estes alunos desempenharam um papel central nesta pesquisa feita no âmbito do Mestrado Profissional em Artes em Rede da Universidade Federal do Ceará (ProfArtes/UFC), pois ofereceram um espaço para vivenciar a poesia de maneira prática, lúdica e sensorial.

A partir de atividades como experimentações sonoras, performances rítmicas e criações coletivas e individuais de textos poéticos e sonoros, buscamos

transformar o ambiente de sala de aula em um espaço agradável, de descoberta e de expressão artística. Essas práticas não apenas aproximaram os alunos da poesia, mas também modificaram a percepção que tinham acerca do gênero literário. Do mesmo modo, possibilitaram o aperfeiçoamento de habilidades criativas e críticas, além de estimular uma conexão mais profunda com a linguagem poética, tanto no nível individual quanto coletivo. Dessa forma, as oficinas tornaram-se eixo central para investigar como a sonoridade e a poesia podem impactar o cotidiano educacional e a relação dos estudantes com a arte, da qual faz parte também a literatura.

Segundo a professora e especialista em educação infantil Vanilda dos Santos Silva (2021), a poesia é considerada uma forma arte que permite ao sujeito a possibilidade de criar e desenvolver múltiplas possibilidades de pensar e refletir sobre determinado assunto, através da linguagem escrita expressa no poema. Os diversos meios de manifestações da poesia, como por exemplo a literatura de cordel, o *haikai*, a poesia sonora, as canções, a poesia *slam*, entre outros, permitem a ampliação da imaginação.

A prática da poesia na escola pode ser um meio de promover a sensibilidade e o desabrochar do estudante, estimulando a sua criatividade. Ao apresentar a poesia aos estudantes no ambiente escolar, os educadores têm a possibilidade de não apenas compartilhar informações e conhecimentos sobre métrica, ritmo, rima, sonoridade e figuras de linguagem, mas também cultivar um espaço para a livre expressão emocional e artística com seus alunos. Isto porque a poesia é uma forma de linguagem que transcende as barreiras do racional e do lógico, permitindo aos alunos experimentarem suas mais diversas emoções e ampliarem sua imaginação de uma maneira que favoreça tanto a dimensão pessoal é quanto coletiva. Na sala de aula, por exemplo, os alunos podem conhecer e se conectar com poetas de diferentes épocas e culturas, enriquecendo sua compreensão do mundo e ampliando o estudo da poesia.

Nessa perspectiva, o tema central da presente pesquisa ressalta como a poesia e suas sonoridades podem contribuir para o florescimento da fruição, da criatividade e da expressão artística dos estudantes, possibilitando que eles aproximem-se e despertem o interesse pelos textos literários, estabelecendo relação sonora com o próprio corpo. Ao investigar e experimentar a poesia em suas mais diversas formas, esta pesquisa ressalta sua significativa importância no ambiente

escolar como meio para enriquecer as experiências de aprendizagem e transformar o ambiente de sala de aula.

Mesmo não sendo o foco deste estudo, vale considerar, como destaca o escritor e educador Tomaz Musso de Almeida Pinto (2022), ser natural que ao entrar em contato com a poesia, os alunos ampliem habilidades linguísticas, como vocabulário, gramática e estrutura textual. Tais desenvolvimentos envolvem ainda aprender a escolher palavras cuidadosamente, a criar imagens vívidas e a transmitir suas emoções e sentimentos de maneira direta e nítida. Além disso, a poesia promove a reflexão e o pensamento crítico, permitindo que os alunos interpretem e analisem textos de diversas maneiras.

Dessa forma, podemos entender que possibilitar e facilitar as vivências dos alunos com a poesia na escola também pode envolver uma interessante atividade, como a recitação/performance da poesia, a qual ajuda os estudantes a desenvolver habilidades de comunicação oral, a fortalecer a confiança, superando medos de falar em público, de promover um senso de comunidade, empatia e colaboração na sala de aula, além perceberem as potencialidades de seus próprios corpos e suas sonoridades.

Para tanto, entendo tornar-se imprescindível que os educadores abordem a poesia de uma forma efetivamente acessível e inclusiva, oferecendo uma variedade de temas, estilos, e vozes poéticas para que todos os alunos sejam alcançados pela diversidade de obras literárias e sintam-se representados e inspirados. Além disso, é fundamental criar um ambiente acolhedor onde os estudantes fiquem à vontade, sentindo-se encorajados a experimentar e a compartilhar, se assim desejarem, suas próprias criações poéticas, independentemente de sua habilidade ou experiência prévia. A prática da poesia na escola não apenas enriquece o currículo, mas também nutre a imaginação, a empatia e a socialização dos alunos.

Nesse sentido, ao trabalhar a poesia e suas sonoridades no ambiente escolar, como propõe a pesquisa *Poesia e suas sonoridades: experiências de criação artística na EEMTI Lions Club em Crateús (CE)*, espero estimular os professores a criarem oportunidades para que seus alunos vivenciem novas experimentações criativas, envolvendo não apenas a linguagem poética, mas também a expressão sonora e a performance. Assim, essa abordagem estimula uma integração significativa com a arte, incentivando o protagonismo dos jovens estudantes e

valorizando suas vivências como parte integrante do processo educativo no qual estão inseridos.

Com isso, podemos perceber que a poesia desempenha um papel fundamental na educação, motivando a consciência cultural e promovendo experiências inovadoras que ultrapassam os muros da escola, uma vez que a criação artística em sala de aula é parte vital do desenvolvimento educacional de qualquer criança, adolescente ou jovem e pode conectá-los com seus contextos de maneira crítica e inventiva. Ao garantir que os estudantes tenham oportunidades de acesso às diferentes formas de expressão artística, a partir das linguagens previstas no currículo nacional da educação básica, a saber o teatro, a música, as artes visuais e a dança, bem como a literatura, as escolas não apenas enriquecem suas vidas, mas também promovem habilidades essenciais para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

A escola deveria ser um ambiente com espaço de liberdade, onde cada aluno pudesse transformar suas vivências em criação, sem temer julgamentos. Um território de experiências com a poesia, a música, as cores e os gestos, em que a arte não apenas amplia horizontes, mas também revela novos olhares sobre o mundo e sobre si mesmos. Porém, isso nem sempre acontece na prática. Ainda são poucas as escolas que compreendem esse potencial transformador. A maioria delas insiste em modelos ultrapassados, onde a criatividade é sufocada em detrimento de um ensino formal, padronizado e a serviço do capital, sacrificando a formação integral do indivíduo em prol da mera preparação para o mercado do trabalho.

Os professores Guilherme da Silva Lima, João Eduardo Fernandes Ramos e Luís Paulo de Carvalho Piassi (2020) ressaltam que as experiências promovidas no ambiente escolar contribuem para a formação de seres capazes de trabalhar em equipe, solucionar problemas e serem cooperativos. Outro grande benefício das experiências de criação artística na sala de aula é o estímulo à criatividade e à imaginação. Ao experienciar as diferentes formas de arte e ao serem incentivados a criarem suas próprias produções artísticas, se assim desejarem – já que não cabe à escola o papel de formar poetas, mas sim sensibilizar para as mais diferentes formas artísticas –, os alunos aprendem, de maneira livre, a pensarem de forma inovadora e a verem o mundo de maneiras diferentes.

Desse modo, as experiências de criações artísticas no contexto escolar são de extrema importância para um envolvimento do estudante, integrando os aspectos

emocional, social, cognitivo, físico e até espiritual. Assim, é necessário que a escola valorize e invista em programas de arte e cultura como parte fundamental do currículo educacional, a fim de favorecer e promover a organização de uma sociedade mais justa e equitativa, onde a diversidade é reconhecida e valorizada e a arte é um mecanismo de transformação pessoal e social.

A centelha que alimentou este estudo começou lá pelos idos anos 2000, no princípio de minha carreira docente como professora de Artes na escola pública, ainda com pouco conhecimento teórico-prático, quando tive a nítida percepção de que a mudança que a educação tem o poder de realizar na sociedade só pode acontecer, de forma efetiva, com o envolvimento do educador na vida de seus educandos, em uma prática educativo-crítica. Como diz o educador Paulo Freire (1996, p.98), “como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

As dificuldades com as quais tenho me deparado, ao longo de todos esses anos de magistério, como a desvalorização das artes em detrimento a outros saberes, a falta de recursos financeiros e materiais, o desinteresse, falta de perspectivas e ausência de sonhos por parte dos estudantes, dentre tantos outros desafios, têm me trazido angústias e grandes reflexões, além da necessidade de rever minha prática pedagógica e repensar o meu papel social enquanto educadora, especialmente por atuar no campo das artes.

Tais reflexões fazem referência ao momento atual e são resultado de minhas experiências pessoais, sobretudo, de minha passagem por todas as etapas da educação básica. Conforme ressalta a educadora Magda Soares (1991), revisito o passado e vejo alguém diferente, não encontro quem fui, mas sim alguém que está sendo reconstruído pelas marcas do presente. Na memória, o passado se torna presente e se transforma, influenciado pelo momento atual (SOARES, 1991).

Minha trajetória acadêmica teve início em 2003, quando concluí a graduação em Pedagogia na Universidade do Unigranrio, na cidade do Rio de Janeiro. Neste período, trabalhei com o tema da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais nas classes regulares de ensino. Em 2005, por sua vez, complementei minha formação educacional com uma Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica, com pesquisa e aplicação para pessoas que sofrem de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Assim, com tal formação, comecei a me familiarizar com os problemas enfrentados por crianças que muitas vezes têm seus direitos básicos negados, invisibilizados, à margem da sociedade, ignoradas pelo tecnicismo escolar da educação no sistema capitalista. A partir daí, iniciei na docência como professora das séries iniciais do ensino fundamental. Neste ínterim, como apreciadora atenta das expressões artísticas, inclusive nos espaços para além dos muros escolares, preoquei-me ao constatar a pouca ou nenhuma observância à disciplina de Arte. Minha constatação, infelizmente, se estende aos atuais dias, pois percebo que a Arte, no ambiente escolar, não é vista como um saber construído a partir de processos criativos, mas puramente como um componente curricular, refletindo uma sociedade mecanicista e industrial. Essa forma de enxergar a Arte deve ser desconstruída se quisermos que seu ensino seja transversal.

Atualmente sou servidora efetiva do Estado do Ceará, tendo ingressado por meio de seleção pública no cargo de professora de Artes em escolas de ensino médio, a partir de março de 2021. Com uma maior bagagem teórico-prática, hoje consigo ter uma percepção mais nítida e objetiva da importância da sensibilização artística dos jovens por meio de experiências estéticas como o teatro, a poesia e outras tantas linguagens e abordagens artísticas.

O trabalho desenvolvido em sala de aula tem um significado muito grande diante da minha prática pedagógica, tendo em vista que procuro promover a aprendizagem de forma lúdica, envolvendo o aluno diante das práticas propostas em sala. E, ao lecionar a disciplina de Arte, despertou-se em mim a reflexão de aprimorar essa prática através de uma atuação envolvente. Dessa forma, a poesia é uma das abordagens que venho utilizando, de forma mais efetiva, e que percebo que tem disponibilizado um universo de possibilidades para desenvolver o meu trabalho.

A presença da poesia como modo de promover a aprendizagem tem uma importância singular e se reflete diretamente no crescimento do aluno. De acordo com os pesquisadores e educadores Jacilene da Cruz e Elialdo Rodrigues Oliveira (2023) a poesia na sala de aula ainda é algo que deixa a desejar e pensar nela como meio de promover a aprendizagem pode ser uma possibilidade efetiva. Os autores destacam que:

O primeiro ponto para estabelecer um elo que me leva a defender o trabalho em sala de aula com o texto poético é, sem dúvida, o mais importante entre todos: a formação do leitor. Em segundo lugar, é próprio do gênero poético, que engloba conhecimento que vai desde a pronúncia das palavras, enredando-se pelo vocabulário e regras, finalizando no uso da língua como

um todo indivisível. O terceiro ponto é aquele que faz a fusão entre a racionalidade e a invenção, entre o real e o imaginário e, voltando o pensamento, encontro nele a afirmação de que “Cada imagem – ou cada poema composto de imagens – contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los”, a leitura do poema exige um trabalho mental onde a imaginação vai traçar uma parceria indissolúvel com o intelecto para que as imagens que o poeta constrói possam ser “decodificadas” pelo leitor (CRUZ; OLIVEIRA, 2023, p.114).

Acredito que minha pesquisa dialoga com os autores supracitados, ao observar que a poesia é uma forma estética que pode ser empregada em sala de aula proporcionando experiências exitosas, e que tem um sentido extremamente importante para aquisição do conhecimento. O trabalho com a poesia em sala de aula não é apenas racional, é também sensorial e imaginativo, permeia as mais diversas dimensões que envolvem a formação do aluno, inserindo nesse rol os saberes de ordem artística, sensorial e, portanto, sensível. Desse modo, a maneira prática, performática e imersiva com que os alunos experimentaram a poesia das formas mais diversas, nas oficinas realizadas durante a pesquisa de campo desse estudo, na EEMTI Lions Club, e como essas vivências reverberam na forma como os estudantes passaram a perceber as diversas dimensões da relação sonora e experimental com o poema, reitera e contempla a ideia da importância do texto poético para a formação do leitor e o gosto pela poesia.

Considerando esse contexto teórico e vivencial, minha pesquisa de mestrado tem como objetivo geral fomentar o envolvimento dos estudantes em experimentações e produções artísticas diversas, tendo a poesia e suas sonoridades como recurso pedagógico, a fim de que possam experimentar seu potencial expressivo e de criação artística, com a finalidade de que percebam a importância da leitura de textos não convencionais e seus desdobramentos poéticos e artísticos, incluindo o aspecto corporal. Assim, oficinas de criação artística, a partir do texto poético, realizadas na EEMTI Lions Club com alunos do ensino médio durante o período letivo de 2024, envolveu experimentações artísticas pedagógicas que integraram poesia e sonoridade, permitindo que pesquisassem e expressassem suas emoções e criatividade de forma sensível e participativa.

A partir das atividades práticas e sensoriais desenvolvidas ao longo dos encontros semanais, que aconteciam no auditório e na sala de multimídias, os estudantes mergulharam nas sonoridades das palavras, expressando seus sentimentos, emoções e criatividade de forma diferente e divertida. Dessa forma, foi

possível criar um espaço de experiência estética que estimulou a escuta atenta, visto que a princípio ouvir o outro era um grande desafio, assim como desenvolver a confiança, a presença e o trabalho em grupo, enriquecendo o processo de criação artística. As ações desenvolvidas incentivaram reflexões críticas e ampliaram a compreensão dos alunos, que participaram ativamente de performances, exercícios sonoros e discussões, demonstrando curiosidade e engajamento com as propostas realizadas.

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é a pesquisa-ação, por se tratar de um enfoque colaborativo e participativo, onde os alunos não são apenas pesquisados, mas ao mesmo tempo pesquisadores, que buscam a resolução de problemas e a melhoria de práticas através da ação e da reflexão contínuas. Tal abordagem caracteriza-se pela integração entre a teoria e a prática, onde o pesquisador e os participantes trabalham juntos para identificar problemas, implementar ações e avaliar os resultados.

O professor e pesquisador David Tripp (2005) afirma que a pesquisa-ação é uma metodologia que possibilita aos profissionais da educação a análise crítica de suas práticas, promovendo mudanças que visam a melhoria do processo de ensino e da aprendizagem. Ele complementa que essa abordagem é cíclica, pois envolve planejamento, ação, observação e reflexão, possibilitando ao professor/pesquisador ajustes contínuos ao longo do processo. Ao refletir e investigar o tema em questão, nessa pesquisa busco não só entender, mas também valorizar a poesia e as artes no contexto escolar, promovendo uma visão mais inclusiva e crítica do papel da arte na educação.

Para tanto, tenho percebido, através de minhas experiências nas escolas de educação básica por onde passei, que a trajetória da poesia infanto-juvenil mostra que, ao ser incluída no cotidiano escolar, tem sido desviada de sua essência poética, do seu papel enriquecedor da vivência humana, para funcionar como intermediária da aprendizagem doutrinário-burguesa, perdendo sua identidade literária, para impor normas e valores, impossibilitando a função da poesia como elemento literário e artístico na sala de aula. O foco dessa dissertação está na percepção do modo como os alunos se envolveram em um projeto artístico que aliou poesia e sua sonoridade como ferramenta pedagógica tendo como perspectiva o envolvimento expressivo e criativo de discentes da EEMTI Lions Club.

Estruturado em três capítulos principais, a pesquisa destaca a metodologia adotada, a importância da poesia na educação e as experiências artísticas e pedagógicas de criação desenvolvidas junto aos estudantes. O Capítulo 1, intitulado *Caminhos da poesia: da oralidade à contemporaneidade*, apresenta um breve panorama acerca das origens da poesia, as produções poéticas brasileiras do colonialismo até a metade do século XX e seus trajetos no circuito educacional, além de uma análise da literatura que fundamenta a importância da poesia na educação. São discutidos alguns estudos e teorias que demonstram como a poesia pode estimular a criatividade, a imaginação e a expressão emocional dos alunos.

O Capítulo 2, cujo título é *A poesia como recurso artístico e pedagógico: desafios e possibilidades*, discute, a partir de um contexto contemporâneo, onde as questões sociais, políticas e culturais se entrelaçam de maneira dinâmica com a poesia, fazendo dela uma importante via de reflexão e expressão. Sua presença na educação pode proporcionar uma série de benefícios, mas também enfrenta desafios que precisam ser discutidos e superados.

Já o Capítulo 3, intitulado *Poesia e sonoridades como meio de criação artística: reverberação na sala de aula*, investiga a riqueza sonora dos textos poéticos e seu impacto no ensino-aprendizagem. Ao incorporar a sonoridade nos textos poéticos, busco despertar nos estudantes uma sensibilidade estética e um entendimento mais profundo das nuances linguísticas e culturais. Através de atividades práticas com cordéis, poemas, *haikais*, canções e poesia sonora, procuro incentivar a criatividade e a expressão artística dos alunos. Este capítulo oferece uma análise das experiências realizadas juntos aos educandos, evidenciando os benefícios e desafios encontrados no uso da poesia como recurso pedagógico, com a finalidade de despertar nos estudantes a sensibilidade artística, a capacidade de expressão verbal, além de estimular o pensamento crítico e a empatia.

2. CAPÍTULO I

CAMINHOS DA POESIA: DA ORALIDADE À CONTEMPORANEIDADE

Neste Capítulo, trago reflexões de alguns autores acerca da poesia, destacando algumas perspectivas históricas e sua importância em diversos contextos. Busco compreender como a poesia se manifesta e é experimentada no contexto brasileiro, com base nas obras de autores como Bruno Duarte, Lidiane Leal e Rogério Canedo. Partindo da análise desses autores, destaco poetas e trechos de suas obras como, por exemplo, Bento Teixeira, autor de *Prosopopeia*, considerado o primeiro poema reconhecido pela elite intelectual colonial do Brasil: Gregório de Matos, conhecido como o *Boca do Inferno* e seu poema *A cidade da Bahia*; Gonçalves Dias e sua *Canção do Exílio*; entre outros, que revelam a existência e importância da musicalidade e da oralidade na construção dos sentidos poéticos.

Através da pesquisa bibliográfica, estabeleço um diálogo entre a teoria e a prática, aproximando a pesquisa acadêmica da sala de aula. Afinal, como podemos vivenciar a poesia sem antes compreendê-la em sua complexidade? Ao longo desta investigação, questiono como as sonoridades da poesia podem ser abordadas no ensino de arte, ampliando as possibilidades de interação dos estudantes com a linguagem poética.

Identificando as diferentes formas de como as sonoridades se manifestam na poesia brasileira, construo um suporte para propor atividades que possibilitem aos alunos vivenciarem a poesia de forma ativa e criativa. Através da exploração de elementos como o ritmo, a melodia e a textura sonora, busco sensibilizá-los para a percepção auditiva, a expressão vocal e a criação de narrativas sonoras. Acredito que essa abordagem contribuirá para uma aprendizagem mais significativa e prazerosa, aproximando os alunos da arte, da cultura e, sobretudo, do texto poético.

2.1 Das vozes antigas aos registros: oralidade, antiguidade e colonização

De acordo com o autor e educador Bruno Duarte (2019) a poesia é uma forma de expressão artística que tem raízes profundas na história da humanidade. Sua origem remonta aos primórdios da linguagem e da comunicação humana. Antes mesmo da escrita ser desenvolvida, os primeiros seres humanos já se comunicavam através de gestos, sons e, muito provavelmente, rituais que envolviam elementos

poéticos. Os primeiros vestígios de poesia podem ser encontrados em tradições orais de culturas antigas, nas quais a palavra falada tinha um poder mágico e ritualístico. Muitas vezes, essas poesias eram transmitidas de geração em geração, preservando mitos, histórias e crenças fundamentais para o senso de pertencimento de um povo.

A história da poesia se destaca com o desenvolvimento da escrita, a qual ganhou novas formas de registro e disseminação. Civilizações antigas como os sumérios, egípcios e os chineses deixaram registros escritos de poemas que abordam temas variados, desde a natureza até as reflexões filosóficas sobre a existência humana. A exemplo disso, os sumérios usavam tábuas de argila para escrever suas poesias épicas, que narravam os importantes acontecimentos de seus heróis e a criação do mundo. Já a poesia ocupou um lugar central na cultura chinesa, pois era considerada uma das mais altas formas de expressão artística. Os poetas chineses exploraram os mais diversos temas, como a natureza e o amor, além de abordar a política e a filosofia.

A África, com sua imensa variedade de línguas e culturas, é um continente onde a poesia floresceu de forma rica e diversificada. A oralidade desempenha um papel central na transmissão dessa arte, com os poetas atuando como guardiões da história e da identidade de seus povos. A poesia africana antiga estava intrinsecamente ligada aos aspectos mais profundos da vida comunitária, como rituais religiosos, ciclos da natureza e celebrações, refletindo a complexidade e a beleza das diversas culturas desse continente.

Por certo que a poesia africana, com sua riqueza e diversidade, possui uma história tão antiga quanto a própria humanidade. Contudo, devido a inúmeros motivos históricos e sociais, como o colonialismo e o eurocentrismo, essa tradição poética muitas vezes foi e tem sido menosprezada ou até mesmo invisibilizada. Os egípcios possuíam uma rica e importante tradição poética, registrada em hieróglifos em papiros e monumentos. Seus poemas retratavam temas como o amor, a morte, a religião e a natureza. Os *griots*, do Oeste da África, eram poetas e historiadores que transmitiam oralmente as histórias e genealogias de suas comunidades. Já os povos bantu, espalhados por grande parte da África subsaariana, desenvolveram uma rica tradição poética, com poemas sobre a natureza, a ancestralidade e a vida comunitária.

De acordo com Duarte (2019), a diversidade e a riqueza das poesias escritas por essas civilizações antigas demonstram como a humanidade, desde tempos mais remotos, buscava expressar seus sentimentos, ideias e experiências

através da palavra poética. Estas obras deixaram um legado duradouro, influenciando a literatura de todas as culturas. Os temas, as técnicas e as emoções expressas nesses poemas continuam a ressoar em nossos corações e mentes, mostrando-nos a universalidade da experiência humana. A jornada da poesia, desde o seu início nas tradições orais até a sofisticação das civilizações antigas, também mostra que a expressão poética tem sido um meio de comunicação da alma humana a todas as coisas e pessoas.

Antes mesmo da chegada dos europeus, a terra que hoje chamamos de Brasil já era palco de ricas tradições poéticas, preservadas oralmente pelos povos indígenas. Suas narrativas, cantos e mitos expressavam uma profunda ligação com a natureza e a espiritualidade, compondo uma parte essencial da nossa formação cultural. Embora muitas dessas manifestações não tenham sido registradas nos moldes europeus da escrita, elas representam a poesia viva dos primeiros habitantes deste território. Assim como a influência africana, que já citamos, a contribuição ameríndia é fundamental para entender a diversidade e a complexidade da nossa literatura, que vai muito além da herança europeia.

A chegada dos europeus e o processo de colonização da América moldaram poeticamente a produção brasileira. A influência europeia, em especial a cultura portuguesa, é notória nas primeiras manifestações literárias brasileiras, que, embora buscassem a construção da expressão cultural do povo brasileiro, ainda carregavam os modos de pensar do colonizador europeu. Assim, da transição entre a tradição oral e os primeiros registros escritos podemos ver o impacto das transformações sociais e culturais, o que não é diferente em território brasileiro. A complexidade e a riqueza da poesia como forma de expressão e resistência saltam nítidas para nossos olhos. Nesse espírito, aparecem autores como Gregório de Matos, considerado um grande poeta barroco brasileiro, e sua poesia marcadamente satírica e barroca. É uma tentativa de harmonizar os valores culturais da Europa com a realidade social desta colônia.

Conforme ressaltam os professores e pesquisadores Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira, Eliane Santana Dias Debus e Fernando José Fraga de Azevedo (2019), a poesia no Brasil, em suas fases iniciais, muitas vezes refletiu e foi moldada pela narrativa colonizadora. Poetas dos períodos barroco e romântico frequentemente moldavam suas obras para atender às expectativas e padrões culturais impostos pelos colonizadores europeus. Suas produções refletiam uma

estética inspirada nos clássicos greco-romanos, marcada pela rígida hierarquia social e pela forte influência da Igreja Católica. Essa presença europeia se manifesta na idealização da terra e dos povos nativos sob uma ótica estrangeira, em vez da valorização das realidades locais (SILVEIRA, 2019).

Além disso, a colonização não apenas modelou a literatura, mas também proporcionou grande impacto na formação da chamada identidade cultural brasileira. Por sua vez, a poesia enquanto manifestação de arte e de expressão, serviu como um espelho que refletia as realidades sociais e políticas da época, onde a luta por reconhecimento e autonomia se entrelaçava com a influência europeia. Inclusive, muitos poetas utilizam como tema central de suas obras a relação complexa entre colonizadores e colonizados, marcada por desigualdades e conflitos e um contexto histórico repleto de contradições.

O impacto da colonização na poesia brasileira é, portanto, um fenômeno multifacetado que vai além da mera imitação de estilos europeus. Na medida em que o Brasil evoluiu e começou a se desvincular das amarras coloniais, a poesia também passou por transformações significativas. Poetas contemporâneos têm buscado se distanciar dos ideais coloniais, celebrando a diversidade cultural e a riqueza das tradições brasileiras. O diálogo entre as vozes do passado e as inovações do presente moldará o que podemos esperar para o futuro da poesia no Brasil, destacando a importância de reconhecer e valorizar as narrativas locais em todas as suas formas.

Assim sendo, a evolução da poesia no Brasil é um testemunho do poder da literatura como um veículo de resistência e reinvenção. Os poetas que atuaram no período do colonialismo, apesar de suas restrições, pavimentaram o caminho para uma expressão mais livre e diversificada. Hoje, a poesia é uma forma contínua de diálogo cultural, mostrando as complexidades da sociedade brasileira e de suas mudanças constantes. O diálogo entre as vozes do passado e inovações presentes dará forma ao que se espera da poesia brasileira, salientando a importância de reconhecer as narrativas locais em todas as suas formas.

Entretanto, ao longo do predomínio da sociedade colonial brasileira, esta caracteriza-se por sua complexidade e contradições, que se manifestavam diretamente na criação poética da época. Esta era profundamente hierarquizada e os colonizadores portugueses ocupavam postos de poder, já os africanos escravizados e indígenas ocupavam a base da pirâmide social. Essa divisão hierárquica se refletia na poesia, que muitas vezes valorizava a figura do colonizador e menosprezava os

povos originários. A Igreja Católica, por sua vez, exercia seu domínio sobre a sociedade e a poesia era frequentemente utilizada para promover os valores religiosos e fortalecer o poder da Igreja.

Outra característica relevante dessa época, que se refletia nos temas abordados nas obras dos autores, era a economia. Esta se apoiava na exploração de recursos naturais como o ouro e o pau - brasil, sendo muito comum, na poesia desse período, a comemoração do poder e da riqueza da colônia, sem pensar nos danos e prejuízos sociais e ambientais causados por essas explorações. As mulheres, por sua vez, ocupavam papel de submissão na sociedade e eram predestinadas desde a infância às tarefas domésticas e de cuidados. A poesia, em sua maioria, distinguia e reforçava esses papéis sociais tradicionais, relacionando a figura da mulher a um ser frágil e dócil, esposa e mãe, exaltando o patriarcado através da força e poder dos homens.

Dessa forma, a sociedade colonial brasileira refletia seus princípios e valores de maneira significativa na poesia. Esta abordava temas como a religião, a pátria, o amor cortês, a natureza e a exploração. Utilizava linguagem rebuscada com muitas inversões e arcaísmos e tentava imitar a poesia clássica portuguesa que geralmente reforçava os valores da sociedade dominante, como o patriarcalismo, o clericalismo e a hierarquia social.

A poesia da época do colonialismo seguia padrões rígidos de metrificacão e rima, como o soneto e a redondilha maior, sendo um exemplo os sonetos de Gregório de Matos que escrevia com perfeição nessa métrica. Suas obras apresentavam um rico vocabulário e uma grande variedade de figuras de linguagem, seguiam as formalidades da poesia clássica, embora com certo desejo de libertação desse padrão, representado em sua carga emocional. Exemplo de soneto de Gregório de Matos:

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se tão formosa a Luz é da ternura,
Por que a beleza assim se transfigura?
Por que tão cedo o gosto se desvia?

Assim é a glória do Mundo, e passa,
Assim consolação, assim desgraça,
Assim a mais alta felicidade.

E como em tudo enfim se faz mudança,
Dê-se toda à ventura e à esperança
O que é quimera, e acaba em saudade.

As escolas implementadas no Brasil, após a invasão portuguesa em território nacional nomeada, à época, como "descobrimto do Brasil", tiveram como parâmetro a cultura europeia portuguesa e, conseqüentemente, suas referências próprias de poesia, tais como caráter informativo e pedagógico, caracterizando-se pelos detalhes, exagero e rebuscamento. Nesse contexto, o primeiro poema reconhecido pela elite intelectual colonial como literatura no Brasil é *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, publicado em 1601.

Com estilo épico, inspirado em Luís de Camões, *Prosopopeia* foi dedicada ao então governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho. Nas estrofes selecionadas é possível destacar características marcantes como: versos rimados, riqueza de detalhes, exaltação do catolicismo, como pode ser observado nos versos a seguir: "*Vereis seu Estandarte derribado / Aos Católicos pés vitoriosos*". Há, também, uma linguagem rebuscada, no trecho "*sinil ânimo arriscado*" e "*carro triunfal, com seu tridente*". Além do caráter informativo, tem um tom pedagógico.

Prosopopeia

(...)

Vereis um sinil ânimo arriscado
A trances e conflitos temerosos,
E seu raro valor executado
Em corpos Luteranos vigorosos.
Vereis seu Estandarte derribado
Aos Católicos pés vitoriosos,
Vereis em fim o garbo e alto brio
Do famoso Albuquerque vosso Tio.

(...)

O qual vindo da vã concavidade,
Em Carro Triunfal, com seu tridente,
Traz tão soberba pompa e majestade,
Quanta convém a Rei tão excelente.
Vem Oceano, pai de mor idade,
Com barba branca, com cerviz tremente:
Vem Glauco, vem Nereu, Deuses Marinhos,
Correm ligeiros Focas e Golfinhos.

O autor e pesquisador Luciano Marcos Dias Cavalcanti (2019) destaca que a poesia no Brasil é uma expressão cultural rica e diversificada que reflete os diferentes períodos históricos do país. Desde os primórdios da colonização até os dias atuais, a poesia brasileira tem sido um meio para a expressão de identidade, protesto, amor e crítica social. Na contracorrente de Bento Teixeira, entretanto, Gregório de Matos, conhecido como “Boca do Inferno” por sua crítica mordaz à sociedade e à hipocrisia religiosa de seu tempo, produz uma obra permeada de sátira e ironia, conforme pode ser visto no poema a seguir:

A cidade da Bahia

A cada canto um grande conselheiro,
que nos quer governar cabana, e vinha,
não sabem governar sua cozinha,
e podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,
que a vida do vizinho, e da vizinha
pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
trazidos pelos pés os homens nobres,
posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
todos, os que não furtam, muito pobres,
e eis aqui a cidade da Bahia.

2.2 Evolução poética: Barroco, Romantismo e as inovações do Modernismo

Como já dito anteriormente, a história da poesia brasileira é marcada por movimentos e estilos que revelam a história, as transformações sociais e culturais pelas quais o país viveu. Da rigidez e formalidade evidenciadas no período Barroco à liberdade criativa do Modernismo e às formas poéticas mais contemporâneas, a poesia brasileira vem se transformando ao passar dos tempos, no intuito de oportunizar às pessoas mais diversas a possibilidade de expressar suas ideias, sentimentos, emoções e experiências. No período colonial, o Barroco representou o início da produção poética no Brasil, marcada por forte influência portuguesa, uso da linguagem rebuscada, de metáforas complexas, dualidades e forte ligação com

religiosidade. Nessa época a poesia tinha, primordialmente, função pedagógica e informativa.

Porém, a partir do Romantismo no século XIX, a poesia brasileira passou por uma transformação significativa, segundo Canedo (2019). Era um tempo de maior diálogo da poesia com os valores e as aspirações de uma nação em formação. Podemos destacar alguns importantes poetas românticos da época: Álvares de Azevedo, retratando o amor através de seus poemas *Passei Ontem a Noite Junto e Meu Desejo Dela*; Castro Alves, considerado o poeta dos escravos, com seu icônico *Navio Negreiro*; e Gonçalves Dias e seu épico *Juca-Pirama*. Eles exploraram temas como a natureza exuberante do Brasil, o amor idealizado e a luta pela liberdade. A poesia romântica brasileira é marcada por uma forte carga emocional e por uma busca pela chamada identidade nacional. Como podemos observar nos versos do poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.
 Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar — sozinho, à noite —
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, surgiram movimentos literários que buscavam romper com o idealismo e a subjetividade marcantes no Romantismo. Este, por sua vez, havia se afastado das rígidas normas clássicas, valorizando antes de tudo a liberdade de criação, a expressão dos sentimentos

individuais, a exaltação da natureza e dos heróis nacionais. No entanto, o excesso de emoção e a espontaneidade romântica acabaram gerando uma reação contrária: o Parnasianismo. Essa nova escola poética, bastante prestigiada em sua época e nas gerações seguintes, defendia um retorno ao rigor formal, à perfeição estética e à poesia como uma arte pela arte, sem o sentimentalismo exagerado.

Assim, os parnasianos buscavam a construção de versos impecáveis, com métrica e rima precisas, cuidando da forma como um escultor cuida de sua obra-prima, trazendo para o centro da criação a beleza objetiva e o equilíbrio formal. De certa maneira, essa valorização da técnica e da perfeição lembra o rigor do Barroco na preocupação com a estrutura e a ornamentação do texto. No entanto, enquanto o Barroco carregava em seu conteúdo uma intensa tensão entre o divino e o terreno, o Parnasianismo afastava-se da emoção e da religiosidade, defendendo a arte pela arte, focada apenas na estética.

O legado parnasiano foi duradouro, influenciando não apenas a maneira como os poetas passaram a compor seus versos, mas também o modo como leitores e apreciadores da poesia passaram a valorizar a precisão formal e o cuidado técnico. Um dos principais nomes desse período é Olavo Bilac, poeta que privilegiava a forma e a técnica, buscando sempre a perfeição formal e a objetividade, como podemos perceber nos versos que se seguem:

Ora (dizeis) ouvir estrelas!

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto ...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

(...)

Já o Simbolismo, tendo como um importante representante o autor Cruz e Sousa, tinha como foco a subjetividade e os aspectos mais obscuros da alma humana. É um movimento literário que surgiu por volta do final do século XIX e exerceu influência significativa na poesia. Os poetas simbolistas, por sua vez, buscavam a

valorização da subjetividade, da livre expressão das emoções e pensamentos. A musicalidade presente nos versos, com o uso de aliterações, assonâncias e outras figuras de som, foi de extrema importância para criar atmosferas e sensações. Essa busca pela musicalidade influenciou a poesia posterior, que passou a valorizar a sonoridade dos versos. Cruz e Sousa assim escreve:

Mar

Que nostalgia vem das tuas vagas,
Ó velho mar, ó lutador Oceano!
Tu de saudades íntimas alagas
O mais profundo coração humano.

Sim! Do teu choro enorme e soberano,
Do teu gemer nas desoladas plagas
Sai o quer que é, rude sultão ufano,
Que abre nos peitos verdadeiras chagas.

(...)

Em seguida, nos anos 1920, houve um divisor de águas para a história da poesia. Segundo Cavalcanti (2019), no Modernismo, que no Brasil teve seu início mais especificamente no ano de 1922, com a realização da Semana de Arte Moderna, a poesia brasileira passou por uma verdadeira revolução. Autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira romperam com as formas tradicionais de expressão e buscaram uma linguagem mais próxima da oralidade e da realidade brasileira. O movimento modernista foi marcado pela experimentação formal, pelo uso de linguagem coloquial e pela valorização da cultura popular. Destaco um dos poemas de Manuel Bandeira:

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo

Subirei no pau-de-sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio
 Mando chamar a mãe-d'água
 Pra me contar as histórias
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcalóide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para a gente namorar
 (...)

O Modernismo, assim, foi um movimento artístico e literário que promoveu uma separação radical com os valores e padrões estéticos e temáticos que predominavam na literatura brasileira anteriormente. Pode-se dizer que os artistas modernistas brasileiros romperam com os padrões estéticos e formais da poesia parnasiana e simbolista que lhes antecedeu, abandonando o academicismo, a valorização das formas fixas e o rebuscamento, buscando a liberdade criativa e a experimentação.

A partir de então os autores modernistas adotaram versos livres em suas poesias e integraram elementos da língua falada, como o coloquialismo. Dedicaram-se a variados temas do cotidiano em suas obras, como a vida urbana, a industrialização, a cultura popular, as questões sociais, entre outros, com o objetivo de tornar a poesia mais autenticamente brasileira aproximando-a das pessoas. Apesar da busca pela tão anunciada autêntica identidade nacional, os modernistas também faziam críticas aos problemas existentes no país: desigualdades sociais, exploração, racismo, como podemos observar nos versos que se seguem do poema de Mário de Andrade, *Ode ao Burguês*:

(...)
 Eu insulto o burguês-funesto!
 O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
 Fora os que algarismam os amanhãs!
 Olha a vida dos nossos setembros!
 Fará Sol? Choverá? Arlequina!

Mas à chuva dos rosais
 o êxtase fará sempre Sol!
 Morte à gordura!
 Morte às adiposidades cerebrais!
 Morte ao burguês-mensa!
 ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
 Padaria Suíça! Morte viva ao Adriano!
 "— Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
 — Um colar... — Conto e quinhentos!!!
 Mas nós morremos de fome!"

Além do renomado Mário de Andrade, considerado um dos principais poetas e romancistas, com sua *Pauliceia Desvairada*, marco da literatura modernista brasileira, outros nomes fizeram história nessa época. São eles Oswald de Andrade, com sua proposta de uma antropofagia cultural e seus poemas repletos de humor e ironia; e Carlos Drummond de Andrade, poeta popular brasileiro, que trazia em suas poesias, de maneira direta e simples, as condições humanas, a solidão, a passagem do tempo. Portanto, o Modernismo deixou uma importante contribuição, não somente para a poesia, mas para a arte e a cultura brasileira, que tornou-se mais atenta à sua diversidade cultural e mais livre em termos formais e temáticos.

A partir da segunda metade do século XX, surgiram novos movimentos poéticos, como o Concretismo, que valorizava a visualidade do poema, e a Poesia Marginal, que se caracterizava pela irreverência e pela crítica social. Autores como Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Paulo Leminski foram importantes representantes desses movimentos. Segue um dos poemas de Leminski:

Atraso Pontual

Ontens e hojes, amores e ódio,
 adianta consultar o relógio?
 Nada poderia ter sido feito,
 a não ser o tempo em que foi lógico.
 Ninguém nunca chegou atrasado.
 Bençãos e desgraças
 vem sempre no horário.
 Tudo o mais é plágio.
 Acaso é este encontro
 entre tempo e espaço
 mais do que um sonho que eu conto
 ou mais um poema que faço?

Nos dias atuais, a poesia brasileira continua a ser uma forma de expressão vibrante e diversificada. Poetas contemporâneos exploram uma ampla gama de temas

e estilos, utilizando novas mídias e tecnologias para alcançar um público cada vez mais amplo. Ela permanece como uma voz poderosa na busca pela expressão individual e pela reflexão sobre a sociedade e o mundo ao nosso redor (CRUZ; OLIVEIRA, 2023). Ela sempre foi, e continua sendo até os dias de hoje um meio pelo qual os poetas expressam seus ideais, sentimentos e emoções, a partir de temas como amor, dor, perda, esperança, medo e identidade. Ainda nos dias de hoje a poesia viabiliza a reflexão sobre a sociedade e o mundo e possibilita a denúncia e a crítica às desigualdades, violências, preconceitos e tantas outras mazelas que afetam a sociedade.

Nesse sentido, vale destacar as poesias negras e indígenas contemporâneas, que através de seus versos cheios de representatividades têm demonstrado resistência e afirmação identitária de povos que viveram e seguem às margens da sociedade. Poetas contemporâneos como Márcia Kambeba, Bia Ferreira, Conceição Evaristo, Emicida, Criolo, entre outros, dedicam-se a temáticas sobre a terra, a ancestralidade, questões raciais e de gênero, demonstrando como a poesia continua sendo um meio de expressão atual e forte.

As plataformas digitais como Instagram e TikTok têm sido espaços de democratização e divulgação de poesia contemporânea, tornando-a mais acessível e conectada ao cotidiano das pessoas. Portanto, a afirmativa de Cruz e Oliveira (2023) se comprova tanto pelo histórico da poesia no Brasil quanto por seu papel atual na expressão individual e no debate social. A poesia continua a ser uma forma de arte que não apenas emociona, mas também transforma, questiona e dá voz a diferentes experiências e realidades.

2.3 Poesia no Brasil: vozes e resistências

A poesia no Brasil também encontrou expressão rica e diversificada nas vozes dos povos indígenas, afrodescendentes e das periferias, cada um trazendo perspectivas únicas que desafiam e enriquecem a narrativa histórica. Para os povos indígenas, a poesia é um meio vital de preservar e transmitir suas tradições, mitos e histórias orais, muitas vezes incorporando elementos da natureza e da espiritualidade que refletem uma profunda conexão com suas terras e culturas. No contexto atual da diáspora africana, a poesia afrocentrada emerge como uma forma poderosa de

afirmar identidade, resistir ao apagamento cultural e celebrar a herança africana (RÊGO; OLIVEIRA; TOLOMEI, 2021).

A poesia no Brasil sempre foi um território de disputas, no qual há certas vozes que lutam para serem ouvidas, cujas narrativas resistem ao apagamento e a terem sua arte considerada com menor valor e pouco reconhecimento. Dentro desse cenário, a literatura negra emerge como uma forma potente de denúncia e reafirmação identitária, sendo um espaço no qual a oralidade, a ancestralidade e a experiência coletiva se entrelaçam para reconstruir histórias que, muitas vezes, foram silenciadas. É nesse contexto que se insere a escrita de Conceição Evaristo, uma das mais importantes autoras contemporâneas na luta por uma poética da afro-brasilidade.

Conceição Evaristo criou o conceito de *escrevivência* – junção de escrita e vivência –, visto que para ela a escrita de si é inseparável das experiências vividas. Sua poética não se trata apenas de contar histórias, mas de registrar as experiências reais do povo negro, especialmente das mulheres negras, em um Brasil marcado pela desigualdade racial e social. De acordo com a renomada autora, "nossas escrevivências não podem ser lidas como histórias de vidas individuais, pois são antes de tudo registros de uma coletividade" (EVARISTO, 2017, p. 26). Suas produções em nada se assemelham com as ideias eurocêntricas da literatura. Ela afirma uma estética que valoriza a memória, o corpo e a resistência daqueles que historicamente foram marginalizados, como pode ser observado no poema a seguir:

Poesia Vozes Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
(...)

Desse modo, a população das periferias urbanas vê e utiliza a poesia como uma forma de expor as realidades caracterizadas pelas dificuldades e desigualdades vividas. Através de versos descrevem suas vivências: a violência, a falta de oportunidades e a resistência cotidiana, ou seja, a poesia das periferias retrata bem os desafios enfrentados pelos moradores desses espaços.

De acordo com Duarte (2021), ao longo da história a poesia continuou a alterar-se, adaptando-se às mudanças culturais, políticas e tecnológicas. Desde os sonetos de Shakespeare até as experimentações formais do modernismo e da poesia contemporânea, os poetas têm buscado novas maneiras de expressar suas visões de mundo, suas emoções e suas experiências pessoais. A relação existente entre a poesia e a resistência é um eixo central da produção literária afro-brasileira, pois a palavra escrita ou falada não apenas representa, mas reflete e reverbera nas mais diversas realidades. A literatura negra no Brasil, como retrata o professor Duarte, é "um espaço de enfrentamento das hegemonias, onde o texto se torna arma e refúgio" (2021, p. 87). Assim, a poesia tanto pode ser escrita para luta e resistência como para acolhimento e proteção daqueles que escrevem e leem.

Essa realidade de disputas também pode ser percebidas nos *slams* – batalhas de poesia falada que se tornaram importantes manifestações da juventude periférica – trazendo temas vividos pelas comunidades como: racismo, violência, gênero e identidade. Ao abordar o *slam* como experiência prática com os estudantes da EEMTI Lions Club, em Crateús (CE), esta pesquisa reconhece a força da palavra poética, acompanhada das mais diversas sonoridades, como meio de expressão e transformação social, uma ideia alinhada ao pensamento de Conceição Evaristo.

A tradição oral africana, trazida para o Brasil pelos povos escravizados, nunca se perdeu completamente. Pelo contrário, ela se reinventou em cordéis, cantos, lamentos, capoeira e poesias que pulsam e dão vida às periferias, nos quilombos urbanos e nas rodas de resistência (GONÇALVES, 2020, p. 143). É nessa resignificação da voz que reside a potência da poesia negra no Brasil, transformando dor em arte, silêncio em grito.

Ao trazer para a pesquisa poetas como Conceição Evaristo, Marcia Kambeba e Aretha Tabajara, busquei ampliar o repertório dos estudantes, aproximando-os de uma poesia que dialoga com suas origens e vivências. Como bem aponta Evaristo, "quando escrevemos, colocamos o corpo inteiro na palavra" (2018, p. 33), e essa corporeidade poética se torna essencial na proposta de trabalhar a performance e a sonoridade como formas de apropriação e ressignificação do texto literário.

Dessa forma, a inserção da poesia negra e da poesia oral em sala de aula não é apenas um exercício estético, mas um ato político e pedagógico, uma maneira de proporcionar aos estudantes um espaço para que suas próprias *escrevivências* possam florescer. Afinal, como lembra Bell Hooks, "a educação como prática da liberdade exige que reconheçamos e celebremos nossas próprias vozes" (2019, p. 112). E a poesia, especialmente aquela que nasce da resistência, é um dos caminhos mais poderosos para essa libertação.

Atualmente, a poesia persiste como uma forma de arte vibrante e relevante, capaz de provocar reflexões profundas, despertar emoções intensas e conectar indivíduos de diferentes culturas e contextos sociais. Com isso, de acordo com Bell Hooks, acredita-se que o fato de a poesia ter surgido por uma necessidade intrínseca de expressão humana continua presente e a inspirar e encantar pessoas em todo o mundo.

Tal qual a poesia negra no Brasil emerge como um ato de resistência contra o apagamento histórico e cultural, a poesia indígena se manifesta como um grito ancestral, uma forma de reafirmação de identidade de povos diversos que habitam esse país e de suas lutas pela preservação da existência e dos saberes tradicionais. Durante séculos, as narrativas indígenas foram invisibilizadas pelo pensamento colonial europeu, que reduziu as línguas originárias ao silêncio e os territórios indígenas à invisibilidade. Entretanto, a poesia dos povos originários resiste, trazendo consigo a força da oralidade, do canto, da natureza e da espiritualidade.

A poeta e ativista indígena Márcia Kambeba, do povo Kambeba, também conhecido como Omágua, que significa povo das águas, que atualmente vive em cinco aldeias na região do médio e alto Solimões e no baixo Rio Negro, traz em seus versos uma narrativa que mescla memória e denúncia, ao mesmo tempo em que reforça o vínculo sagrado com a terra. Márcia Kambeba assim escreve:

Silêncio Guerreiro

No território indígena,
O silêncio é sabedoria milenar,
Aprendemos com os mais velhos
A ouvir, mais que falar.

No silêncio da minha flecha,
Resisti, não fui vencido,
Fiz do silêncio a minha arma
Pra lutar contra o inimigo.

Silenciar é preciso,
Para ouvir com o coração,
A voz da natureza,
O choro do nosso chão,

O canto da mãe d'água
Que na dança com o vento,
Pede que a respeite,
Pois é fonte de sustento.

É preciso silenciar,
Para pensar na solução,
De frear o homem branco,
Defendendo nosso lar,
Fonte de vida e beleza,
Para nós, para a nação!

Para Márcia Kambeba, "ser poeta indígena é empunhar a palavra como flecha e a poesia como território" (2021, p. 54). Seu trabalho resgata a importância do pertencimento, combatendo estereótipos que tentam deixar os povos indígenas presos ao passado e ignorar suas lutas no presente. Esse olhar encontra respaldo na proposta desta pesquisa, que busca aproximar os estudantes do texto poético não apenas como um objeto literário, mas como um espaço de reconhecimento de identidades e, assim, contribuir para o fortalecimento cultural dos diferentes povos presentes no território nacional.

A poesia indígena se constrói na relação profunda com a sonoridade e com os ritmos da natureza. O canto é uma das principais formas de expressão poética dos povos originários, servindo tanto para narrar histórias quanto para conectar a comunidade ao mundo espiritual. Esse aspecto também se alinha ao foco desta pesquisa em experimentações sonoras com a poesia, pois trabalhar a musicalidade da palavra é também uma forma de resgatar essa viva tradição.

Auritha Tabajara, cordelista, poeta e contadora de histórias do povo Tabajara – atualmente localizado nos estados do Ceará, Piauí e Paraíba –, ressalta que "minha voz carrega o eco dos meus ancestrais, e cada palavra que declamo é uma semente lançada na terra" (2022, p. 29). A autora enfatiza o poder transformador da palavra, capaz de perpetuar a memória ancestral e influenciar o futuro. Segue um de seus poemas:

Iracema tabajara

Sou Auritha Tabajara,
Nascida longe da praia,
Fascinada pelas rimas
E melodia da jandaia.
No Ceará foi a festa,
Meu leito foi a floresta
Nas folhas de samambaia.
A minha essência ancestral
Me encontra cordelizando,
Faz me existir resistindo,
Ao mundo eu vou contando;
Que minha forma de amar
Ninguém vai colonizar,
Da arte sempre vou me armando.
Filha da mãe Natureza,
Mulher guerreira eu sou,
Com a força feminina
Cinco séculos galgou.
Cada vez mais sábia e forte,
Meu medo é somente a morte
Que o preconceito gerou.
(...)

A introdução da poesia indígena na sala de aula, especialmente através de oficinas práticas, é um caminho para romper com uma educação eurocêntrica e valorizar as vozes que foram historicamente silenciadas. Quando os estudantes entram em contato com a poesia de mulheres como Márcia Kambeba e Auritha Tabajara, são convidados a perceber que a literatura não é apenas um conjunto de textos distantes, mas um território de lutas, resistência e pertencimentos. Trabalhar a oralidade indígena dentro do contexto escolar possibilita uma aproximação com as raízes culturais brasileiras e uma nova percepção sobre o que significa fazer poesia.

Assim, a relação entre a palavra e o corpo, tão presente na poesia indígena, se conecta diretamente às práticas propostas nesta pesquisa, como a experimentação performática da poesia sonora e do *slam*. Como lembra Kambeba, "quando declamamos, não apenas dizemos as palavras: nós as habitamos" (2021, p. 66). Esse

entendimento é essencial para um ensino de poesia que vai além da leitura mecânica e se torna uma experiência de criação e expressão.

Complementa a professora e escritora Patrícia Anunciada de Oliveira (2020) que os povos indígenas reagiram à narrativa de pacificação com uma poesia que afirma sua conexão profunda com a terra e suas tradições culturais, ou seja, utilizavam a poesia para expressar a riqueza de suas culturas, mitos e modos de vida, tendo como finalidade celebrar a natureza, as histórias ancestrais e a espiritualidade. Os indígenas desafiaram a visão europeia de um "novo mundo" homogêneo e propuseram uma visão de diversidade e respeito pelas tradições indígenas.

Infelizmente, apesar das transformações que marcaram a evolução e enriquecimento do acervo de poesias brasileiras, durante todo esse longo período anteriormente relatado, a escola não tem conseguido levar esse importante gênero literário aos alunos de uma forma a esmiuçar seus aspectos que o diferenciam dos demais textos literários. Desde o período colonial até o final do século XX, a escola restringiu, quase que completamente, o uso da poesia para recitações em eventos do calendário escolar, estudos de gêneros literários e seus autores, exploração gramatical, reforço da alfabetização, simples aprendizado de rimas etc.

Segundo o pesquisador e doutor em literatura Canedo (2014), trabalhando dessa forma a poesia deixa de ser percebida como arte autônoma, capaz de demonstrar a subjetividade e a imaginação dos alunos, demonstrando que a escola ao longo dos anos tem tido dificuldades para o trabalho com a poesia na sala de aula, o que ainda se reflete nos dias atuais, embora de forma mais amena, graças ao trabalho inovador de alguns educadores e pesquisadores.

Assim, ao incluir a poesia indígena nas experimentações e investigação sobre poesia e suas sonoridades na EEMTI Lions Club, tive como intento ampliar o repertório dos estudantes e proporcionar um encontro com formas de poesia que resistem e se reinventam. Afinal, como ressalta Auritha Tabajara, "nossa voz é nossa raiz, e nossa raiz é nossa permanência" (2022, p. 41). E é justamente essa permanência, entre memória e reinvenção, que torna a poesia um espaço de resistência viva e necessária.

Com base nos trabalhos realizados com um grupo de alunos de primeiros e segundos anos da EEMTI Lions Club, percebi que este público estudantil se identifica, de forma considerável, com a poesia das periferias, através de nomes como Mano Brown, Mc Cabelinho, Emicida, Iza, Anitta, Ludmilla e tantos outros. Cada grupo

encontra nessas diversas poesias uma forma de expressar suas realidades e aspirações, bem como de se conectar com suas raízes culturais e sociais. Dessa maneira, podemos observar que a vivência desses alunos se reflete na sua própria história de vida, valorizando a cultura de seus descendentes e dando visibilidade e reconhecimento cultural e social a uma parte desconhecida do Brasil quando o assunto é poesia nas escolas, como destaca o professor Milton Sgambatti Júnior (2019). Nas palavras da cantora e compositora Bia Ferreira:

Cota não é esmola

Existe muita coisa que não te disseram na escola
 Cota não é esmola
 Experimenta nascer preto na favela pra você ver
 O que rola com preto e pobre não aparece na TV

Opressão, humilhação, preconceito
 A gente sabe como termina, quando começa desse jeito
 Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
 Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais

Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé
 Não tem dinheiro pro busão
 Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão
 E já que tá cansada quer carona no busão
 Mas como é preta, pobre, o motorista grita: Não!

E essa é só a primeira porta que se fecha
 Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
 Chega na escola, outro portão se fecha
 Você demorou! Não vai entrar na aula de história
 Espera, senta aí, já já dá uma hora
 Espera mais um pouco e entra na segunda aula
 E vê se não atrasa de novo, a diretora fala

Chega na sala, agora o sono vai batendo
 E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
 Se a passagem é 3, 80 e você tem 3 na mão
 Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'

E os amigos que riem dela todo dia
 Riem mais e a humilham mais
 O que você faria?

Ela cansou da humilhação e não quer mais escola
 E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola
 O tempo foi passando e ela foi crescendo
 Agora lá na rua ela é a preta do sovaco fedorento

Que alisa o cabelo pra se sentir aceita
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Você vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola!

(...)

As obras das referidas autoras, Conceição Evaristo, Marcia Kambeba e Aretha Tabajara, têm enorme relevância para a pesquisa aqui apresentada, pois utilizei a literatura, em diferentes formatos de texto poético, como uma valiosa forma de se trabalhar e oportunizar a expressão de sentimentos e emoções, a identidade, o reconhecimento e fortalecimento da ancestralidade, através da oralidade e, sobretudo, do lugar de fala da mulher preta, indígena e favelada.

3. CAPÍTULO II

A POESIA E SUAS SONORIDADES COMO MEIO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A poesia, com sua rica carga simbólica e emocional, tem sido historicamente negligenciada no ambiente escolar. Este Capítulo investiga os desafios que impedem a plena inserção da poesia na escola e as consequências dessa exclusão para a formação dos alunos. A análise se debruça sobre a formação docente, concepções de ensino e aprendizagem e o papel da poesia como importante ferramenta de ampliação de repertório subjetivo do aluno.

Ao longo do texto, serão sinalizadas as possibilidades de abordar a poesia como um processo pedagógico fundamental, capaz de estimular a criatividade, a sensibilidade e o pensamento crítico dos estudantes. O Capítulo aborda a ausência da poesia no ambiente escolar, destacando como essa manifestação artística tem sido desvalorizada no currículo educacional, muitas vezes em detrimento de outros textos considerados mais "práticos" ou "objetivos".

A formação do educador é apontada como um fator fundamental nesse processo, uma vez que muitos professores, por não estarem suficientemente preparados e sensibilizados para lidarem com a poesia, acabam desvalorizando-a em suas práticas pedagógicas. Nesse contexto, a poesia é vista apenas como uma forma literária e não como uma expressão artística essencial para a sensibilização crítica e criativa dos alunos. A questão do ensino da poesia, portanto, envolve uma reflexão sobre as metodologias utilizadas, a necessidade de reafirmar o prazer e a importância de tornar a poesia acessível e significativa dentro da educação formal.

3.1 Poesia e escola: diálogos e desafios

A trajetória da poesia brasileira, desde sua origem, tem mostrado que, ao ser ela incluída no cotidiano escolar, vem sendo desviada de sua essência poética, artística e do seu papel enriquecedor da vivência humana para funcionar como intermediária de outras atividades escolares. Não há dúvida alguma de que dentre os gêneros literários, a poesia certamente tem sido um dos mais negligenciados pela escola, pois apesar da massificação da produção poética destinada à infância e à

juventude, não tem havido um trabalho efetivamente significativo com a poesia no âmbito escolar, segundo o professor Paulo Andrade (2023).

Infelizmente a concepção que a maioria das escolas e educadores têm do texto poético ainda é, via de regra, bastante limitada, onde os educadores buscam fazê-la cumprir no currículo escolar a partir de uma missão pedagógica divergente do seu papel educativo enquanto gênero artístico e literário. Grande parte dos livros das áreas de linguagens, utilizados atualmente pelas escolas, estão munidos de ótimos textos poéticos. O problema é que a escola vem utilizando esses textos apenas para outras atividades que não as ligadas diretamente ao despertar da juventude para o que seja realmente a poesia, conforme pontua Andrade (2023).

De acordo com a professora Raquel Figueiredo de Souza Melo Ferreira (2023) a poesia, ao ser inserida no contexto escolar, frequentemente perde sua essência poética, sendo utilizada como recurso para o ensino de gramática, produção de texto e a ilustração de conteúdos de outras disciplinas, como História, Ciências e Geografia. Um reflexo muito claro de que a poesia é negligenciada na escola, ou tem sua natureza e usos deturpados, é que poucos jovens guardam na memória impressões do contato com a poesia, o que foi confirmado após uma sondagem realizada com o grupo de alunos que participou da presente pesquisa de mestrado, através de um questionário.

Para a professora Diva Sueli Silva Tavares (2019), é perceptível que o entendimento dos jovens sobre o texto poético restringe-se a um número pequeno de poesias de segunda linha, extraídas de páginas da *internet*, sobre assuntos que lhe chamam a atenção, como temas amorosos e outras inquietações próprias de sua fase. A realidade vivida por mim e os alunos na EEMTI Lions Club não é diferente. Com raras exceções, o conhecimento dos estudantes sobre a poesia é raso e limitado. Esse quadro vem confirmar o fracasso da escola na formação do gosto pela poesia e sua incapacidade de satisfazer as necessidades de leitura existentes entre o grupo infanto-juvenil.

Outro aspecto que merece atenção é o número significativamente reduzido de aulas dedicadas ao componente curricular de Arte, o que impõe sérias limitações ao trabalho dos professores e às abordagens artísticas e pedagógicas consequentes relativas ao ensino de arte. Essa situação reflete uma desvalorização histórica das disciplinas artísticas no currículo escolar, muitas vezes vistas como de menor valor e importância, frente às áreas tradicionalmente associadas às avaliações de larga

escala e aos indicadores de desempenho acadêmico, que reforçam a visão utilitarista e capitalista sobre o ensino e, portanto, sobre a definição dos currículos ofertados aos alunos.

Nas escolas regulares e profissionais de ensino médio no Ceará, essa problemática torna-se ainda mais crítica. Apenas os estudantes do primeiro ano têm acesso às aulas de Arte, com a carga horária restrita a quatro aulas mensais, ou seja, apenas uma única aula semanal com duração de 50 minutos. Já nas EEMTI — Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral —, embora o componente de Arte esteja previsto nas três séries, na prática, o cenário ainda é de muitos desafios. Em muitas escolas, faltam materiais básicos para as aulas e não há espaços adequados, como salas específicas para atividades artísticas, ateliês ou auditórios. As aulas geralmente acontecem nas próprias salas de aula comuns, muitas vezes adaptadas de forma improvisada. Além disso, é bastante comum que professores de outras áreas, como História, Geografia ou até Ensino Religioso, sejam responsáveis por ministrar Arte, mesmo sem formação específica na área.

Através da vivência como professora da rede pública, percebo que os conteúdos abordados nessas aulas muitas vezes se afastam das linguagens artísticas previstas no currículo, sendo substituídos por temas variados, como religião, cultura popular, alusão a datas comemorativas ou mesmo discussões gerais sobre valores éticos. Essa configuração não apenas inviabiliza um aprofundamento dos conteúdos artísticos, como também reduz as possibilidades de experimentação prática, reflexão crítica e fruição estética, aspectos fundamentais para a formação integral dos alunos no universo das linguagens artísticas.

Do mesmo modo, essa limitação compromete a inserção de práticas interdisciplinares e projetos que poderiam integrar a arte a outras áreas do conhecimento, privando os estudantes de vivências que ampliam sua criatividade, sensibilidade e capacidade de expressão de maneira mais articulada. Em um contexto em que a arte poderia desempenhar um papel essencial na construção de um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e humanizado, a escassez de aulas dedicadas a este componente curricular evidencia um desafio estrutural que precisa ser enfrentado com políticas públicas que valorizem efetivamente a arte e suas diversas linguagens.

Uma das causas que também têm levado ao desprestígio da poesia na escola pode ser atribuída à formação inadequada dos professores. Na Regional

Crateús da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede) 13, na qual está localizada a instituição onde foram realizadas as atividades desta pesquisa, não há programa de formação voltada aos professores de Arte. Embora se suponha que o educador tenha conhecimentos mínimos sobre tradição poética brasileira, isso na realidade não se concretiza na prática, sendo um problema que afeta, inclusive, aos professores com graduação específica em Letras. Se o próprio professor não se identifica com o texto poético, como irá ele despertar no adolescente o gosto por esse tipo de leitura? O problema se agrava mais quando se leva em consideração a natureza artístico/literária desse tipo de texto.

Para o professor e pesquisador Carlos Augusto de Melo (2021), nas escolas públicas e particulares, as formações direcionadas ao educador geralmente são superficiais, não buscando do professor uma maior reflexão sobre a real essência do trabalho com a poesia, restringindo-se apenas ao repasse de material e sugestão para aplicação dos textos, supondo-se que o professor esteja realmente preparado para cumprir a tarefa, o que via de regra, não se aplica. Neste sentido, e de acordo com Melo (2021), a formação de professores, em suas diversas etapas, tem se mostrado insuficiente para desenvolver a sensibilidade e a afetividade necessárias para o trabalho com a poesia. A ausência dessa dimensão dificulta que os professores estabeleçam uma relação pessoal com a poesia e transmitam esse prazer aos seus alunos, uma vez que é difícil despertar um interesse que não se possui.

De acordo com a autora Ana Claudia de Macena Freitas D'Estillac Leal (2023), a exclusão da poesia do programa escolar, além dos obstáculos aqui colocados, passa por outra dimensão que pode ser compreendida a partir de uma análise acerca da visão que a escola, assim como a sociedade, tem da poesia enquanto arte. Embora a escola não seja o único lugar da reprodução de valores sociais e nem se submeta totalmente a esse papel, até mesmo por conta da ação educativa democratizadora de muitos profissionais da educação, não há de se negar que, como outras instituições sociais, ela é parte do aparato de que classes sociais ou grupos de controle lançam mão para realizar seus interesses de dominação, mesmo que por muitas vezes tais interesses se apresentem ocultos sob propósitos de “democratização” (LEAL, 2023).

Para Carneiro (2019), entretanto, como um dos instrumentos mais eficientes de controle social, a escola passa a exercer uma profunda ação conservadora em qualquer sociedade. Inserida num contexto autoritário, como é o

caso da escola brasileira, ela passa a refletir através dos seus “ensinamentos” os termos da ordem social que devem ser reconhecidos e legitimados, tendo em vista a continuidade do estado de dominação. Assim, baseada numa concepção ditada pela sociedade diretamente voltada para o lucro e para o ganho, a escola deverá ocupar o seu espaço apenas com o que for útil e prático, uma vez que todos os seus esforços deverão estar centrados na tarefa de “educar”, e educar do ponto de vista dessa sociedade é preparar para o trabalho, “possibilitando” que todos possam ingressar bem qualificados nos diferentes quadros profissionais (PINTO, 2022). As ideias de Carneiro, portanto, encontram eco e reforço em Pinto, que amplia essa crítica ao mostrar como a escola, guiada por interesses utilitaristas, limita sua função à formação para o mercado de trabalho.

Como a poesia, enquanto arte – onde se inserem as atividades lúdicas e prazerosas – não contempla diretamente essa área lucrativa, embora “inovação” e “criatividade” sejam as máximas do capitalismo na sua versão contemporânea, o que vejo é que ela tem sido excluída do programa de vida dessa sociedade. Essa concepção de que o trabalho com a poesia significa perda de tempo, reflete-se também no professor que, na maioria das vezes, não sendo conhecedor da importância da poesia e da arte em geral na formação da subjetividade, chega, inclusive, a sentir-se mal quando em alguns momentos “ocupa” a aula com a poesia ou com outra linguagem artística (PINTO, 2022).

Se por um lado a arte é vista com preconceito por, aparentemente ser associada à perda de tempo e, portanto, de lucros; por outro, a sua quase ausência na escola pode ser atribuída também ao seu atributo modificador e subversivo, o que certamente não interessa a essa concepção educativa aliada ao capitalismo produtivista. Dessa forma, Rodrigues (2019) comenta que a escola tem controlado o que pode ou não ser estudado pelos jovens, o que é ou não útil para a sua “plena formação”, modificando, inclusive, mecanismos que não se destinam ao seu serviço, como é o caso da poesia.

O desenvolvimento da arte envolve a integração das dimensões motora, cognitiva e apreciativa do ser humano, como aponta Barbosa (2002). No entanto, a relação com a arte vai além da apreciação: envolve também o fazer, a experimentação e a criação. A artista da dança e educadora Isabel Marques (2010) destaca que, ao criar, o sujeito mobiliza novas formas de pensar sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, fortalecendo a arte como um espaço de transformação e construção subjetiva.

Através do contato do aluno com o texto poético, cuja palavra ou imagem simbólica possui uma representação que transcende ao seu objetivo lógico e imediato, dá-se, além do conhecimento humano, o contato com sentimentos e gestos inesperados, exatamente pelo poder que a poesia, enquanto arte, tem de tocar as pessoas, que ultrapassa o racional e o consciente.

A leitura de textos, a criação artística e a conexão inventiva e crítica com a própria realidade, especialmente em temas sociais e afetivos importantes para os alunos, não só aproxima o educando do conhecimento, mas também o ajuda a refletir sobre suas atitudes, seus sentimentos e suas ideias. Esse processo transforma o estudante em alguém mais consciente, crítico, criativo e sensível ao mundo ao seu redor — algo que, muitas vezes, não interessa a um sistema conservador e dominante.

Despertar nos alunos o gosto e a prática das atividades ligadas à poesia, a meu entender, pode ser cada vez mais um dos grandes objetivos a serem alcançados pelos profissionais de arte/educação. Sendo a poesia um dos gêneros literários mais distantes da escola, a sua chegada nesse espaço precisa de alguns cuidados especiais, a fim de que ela seja bem-vinda. Afinal, o que se percebe hoje nas escolas são alunos totalmente desmotivados, que veem essas atividades como tediosas e de pouca ou nenhuma serventia para as suas vidas.

Assim, ao se pensar na possibilidade de um trabalho com a poesia, é preciso estar atento a questões importantes a serem consideradas. No que se refere à questão de um ensino da poesia, é importante frisar que o termo “ensinar” está bem mais ligado à possibilidade de um encontro do aluno com a poesia, ou seja, criar uma ‘impregnação’ ou uma ‘sensibilização’ ou ‘leitura’, do que propriamente ‘ensino’ (RODRIGUES, 2019). A princípio, seria preciso pensar no professor, uma vez que será ele o mediador entre o aluno e o texto. Assim, é necessário primeiro que ele passe a ter uma preocupação maior com o tipo de poesia a ser levada à escola, bem como de se sensibilizar para o viés poético, uma vez que não se pode transmitir uma aquilo que não se sente.

Nesse contexto, Sá (2021) enfatiza que o trabalho de conceitos como rima, métrica, ritmo entre outro, torna-se dispensável no trabalho da poesia, haja vista que esses elementos devem ser mais apreciados do que compreendidos. Outro erro que se deve evitar é pedir que o aluno interprete o texto poético, considerando que a mesma é ambígua e conotativa. É necessária também a criação de uma atmosfera

favorável ao trabalho. Se o professor puder dispor de uma música antes desse trabalho, ela será significativamente importante, além do silêncio que é indispensável para a leitura do texto.

Associar a poesia a outras formas de expressão como o teatro, a recitação, o desenho etc., também é uma alternativa. Contudo, é preciso lembrar que isso não deve ser imposto pelo professor, podendo o aluno ficar à vontade para fazê-lo ou não. No tocante à leitura do poema, o professor terá que tomar cuidado; deverá sempre lembrar que ela é de suma importância e que é preciso estar atento principalmente à atmosfera sensível que o poeta quer gerar. O trabalho com a poesia deve estar voltado acima de tudo à criatividade, através de uma atmosfera de liberdade, a fim de que o educando possa apreciá-la, pois é jogo livre e criativo. Dentro do conceito comum de 'fazer' poesia, o aluno dificilmente entenderá o que é poesia realmente, em sua essência. Mas ele 'fará' poesia sentindo-a, pois esse texto não se entende, sente-se como toda arte (SÁ, 2019).

Por fim, deverá a escola distanciar-se da ideia de formar poetas, aproximando-se cada vez mais do objetivo de despertar um gosto pela poesia e o fazer artístico, eis que o poeta é um artista que se dedica a brincar com as palavras, escrevendo-as de forma diferenciada. Nem todos têm facilidade para dedicar-se a esse ato inventivo, mas apreciar e experimentar esse jogo deve ser algo a ser possibilitado a todos. Nessa perspectiva, acredito ser dever da escola propor atividades que oportunizem momentos lúdicos aos alunos, tendo em vista exercícios de imaginação, de fantasia e de criatividade e, ao mesmo tempo, mostrar a vida de uma forma mais poética, com maior liberdade para construir seu conhecimento, sua subjetividade, seu saber a partir das linguagens artísticas e sua criticidade em relação ao mundo em que vive.

3.2 Poesia e suas sonoridades na criação artística

A poesia, em suas diversas formas, oferece uma gama de possibilidades expressivas que vão além da simples leitura e interpretação de texto. Explorando as sonoridades dos textos poéticos, é possível despertar nos estudantes uma profunda sensibilidade. Cada forma poética como cordéis, *haikais*, canções, *slams*, entre outras, possui uma musicalidade própria, que pode ser experimentada e pesquisada

para enriquecer a experiência educacional e promover um ambiente de aprendizado artístico.

Como dito anteriormente, poesia é uma arte que possibilita as mais diversas criações. Tenho percebido que através do contato com a poesia e suas sonoridades, o aluno pode ser capaz de descobrir um mundo de possibilidades que o levará a interpretar e compreender os contextos que o cercam. As sonoridades dos textos poéticos transformam a leitura também numa experiência auditiva rica, permitindo uma conexão mais profunda com o conteúdo da obra. A musicalidade inerente aos textos poéticos, como o ritmo, a métrica e as rimas, torna o aprendizado mais dinâmico e envolvente. Isto porque, trabalhar com a sonoridade da poesia em sala de aula estimula a sensibilidade auditiva dos alunos e promove, simultaneamente, o desenvolvimento de habilidades linguísticas e expressivas que envolvem todo o corpo. Além disso, a sonoridade ajuda a enfatizar o significado das palavras e a expressar emoções de maneira mais afetiva, enriquecendo a compreensão textual e a percepção sensorial.

Como destaca o poeta e ensaísta Octavio Paz, a poesia representa a conexão profunda entre o ser humano e sua linguagem. A língua, por sua vez, é uma forma de poesia que, por meio de palavras e imagens, expressa e celebra a unidade da criação (ALVES, 2019). Essa aliança é fortalecida pela sonoridade dos versos, que transporta o leitor para um universo sensorial. A poesia tem o poder de incentivar a imaginação. Baseado nisso, para o trabalho com poemas e suas sonoridades na escola, o mais importante não são os métodos, mas sim possibilidades para que os alunos desenvolvam sua capacidade de criar e também tratar da sensibilidade e emoções. De acordo com o professor atuante Fernando Azevedo, que atua nas áreas de Literatura Infantil e Juvenil e Formação de Leitores.

pensar a poesia aliada à sonorização em sala de aula é pensar modos de trabalhar a linguagem. Ao professor será atribuído o papel de mediador, aquele que cria condições para partilhar e favorecer o gosto pela poesia, aquele que ensina a contemplar aquilo que não se entende e desafia a cada um para produzir os sentidos e as diversas emoções (AZEVEDO, 2019, p.01).

O autor destaca, ainda, que a sonorização trabalhada em sala de aula permite que o aluno torne suas ações criativas, pois a poesia tem a característica de induzir o leitor a descobertas e interpretações de múltiplas possibilidades. Dessa maneira, através da poesia o aluno pode aprender a utilizar a linguagem expressa na poesia e assim, aplicá-la no seu dia a dia compreendendo que a mesma exerce

diversas funções. Portanto a presença mais efetiva da poesia no ambiente educacional, especialmente com ênfase em sua sonoridade, pode proporcionar uma experiência de aprendizado capaz de enriquecer a sensibilidade e a percepção artística dos alunos.

Sendo uma forma de expressão artística, a poesia se apresenta como algo fundamental e que contribui na formação das pessoas. Quando associada às sonoridades, ela ganha uma dimensão ainda mais potencializadora, estimulando a criatividade e ampliando a capacidade de interpretação e de compreensão do mundo. O trabalho com a poesia e as sonoridades na sala de aula, especialmente nas primeiras fases da educação, oferece uma série de benefícios cognitivos, emocionais e sociais, que vão além do simples aprendizado de conteúdos literários, conforme enfatiza Azevedo (2019).

O trabalho com a poesia e suas sonoridades – rimas, onomatopéias, aliterações, ritmo etc – tem levado os alunos a perceberem os poemas como textos diferenciados e dinâmicos, despertando interesse e curiosidade, bem como promovendo um ambiente mais prazeroso e intuitivo. Além disso, a poesia oferece um espaço fértil para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação, essencial para a formação de indivíduos capazes de pensar e criar, libertando-os de metodologias cada vez mais distantes de um contato com a arte. Nas palavras da pesquisadora Consiglia Latorre (2014):

é necessário libertar a educação e o ensino artístico de métodos obtusos que ainda oprimem os nossos jovens e esmagam neles o que possuem de melhor. A fadiga e a monotonia de exercícios conduzem à mecanização tanto dos professores quanto dos discípulos (LATORRE, 2014, p.19).

Com isso, percebe-se que a poesia no contexto educacional tem um papel fundamental, pois provoca reflexões e questionamentos sobre a realidade da sociedade, estimulando os alunos a olharem com mais atenção para o mundo ao seu redor. Essa abordagem não apenas enriquece o conhecimento, mas também forma cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel social. O trabalho com poesia pode se expandir por meio da interdisciplinaridade, conectando diferentes áreas do saber e favorecendo experiências sensoriais e afetivas.

Quando propus aos meus alunos práticas que envolviam som, ritmo, corpo e escuta — como leituras performáticas, jogos vocais e criação coletiva — notei maior envolvimento e curiosidade para aquilo que era proposto. A poesia deixou de

ser vista como algo distante ou difícil. Outros professores que acompanharam essas experiências demonstraram interesse e se mostraram curiosos com o processo e os resultados, reconhecendo na proposta novas formas de despertar o prazer pelo texto poético. Essa abertura nos convida a seguir explorando, no próximo capítulo, as potências que emergem da relação entre poesia e sonoridades em sala de aula.

3.3 Espaços de criação e encontro: a sala de aula como ambiente criativo

A sala de aula, tradicionalmente entendida como o espaço de transmissão de conhecimento, tem se reconfigurado ao longo do tempo, passando a ser vista não apenas como um local de disseminação de informações, mas como um ambiente dinâmico e criativo, propício à inovação e ao desenvolvimento do pensamento crítico. Nesse sentido, deixa de ser um cenário restrito a regras rígidas e técnicas preestabelecidas, e se transforma em um local aberto à experimentação, ao questionamento e à construção coletiva de saberes (VALENTE, 2020).

Entre os exemplos da investida de mudança e transformação desses espaços de sala de aula são as metodologias ativas, abordagens que colocam o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, tornando-o protagonista de sua história. Essas metodologias incluem: *Gameficação*, a utilização de elementos de jogos nas atividades de sala de aula, na tentativa de motivar os alunos a aprender de forma lúdica; e Sala de Aula Invertida, uma metodologia ativa na qual os estudantes têm contato com os conteúdos antecipadamente à explicação do professor, estudando em casa através de vídeos, textos, filmes e, em sala, os estudantes interagem com o professor através de discussão, tira-dúvidas, realização de atividades, aprofundando o que estudaram em casa; e Aprendizagem baseada na resolução de problema, em que os alunos aprendem a partir de um problema real, necessitando pesquisar, investigar e sugerir soluções para um problema. Segundo o professor e pesquisador José Morán, referência em pesquisas na área da educação e por discutir as metodologias ativas:

Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (MORÁN, 2015. p.17)

Segundo Vieira (2022), a criação, em sua essência, não é apenas um produto da genialidade individual, mas, em grande medida, uma resposta ao estímulo do ambiente e às interações que nele se estabelecem. O ato de criar surge, muitas vezes, da percepção das necessidades, desafios e inspirações que circulam ao nosso redor. Somos moldados pelas influências sociais, culturais, históricas e até tecnológicas, que nos desafiam a reimaginar o mundo e a buscar soluções inovadoras.

Assim, a criação não é um fenômeno isolado, mas um processo dinâmico e interativo, em que o criador se nutre da multiplicidade de experiências e informações que o cercam. Nesse fluxo contínuo de troca, a criatividade se desvela como uma síntese entre o interior e o exterior, entre o indivíduo e a sociedade, entre o espontâneo e o estruturado. O criador, ao interagir com o mundo, transforma-se e, simultaneamente, transforma o ambiente em que está inserido. Conforme Sá (2021), a inovação nasce da capacidade de perceber conexões e novas possibilidades, muitas vezes advindas de um diálogo constante com o meio. Cada criação reflete não apenas a visão particular de quem a concebe, mas também as influências que o contexto proporciona. Dessa forma, a criação é tanto um reflexo quanto uma modificação do mundo em que vivemos.

A artista e pesquisadora da área de voz nas Artes da Cena Juliana Rangel de Freitas Pereira (2014) destaca que “mundos são criados com objetos”, ou seja, reflete a ideia de que o ambiente ao nosso redor é formado pelas coisas que o compõem, e essas coisas não são apenas utilitárias, mas também carregam significados, memórias e possibilidades. Ao afirmar que “mundos são criados com objetos”, a autora destaca a capacidade dos objetos de moldar e influenciar as realidades que habitamos, seja no cotidiano, no trabalho, ou no lazer.

Essa abordagem feita pela autora mostra a ideia de que a criação artística, como no teatro ou na infância, não é algo que depende de elementos complexos ou de um contexto altamente estruturado. Ao contrário, ela nasce da simplicidade, do instinto e da conexão espontânea com os objetos e o mundo ao redor. Dessa forma, podemos compreender que a brincadeira, em sua essência, é uma forma de interação com os objetos e com o ambiente, permitindo a reinvenção do mundo ao nosso redor (VALENTE, 2020).

Em uma perspectiva que me parece complementar, Vieira (2022) diz que, ao criar cenários, novas relações e novas possibilidades, as brincadeiras não são

apenas momentos de diversão, mas de experiências de transformação e de experimentação, onde a realidade se dobra à imaginação. A criatividade, portanto, torna-se a força que dá vida a esses mundos, que são simultaneamente reais e imaginários, complexos e simples, dependentes dos objetos e da liberdade com que os manipulamos.

E trabalhar a poesia em sala de aula promove aos estudantes a oportunidade de explorar diferentes formas de comunicação, refletir sobre diversos aspectos da sociedade, ou seja, por meio de atividades artísticas, os alunos aprendem a resolver problemas de maneira inovadora, colaboram entre si e ganham confiança ao ver suas ideias e criações valorizadas. E nesse contexto, torna-se essencial que o ambiente escolar promova momentos que favoreçam aos alunos o contato direto com a sua cultura, que explorem suas tradições, manifestações artísticas e práticas cotidianas, permitindo uma compreensão mais profunda de sua identidade. Além disso, é importante que os educadores incentivem a reflexão crítica sobre os aspectos históricos e sociais que moldam essas culturas, criando um espaço de valorização da diversidade.

3.4 Poesia e sonoridades como processo de expressão

A sonoridade tem uma função fundamental na construção da poesia, cada ritmo é fundamental para criar uma harmonia entre sons e palavras, assim como as pausas que se alternam. De acordo com Tosi (2021) o ritmo da poesia pode evocar diferentes atmosferas desde a suavidade e tranquilidade de um verso mais lento, até a energia e o movimento de um poema com ritmo mais rápido. A sonoridade também é uma ponte que conecta o poema à música, outra forma de expressão artística, ampliando seu poder de comunicação.

De acordo com Moraes (2023) a sonoridade na poesia vai além do simples jogo de palavras ou da musicalidade que um poema pode possuir, ela é uma ferramenta poderosa capaz de intensificar os significados, evocar sensações e criar uma imersão no universo sensorial do leitor. Esse aspecto sonoro da poesia permite que ela seja vivida não apenas de forma intelectual, mas também emocional e sensorial, funcionando como um elo entre o subjetivo e o objetivo, entre o racional e o irracional.

As sonoridades na poesia podem ser encontradas na obra de poetas como Fernando Pessoa, que não só dedica-se à profundidade filosófica e existencial, mas também utiliza a sonoridade de seus versos para criar um ritmo melancólico e contemplativo. No caso de poetas modernistas como Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a sonoridade se apresenta muitas vezes como um campo experimental, buscando novos modos de aliar forma e conteúdo, e de experimentar a linguagem de forma mais livre e fluida (CRUZ, 2023). No trecho do poema Tabacaria de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, a repetição da palavra "sempre" e a sonoridade suave dos versos criam uma atmosfera de quietude e aceitação, típica da melancolia contemplativa

(...)

Que o céu seja para sempre
O mesmo céu de todos os dias,
Que a vida seja sempre
A mesma vida de todos os dias,
Que eu seja sempre o mesmo
Que eu sempre fui e serei.

(...)

Já no poema a seguir, de Mário de Andrade, é possível observar aspectos de suavidade e dureza, ao mesmo tempo em que faz uma reflexão sobre o tema abordado. Também é possível identificar a repetição de sons e palavras o que, consequentemente, ajuda a construir a musicalidade diante da citação poética.

Na rua Aurora eu nasci

Na rua Aurora eu nasci
na aurora de minha vida
E numa aurora cresci.
no largo do Paiçandu

Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu.
nesta rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado

nem sei quem foi Lopes Chaves.

Mamãe! me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como esses nomes da rua.

Diante desses aspectos apresentados, podemos perceber que a sonoridade na poesia se manifesta de diversas maneiras, como a aliteração, a assonância, a onomatopeia e a rima. Esses recursos trabalham a repetição de sons ou a criação de sonoridades que, ao serem combinadas de maneira estratégica, intensificam a experiência estética do leitor. A aliteração, por exemplo, ao repetir consoantes de forma contínua, cria um ritmo quase musical que pode reforçar o tema ou o sentimento do poema. A assonância, por sua vez, ao explorar a repetição de vogais, produz um efeito de suavidade ou melancolia, dependendo de como é aplicada (CRUZ, 2023).

Conforme Tosi (2021) é notável que esse recurso aproxima a poesia da oralidade, resgatando suas raízes mais antigas, quando a poesia era recitada em voz alta, acompanhada de gestos e sons. Além de seus aspectos formais, a sonoridade na poesia também desempenha um papel importante na construção de atmosferas e na evocação da sensorialidade. Por exemplo, poemas com sons mais suaves e melódicos podem transmitir sensações de tranquilidade, beleza ou nostalgia, enquanto aqueles que se utilizam de sons mais bruscos ou dissonantes podem gerar inquietação, angústia ou desconforto.

Com isso, as relações diversas entre os variados tipos e usos da poesia e suas múltiplas sonoridades como matérias de expressão, apresenta grande importância diante da comunicação e evocação de sensações, emoções, sentimentos, ideias e reflexões profundas, transcendendo as limitações da linguagem convencional. Elas permitem que o autor, por meio de ritmos, metáforas e musicalidade, transporte o leitor ou ouvinte para um universo sensorial, evocando ideias, pensamento e sensações, criando uma experiência única e de grande relevância (MORAES, 2023).

Para tanto, destaca-se que esses elementos são inseparáveis, pois a sonoridade não apenas embeleza, mas também potencializa a mensagem poética. Por meio do ritmo, da repetição de sons, da musicalidade e da recriação sensorial do mundo, sendo capaz de tocar o leitor em um nível mais profundo, explorando o poder da palavra não apenas como meio de comunicação, mas como uma verdadeira arte sonora, capaz de evocar sentimentos e reflexões.

Dessa maneira, fica claro que a sonoridade na poesia tem uma força que toca, desperta e conecta. E foi com essa escuta atenta e aberta que levei essas ideias para a sala de aula, onde os alunos não só acolheram as propostas, a princípio com certa resistência, mas depois com curiosidade e envolvimento, como também trouxeram suas próprias sugestões a partir das vivências, ritmos e vozes para o processo. Eles responderam com sensibilidade, criaram, se arriscaram e até propuseram caminhos ligados ao universo poético e sonoro de seus contextos. No próximo capítulo, compartilho como tudo isso se transformou em experiências práticas, vividas coletivamente, onde a poesia saiu do papel e ganhou corpo, som e movimento.

4. CAPÍTULO III

POESIA E SONORIDADES COMO MEIOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA: REVERBERAÇÕES EM SALA DE AULA

As relações entre poesias e suas sonoridades experimentadas a partir de oficinas realizadas com estudantes do ensino médio, ao longo da minha pesquisa de campo no mestrado, durante o ano de 2024, serão descritas e analisadas ao longo deste Capítulo. Foram encontrados voltados à investigação, experimentação e criação artística, inspirados nos elementos e sonoridades de diversas modalidades de textos poéticos. Apresento as atividades desenvolvidas com os estudantes das turmas de primeiros e segundos anos da Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Lions Club, onde o projeto foi realizado. A instituição está situada na cidade de Crateús, no Sertão dos Inhamuns, região oeste do Ceará, a aproximadamente 350 quilômetros da capital, Fortaleza. Com uma população em torno de 79.800 habitantes, Crateús, apesar do crescente desenvolvimento urbano, mantém a agropecuária como sua principal fonte de renda.

Por ser uma escola urbana e central na cidade, a EEMTI Lions Club atende tanto alunos dos bairros vizinhos quanto estudantes de localidades mais distantes da zona rural, como Realejo, distante 28 quilômetros, e Queimadas, a 15 quilômetros. A escola é amplamente reconhecida e procurada pela comunidade devido ao seu bom desempenho acadêmico, evidenciado por resultados positivos de seus alunos em vestibulares e avaliações externas.

Ao longo da minha trajetória como professora de Artes, venho observando como a poesia tem sido pouco explorada no ambiente escolar. Mesmo sendo um território fértil de expressão, sensibilidade e pensamento crítico, a poesia muitas vezes aparece apenas de forma técnica, muitas vezes tratada como um conteúdo distante da realidade dos estudantes. Esse distanciamento é ainda mais perceptível em escolas que priorizam uma formação voltada ao mercado de trabalho, como é o caso das escolas profissionalizantes e das escolas de ensino médio em tempo integral - EEMTI.

Dessa forma, ao vivenciar diariamente esse contexto, senti a necessidade de trazer a poesia de volta como experiência viva, sensível e envolvente, ligadas às vivências dos próprios alunos. A sonoridade, por sua vez, entrou como um eixo central não apenas por sua capacidade de intensificar o texto poético, mas porque ela

desperta sentidos, ativa o corpo e torna o fazer artístico mais dinâmico e acessível – sobretudo para os jovens que, muitas vezes, se expressam mais facilmente pelo som, pelo ritmo e pela oralidade do que pela escrita formal. Foi nesse desejo de aproximar meus alunos à poesia que nasceu esta pesquisa, realizada ao longo de 2024, através do componente curricular eletivo expressões artística.

4.1 Primeiras impressões

Iniciadas as oficinas, passo aqui a narrar os encontros com os alunos em ordem cronológica. As atividades propostas para este primeiro encontro, realizado no dia 13 de agosto de 2024, tiveram a intenção de possibilitar informações, discussões, interações e momentos de trocas de saberes. Informei que nossos encontros aconteceriam durante as aulas do componente curricular eletivo Experimentações Artísticas, às terças-feiras, no horário regular de aula, das 9h às 10h40, tendo a participação do seguinte grupo de 19 estudantes, a saber: Antonia Yasmin de Oliveira – 1º ano A; Clara Pereira de Oliveira – 1º ano A; Lara Pereira de Oliveira – 1º ano A; Maria Clara Macedo Soares – 1º ano A; Pablo Kauan Sousa Policarpo – 1º ano A; Lara Geovana Souza Bezerra – 1º ano A; Hethelly Mourão Sampaio – 1º ano A; Leia Ferreira da Costa – 1º ano A; Tyson Silva Andrade – 1º ano A; Ana Karen Ferreira – 1º ano C; Jeovana Pereira de Araújo – 1º ano B; Cauane Menezes Alencar – 1º ano B; Maria Madalena Linhares Silva – 1º ano C; João Gabriel Sobreira Mendes – 1º ano C; Deborah Ferreira Henrique – 1º ano D; Fátima Julliany Barbosa Cavalcante – 1º ano D; Larissa Farias Miranda – 2º ano C; Luanna Saboia – 2º ano C e Nayara Hávila Araújo – 2º ano C.

Iniciamos a apresentação do grupo com uma dinâmica de integração. Cada participante se apresentou dizendo o nome e criando um gesto que o representasse. Em seguida, a pessoa ao lado repetia o nome e o gesto dos colegas anteriores, além de fazer sua própria apresentação. Essa atividade teve como objetivo estimular atenção, concentração e memorização, além de permitir que conhecêssemos colegas de outras turmas. Após essa introdução, expliquei a importância do trabalho que seria realizado com o grupo no contexto da minha pesquisa de campo do mestrado em Artes. Ressaltei que nossas atividades envolveriam estudos, experimentações e criações artísticas, além da observação e outras práticas. Apresentei também o diário

de bordo, no qual descreveríamos nossas impressões e observações ao longo dos encontros.

Para introduzir a temática da poesia, apresentei o poema *Tem tudo a ver*, do escritor e poeta Elias José, utilizando como referência a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2010). Essa metodologia, organizada em três pilares – que integra o fazer artístico, a apreciação e a contextualização –, norteou a minha prática possibilitando uma vivência significativa para os alunos. O objetivo inicial foi proporcionar uma experiência sensorial, convidando-os a "sentir" as palavras, sem a preocupação imediata de interpretá-las. Segue o poema:

Tem tudo a ver

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.

A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.

A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo,
e o canto dos pássaros,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.

A poesia
— é só abrir os olhos e ver —
tem tudo a ver
com tudo.

Ao final da leitura, conversamos sobre os sentimentos despertados pelo poema, como serenidade, leveza, alegria e bem-estar. Convidados a compartilhar suas percepções, Nayara Hávila (2º ano C) relatou que, ao ouvir os versos, imaginou a beleza da natureza: flores, árvores, arco-íris e as águas de um riacho. Ela comentou que até conseguiu ouvir o som da água correndo riacho abaixo. Já Cauane Menezes

(1º ano B) destacou os versos sobre o sorriso dos namorados, dizendo que retratam os sentimentos de quem está apaixonado.

A atividade inicial de apresentação revelou-se uma estratégia eficaz para estimular a integração do grupo e criar um ambiente descontraído. Além disso, favoreceu trabalhar com os estudantes a atenção, concentração e memorização, habilidades importantes, para as experimentações artísticas que realizaríamos durante nossos encontros. Contudo, percebi que alguns participantes estavam retraídos, algo compreensível para um primeiro encontro em um grupo heterogêneo e ainda em formação.

A introdução ao componente, com a explicação sobre a importância do diário de bordo e sua conexão com minha pesquisa de mestrado, pareceu bem recebida. A contextualização da proposta contribuiu para que os alunos compreendessem o propósito mais amplo das atividades. A escolha do poema me pareceu acertada e bem acolhida pelos alunos. A proposta de simplesmente “sentir” as palavras proporcionou uma experiência sensorial enriquecedora. Fiquei especialmente tocada pelos relatos das alunas, que demonstraram como a poesia despertou nelas emoções e imaginações. Por outro lado, observei que muitos preferiram permanecer em silêncio, o que reforça a necessidade de criar estratégias futuras para incentivar uma participação mais ativa. Esse comportamento, ao meu ver, resulta tanto da novidade da atividade quanto da timidez pouca familiaridade com o grupo.

De forma geral, entendi eu houve uma eficácia das atividades iniciais de integração e a recepção positiva da temática da pesquisa de mestrado e do poema escolhido como primeira proposta para despertar os aspectos sensorial e expressivo em sala de aula. Observa-se uma abordagem alinhada ao que defende a professora e pesquisadora Vanilda Silva (2021), que valoriza o potencial da poesia para desenvolver a criatividade e a imaginação dos estudantes. Da mesma forma, o autor Tomaz Musso de Almeida Pinto (2022) reforça a ideia de que o uso da poesia em sala de aula favorece o desenvolvimento linguístico e emocional dos alunos, proporcionando reflexões e construções críticas a partir da linguagem poética.

Por fim, os relatos de Nayara Hávila e Cauane Menezes me pareceram refletir o aspecto emocional e interpretativo destacando a importância da poesia como meio para despertar sentimentos e estimular a expressão individual dos estudantes. A tímida participação inicial está de acordo com as observações de Magda Soares

(1991), que ressalta a necessidade de criar um ambiente seguro para que os estudantes se sintam confortáveis para se expressar.

Figura 1. Aula inicial – Roda de conversa, apresentação e orientação sobre as atividades a serem realizados. Em 13 de agosto de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Dando continuidade ao encontro passado, no dia 20 de agosto de 2024, os estudantes confeccionaram seus próprios diários de bordo para registrar vivências e impressões ao longo dos encontros. A atividade envolveu a criação e personalização dos cadernos com desenhos, colagens e outros elementos, resultando em um momento descontraído e colaborativo. Foi muito significativo observar a participação ativa de todos e a boa aceitação da proposta, evidenciando o interesse dos alunos por atividades práticas e criativas. Essa experiência reforçou o engajamento do grupo e favoreceu a criação de um vínculo inicial com o processo reflexivo e artístico que seria experimentado nos próximos encontros.

Silva (2021) enfatiza a importância de atividades práticas e expressivas como recursos para estimular a imaginação e a participação dos alunos. A criação personalizada dos cadernos, como mencionado a cima, exemplifica bem essa perspectiva. Além disso, a abordagem participativa observada reflete os princípios de

Tripp (2005), que valoriza a pesquisa-ação como um método em que os alunos e o educador colaboram em experiências práticas e reflexivas. O uso do diário de bordo como meio de registro e expressão conecta-se com a proposta de uma aprendizagem significativa e contínua, destacada por Araújo (2019). A experiência de personalizar os cadernos e registrar vivências também está em sintonia com a ideia de processos de criação coletiva, ressaltada por Cruz e Oliveira (2023), que defendem as abordagens sensoriais e artísticas no contexto escolar como forma de promover o engajamento e a reflexão crítica.

Figuras 2 e 3. Estudantes confeccionando os diários de bordo, no dia 20 de agosto de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

4.2 Encontrando o poeta: rosto por trás das palavras

Iniciamos este terceiro encontro, 27 de agosto de 2024, retomando a conversa passada, lembrando o poema *Tudo a ver* e conhecendo um pouco da vida do poeta Elias José. Falamos sobre a poesia e sua importância enquanto expressão artística e gênero textual. Trouxemos algumas definições, de forma espontânea, pois

o propósito não era conceituar e sim situá-los sobre o que é poema, poesia, versos, métrica, rima e sonoridade, elementos presentes na linguagem poética.

Figuras 4 e 5. Estudantes investigando o gênero textual poesia, a partir dos poemas de Mário de Andrade, no dia 27 de agosto de agosto de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Os estudantes foram convidados a conhecer os poemas de Mário de Andrade, a partir do material previamente selecionado. Eles puderam pesquisar, ler e escolher o poema que mais lhes chamou atenção. Em seguida assistimos a um trecho do vídeo *Mário de Andrade: reinventando o Brasil*¹, onde foi possível conhecer um pouco mais sobre o poeta. Posteriormente foi solicitado à turma que se expressassem sobre o poema selecionado, destacando as sensações, sentimentos ou emoções despertadas através da vivência.

Larissa Miranda (2º ano C), achou que as obras tinham uma linguagem difícil e que não conseguia entender o que o poeta quis dizer em alguns poemas lidos.

¹ Vídeo *Mário de Andrade: reinventando o Brasil* (Mestres da literatura, ep. 8/11). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6-sL4y0dAY>. Acesso em 03 Jul. 2024.

Tayson Silva Andrade (1º ano A), destacou o seguinte trecho da obra *Poema* de Mário de Andrade:

Neste rio tem uma iara...
De primeiro o velho que tinha visto a iara
Contava que ela era feiosa, muito!
Preta gorda manquitola ver peixe-boi.
Felizmente o velho já morreu faz tempo.

E finalizou sua fala com o seguinte comentário: “Ainda bem que o velho morreu, do contrário poderia sofrer um processo por chamar lara de gorda e preta”. Foi uma explosão de risos com o comentário do colega.

A partir das observações das atividades realizadas, percebo que a participação voluntária dos estudantes ainda é limitada. Durante a aplicação das propostas, nota-se uma certa resistência ao texto escrito, mesmo que seja poético. Essa resistência é evidente na maneira como os poemas são escolhidos: via de regra, o critério de escolha não se baseia no tema ou na presença de rimas, mas no tamanho do texto. Quanto menor o poema, melhor. De forma geral, eles vivenciam os momentos de apreciação do texto poético com pouco interesse e entusiasmo.

Acredito que isso se deve ao fato do pouco contato que os estudantes tiveram com a poesia durante a infância. De acordo com uma das maiores especialistas em literatura infanto-juvenil e história da literatura, Regina Zilberman (2020), a ausência da poesia e da literatura na infância podem causar impactos negativos, tais como empobrecimento da sensibilidade estética, diminuição da imaginação e criatividade e até *déficit* no desenvolvimento cognitivo, uma vez que a poesia ajuda no desenvolvimento de habilidades como interpretação, abstração e pensamento crítico.

Diante da aparente resistência ao texto poético, reforcei a ideia de que a poesia não precisa ser compreendida de forma imediata ou literal. Em seguida, expliquei que, muitas vezes, a força de um poema está justamente nas sensações que ele desperta e nas múltiplas interpretações que cada leitor pode ter. Aproveitei para ressaltar que essa diversidade de possibilidades é o que torna a poesia uma forma de arte tão rica e subjetiva.

Dessa forma, o encontro foi finalizado com uma breve atividade sensorial, onde solicitei que fechassem os olhos e ouvissem a leitura de um trecho poético em voz alta, sem a preocupação de compreender cada palavra, mas apenas sentindo o

ritmo, a melodia e as imagens evocadas pelo texto. Essa experiência, embora simples, ajudou a trazer um pouco mais de leveza e conexão com a linguagem poética. Compreendi, assim, que, para despertar o interesse e o prazer pelo texto poético, é necessário propor atividades que aproximem os estudantes de forma mais prática e sensorial, explorando a poesia não apenas como um texto a ser lido, mas como uma experiência artística viva.

A estratégia utilizada, de enfatizar a experiência sensorial da poesia e a multiplicidade de possibilidades, reflete os princípios defendidos por Silva (2021), que valoriza o aspecto sensorial da arte como meio de ampliar o envolvimento emocional e expressivo dos estudantes. A proposta de ouvir um poema de olhos fechados, focando no ritmo e melodia, se conecta com as abordagens exploratórias e imersivas defendidas por Pinto (2022).

Por fim, foi realizada uma reflexão coletiva, onde a poesia pode ser uma porta para o nosso mundo interior, basta ter coragem de abrir e perceber o que está além das palavras, conforme propõe Araújo (2019), que defende o uso da poesia como meio para explorar emoções e identidades, especialmente em contextos escolares. Aos poucos, com novas vivências e experiências, fiquei à espera de que os estudantes pudessem enxergar a poesia não como algo distante ou difícil, mas como uma aliada na expressão dos seus sentimentos, histórias e identidades. Assim, encerramos mais um encontro, conscientes de que o caminho para aproximar os jovens da poesia exige paciência, criatividade e, sobretudo, uma escuta atenta para entender suas necessidades e interesses.

Em continuidade às atividades da oficina nomeada como *Conhecendo o poeta - Mário de Andrade*, na qual pudemos conhecer e pesquisar as obras do poeta, era hora de registrar coletivamente as impressões sobre a experiência vivida. Assim, no dia 03 de setembro de 2024, cada grupo de alunos conversou entre si, compartilhou os sentimentos vividos e escolheu como realizar os registros. A orientação foi para que cada grupo criasse um painel com aquilo que foi sentido e experienciado por eles ao longo das vivências. Por fim, foi proposto que cada grupo apresentasse seu painel e, de maneira informal, relatasse um pouco sobre o que foi registrado.

Figura 6. Construção coletiva dos painéis, no dia 03 de setembro de agosto de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Vale destacar a importância do relato sobre a finalização da oficina que evidencia uma prática pedagógica alinhada aos princípios abordados no decorrer deste estudo, especialmente no que se refere ao registro coletivo de vivências artísticas. A abordagem de estimular a reflexão e o compartilhamento de impressões conecta-se com a pesquisa-ação destacada por Tripp (2005), que valoriza a interação e a reflexão contínuas como parte do processo de aprendizagem. A criação de painéis de registro, focando nas sensações e experiências vividas, está em sintonia também com as ideias de Silva (2021) sobre a importância de permitir que os estudantes explorem sua expressão artística de forma aberta e colaborativa. Essa prática reforça o envolvimento afetivo e criativo com o conteúdo, o que favorece uma compreensão mais profunda e pessoal da obra de Mário de Andrade.

A proposta de apresentação informal dos painéis dialoga, ainda, com a perspectiva de experiência estética defendido por Araújo (2019) quando incentiva a verbalização das percepções e a troca de significados entre os participantes, promovendo um ambiente de escuta e diálogo. Assim, a atividade descrita não apenas esmiúça o conteúdo literário, mas valoriza o processo expressivo e reflexivo, alinhando-se de forma coerente às abordagens teóricas destacadas, ao estimular a apreciação artística, o trabalho colaborativo e a conexão com a poesia.

Figura 7. Construção coletiva dos painéis, no dia 03 de setembro de agosto de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

À medida que os grupos conversavam e apresentavam suas escolhas, novas ideias foram surgindo. A aluna Cauane Meneses (1º ano B) perguntou se poderia registrar em seu cartaz outras obras, além das de Mário de Andrade, autor em discussão no momento. Combinamos que os grupos poderiam realizar suas escolhas livremente, baseando-se nas discussões, nos poemas lidos e em outras obras com as quais tiveram contato.

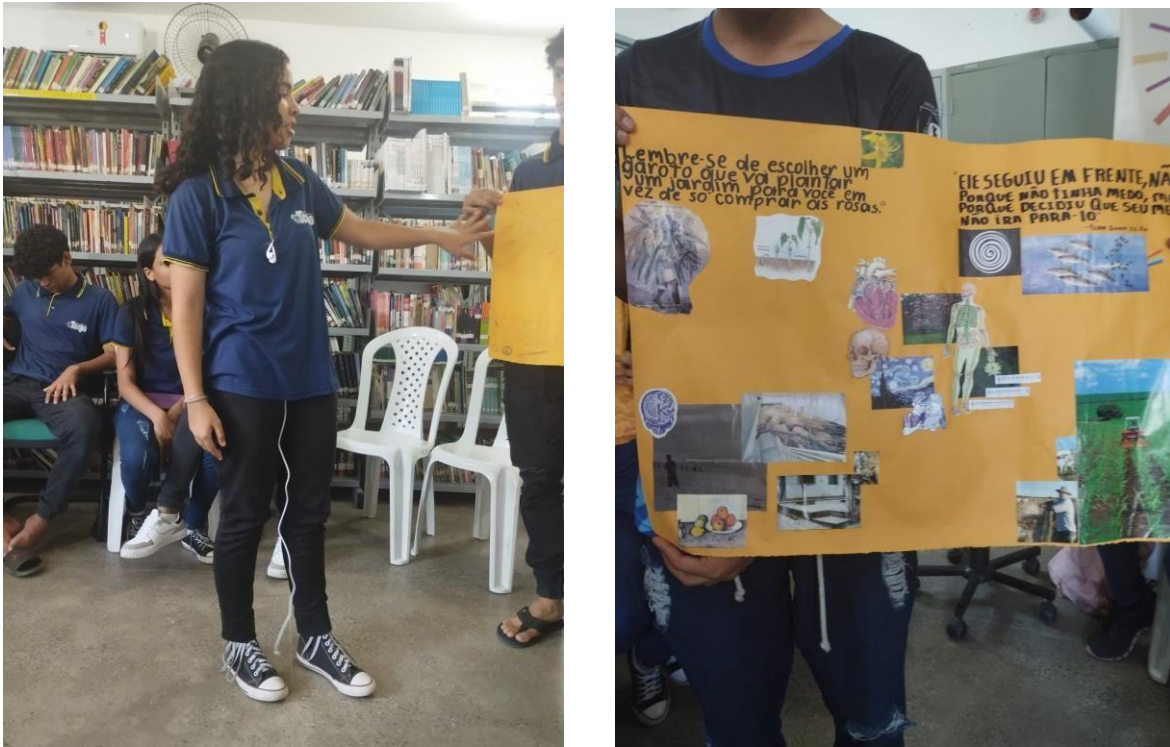
A construção dos painéis evidencia um momento importante de interação e protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem. A iniciativa de Cauane Meneses em ampliar o escopo de sua atividade, ao incluir outras obras além das de

Mário de Andrade, demonstra um engajamento ativo, criatividade e autonomia no processo de construção do conhecimento. Este comportamento reflete a eficácia de uma abordagem pedagógica que valoriza a colaboração, a liberdade de escolha e a conexão com as vivências individuais dos alunos.

Correlacionando com os autores, podemos destacar Tripp (2005) e sua abordagem sobre a pesquisa-ação, pois argumenta que a prática pedagógica deve ser reflexiva e adaptável, permitindo ajustes em tempo real com base nas interações e contribuições dos participantes. A abertura para que os alunos escolham livremente outras obras, além do foco inicial em Mário de Andrade, reflete exatamente essa flexibilidade e a importância de incorporar as ideias dos educandos no planejamento e desenvolvimento das atividades. Além disso, a liberdade criativa promovida na sala de aula está presente também na visão dos professores e pesquisadores Jacilene da Cruz e Elialdo Rodrigues Oliveira (2023), os quais destacam que a poesia não deve ser apenas uma abordagem que valorize a estética, mas também um meio para desenvolver a imaginação.

De maneira informal e espontaneamente, cada grupo com seus respectivos integrantes teve a oportunidade de apresentar e comentar sobre suas escolhas e produções, em nosso encontro do dia 10 de setembro de 2025. Nayara Hávila, (2º ano C) destacou o trecho lido: “Lembre-se de escolher um garoto que vá plantar um jardim para você em vez de só comprar as rosas”. Justificou sua escolha, por acreditar na imortalidade do amor verdadeiro, fazendo referência à sua família e ao namorado. Esse trecho retrata a riqueza de uma prática pedagógica que promove a expressão pessoal e a conexão emocional com as obras literárias. A diversidade das escolhas e interpretações dos alunos demonstra como a poesia pode ressoar de formas singulares para cada pessoa, ligando experiências pessoais a sentimentos considerados universais.

Figuras 8 e 9. Apresentação dos painéis, no dia 10 de setembro de agosto de 2024, na sala de multimídias da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

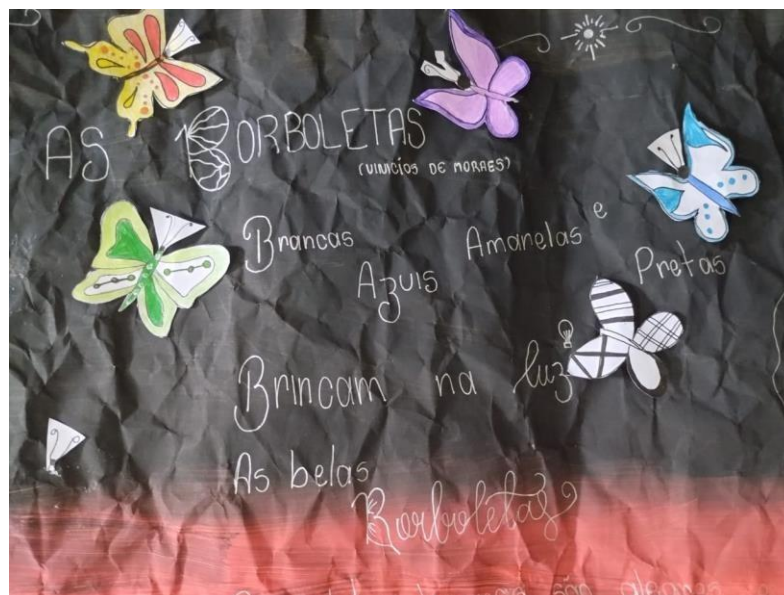
Jeovana Pereira de Araújo (1º ano B) relatou que leu, em uma das obras do poeta, algo sobre a “coragem”, o que a fez lembrar de um trecho do livro que estava lendo: “Ele seguiu em frente, não porque não tinha medo, mas porque decidiu que seu medo não iria pará-lo”. Representou o trecho a partir de uma colagem com a imagem dos golfinhos nadando em grupo, representando, para ela, o personagem seguindo sempre em frente. Senti esse momento de espontaneidade e liberdade para apresentar e comentar as produções como um ambiente de aprendizagem onde a subjetividade é valorizada. Essa prática está confirmada nas ideias de Paulo Freire (1996), que ressalta a importância de um ensino que permite aos educandos expressarem suas vivências e ideias, tornando o aprendizado significativo e humanizado.

Madalena (1º ano C) destacou um trecho do poema *Tabacaria* de Fernando Pessoa, mais especificamente de seu heterônimo Álvaro de Campos, e relata que se identificou com ele por abordar temáticas relativas a sonhos e solidão, conforme o trecho a seguir:

Não sou nada.
 Nunca serei nada.
 Não posso querer ser nada.
 À parte isso,
 tenho em mim todos os sonhos do mundo.
 A solidão é o que mais sei.
 Sou a sombra que se lança,
 e o eco que ressoa,
 o silêncio que se estabelece.

Luanna Saboia (2º ano C) e seu grupo registraram o poema *As borboletas* de Cecília Meireles. O que motivou a escolha foram as lembranças resgatadas a partir das lembranças e vivências do grupo. Luanna relatou que quando era criança recitou em uma apresentação da escola o poema, e voltou pra casa com bexiga e pirulito. “Foi um momento muito marcante e especial, que nunca esqueci”. Lara Geovana (1º ano A), assim como a colega, também teve uma experiência com a poetiza Cecília Meireles e nos contou que esse foi o primeiro poema que ela decorou e recitou na escola quando era criança, e que foi inesquecível.

Figura 10. Painel construído coletivamente, inspirado no poema *As Borboletas* de Cecília Meireles, no dia 10 de setembro de agosto de 2024, na sala de multimídias da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

As falas dessas alunas ilustram como a poesia, especialmente em contextos escolares, pode criar laços emocionais profundos e significativos, além de

revelar o poder das memórias afetivas no processo educativo. A escolha do poema *As Borboletas*, de Cecília Meireles, e os relatos de Luanna Saboia e Lara Geovana mostram como a arte poética é capaz de ressoar com momentos marcantes da vida, permanecendo viva na memória dos alunos.

Ao final das apresentações, percebi que a construção dos painéis não foi apenas um exercício de registro, mas uma viagem pela memória afetiva, pelas emoções presentes e pelas conexões pessoais que cada estudante estabeleceu com a poesia. As escolhas dos poemas e os relatos compartilhados revelaram um pouco mais sobre quem são, suas experiências de vida e como a arte, a partir da poesia, se entrelaça com suas histórias. A lembrança de Luanna, associada à infância e ao poema, reflete a ideia de que a arte é um meio poderoso de criar memórias afetivas. Esse aspecto é pensado pela professora Magda Soares (1991), que ressalta como a memória é um processo dinâmico que transforma o passado em presente, moldando a identidade individual.

A poesia, nesse caso, torna-se um gatilho para revisitar experiências emocionais significativas, reforçando a importância do ensino de artes na formação dos alunos. As vivências relatadas indicam que uma poesia transcende o conteúdo escolar, atuando como uma ponte entre o passado e o presente. Essa ideia é corroborada por Araújo (2019), que destaca como a poesia desperta o imaginário, promove reflexões e incentiva a valorização das vivências culturais e pessoais. O ato de lembrar momentos de infância através do poema de Cecília Meireles conecta os estudantes à sua própria história, reforçando sua identidade.

O relato evidencia ainda como a poesia evoca sentimentos considerados universais, como amor e nostalgia, capazes de unir os estudantes em torno de experiências comuns. Essa ideia se alinha à visão de Octavio Paz (*apud* Alves, 2019), que afirma que a poesia conecta o ser humano à sua linguagem e ao seu universo sensorial, celebrando a unidade da criação. A capacidade de "resgatar lembranças" mencionada no trecho também está em consonância com a função educativa da poesia discutida por Jacilene da Cruz e Elialdo Rodrigues Oliveira (2023).

A escolha do poema *As Borboletas* e os relatos dos estudantes evidenciam, para mim, portanto, o impacto transformador da poesia no ambiente escolar. Mais do que um simples exercício, as atividades realizadas proporcionaram um espaço para a expressão emocional e a troca de vivências, reafirmando o papel essencial da arte na formação integral das pessoas. As apresentações revelaram também a importância

de proporcionar espaços em que os estudantes possam expressar-se livremente, com criatividade e autenticidade, sem a necessidade de se prenderem a estruturas rígidas. Foi emocionante ver como cada grupo encontrou formas únicas de se relacionar com a poesia, transformando palavras em imagens, emoções e histórias.

O encerramento da oficina parece, assim, refletir uma prática pedagógica sensível e significativa, que transforma o aprendizado em uma experiência de autoconhecimento e expressão criativa. A metáfora das "sementes poéticas" ressalta a ideia de que a poesia não é apenas um conteúdo a ser ensinado, mas um processo de desenvolvimento contínuo, que se enraíza nas vivências, nas sensações, nas ideias e emoções dos participantes. Dessa forma, entendo que essa abordagem está alinhada às ideias de Paulo Freire (1996), que vê a educação como um ato transformador, capaz de despertar no educando a consciência crítica e a sensibilidade para interpretar e recriar o mundo. A reflexão coletiva proposta ao final da oficina ilustra exatamente isso: um convite para enxergar a poesia como parte integrante da vida e como meio de transformação pessoal.

A proposta de "olhar o mundo com olhos mais sensíveis" dialoga com Octavio Paz (*apud* Alves, 2019), que destaca a poesia como uma forma de conectar o ser humano aos universos sensorial e emocional. Essa conexão promove uma escuta ativa do mundo e de si mesmo, ampliando a capacidade de perceber os detalhes e significados escondidos no cotidiano. Nesse sentido, o encerramento da oficina não apenas reforça a importância da poesia como expressão artística, mas também como um meio de cultivar empatia, imaginação e autodescoberta.

Por meio dessa experiência, a poesia foi apresentada como algo acessível, capaz de tocar o íntimo de cada participante, permitindo que eles reconheçam sua própria capacidade de criar e interpretar. Assim, o ato de plantar "pequenas sementes poéticas" simboliza o início de um processo contínuo de aprendizado e transformação, mostrando que cada passo dado em direção à poesia é também um passo em direção à elaboração de, e à sensibilização para, uma visão mais sensível e crítica do mundo.

4.3 Desvelando histórias: roda de conversa e questionário

A partir da análise dos primeiros momentos e considerando a metodologia da pesquisa-ação, muito utilizada por pesquisadores e educadores, por abarcar um conjunto de princípios teóricos, práticas e processos que, ao serem adotados, me

orientaram nessa investigação, decidimos realizar uma roda de conversa com os participantes a fim de que, juntos, fosse possível identificar os desafios e planejar algumas ações para as próximas oficinas. Assim, no dia 17 de setembro de 2024, iniciamos a discussão fazendo uma avaliação dos nossos primeiros encontros. Lancei ao grupo questionamentos como: o que estão achando de nossas aulas? O que mais tem agradado? O que tem faltado? O que limita nossas ações e envolvimento no que é proposto? O que impede? O que agrada?

Larissa Miranda (2º ano C) foi a primeira a se pronunciar. Falou que as propostas são boas, mas que ela em alguns momentos não tinha disposição devido a medicação que vinha tomando e a fazia sentir muito sono. Disse que adora desenhar e pintar e sugeriu que realizássemos mais atividades práticas, como por exemplo de pintura. Luanna Saboia (2º Ano C) pediu que fizéssemos brincadeiras e dinâmicas. Ela gostava muito de atividades com movimentos, como pular, dançar, porque isso a deixava muito feliz e animada e era uma forma de liberar energia. Já a Cauane Menezes (1º ano B) comentou que sentia muitas dificuldades de concentração devido ao espaço – auditório, local onde geralmente aconteceram nossos encontros. O local era quente, pois um dos dois aparelhos de ar condicionado estava quebrado e também a acústica não era boa. “Tive dificuldade na hora de assistir o documentário da vida do Mário de Andrade”, revelou a aluna.

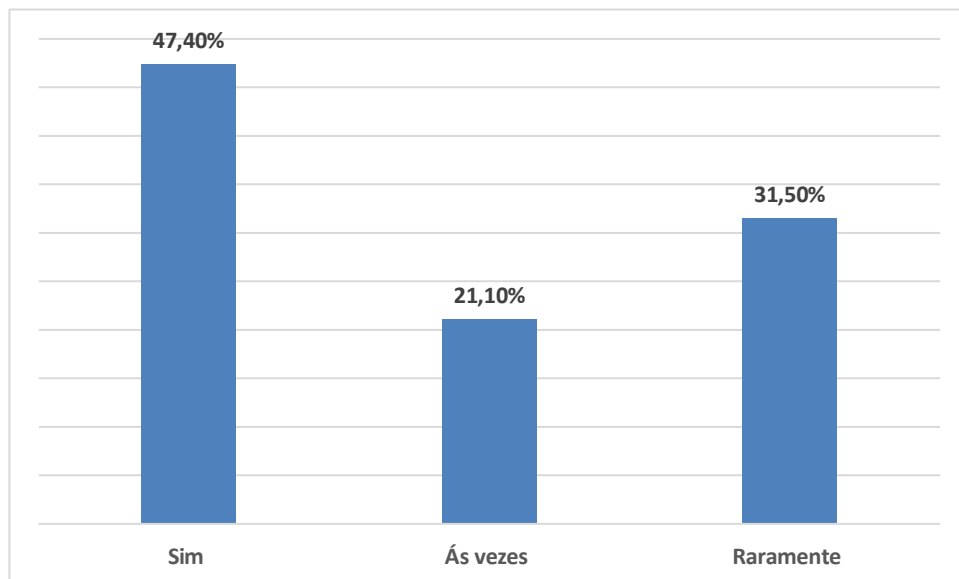
Relatei ao grupo que acolhia as sugestões lançadas, que reconhecia as dificuldades do espaço apontadas e que, na medida do possível, tentaria melhorar as condições para um melhor aproveitamento de nossas aulas. Também ressalttei que, para que tivéssemos êxito na realização das atividades propostas, seria necessário que a turma participasse e se envolvesse mais. Falamos que o uso excessivo do celular estava comprometendo o sucesso das nossas experimentações poéticas, pois eles se distraíam facilmente, perdendo o foco no que estava sendo proposto. Luanna Saboia, então, sugeriu que fizéssemos um acordo: o grupo se comprometeria a participar mais ativamente das aulas e, em contrapartida, eu traria mais atividades práticas que envolvessem pintura, desenho, brincadeiras e teatro. Concordei com a proposta, afirmando que, conforme o planejamento, me esforçaria para atender aos desejos manifestados durante a roda de conversa.

Além da roda de conversa, preparei também para este encontro um questionário (Apêndice B) a ser aplicado com os estudantes, a fim de observar o nível de conhecimento e vivências que eles tiveram com a poesia, ao longo dos anos, tanto

no ambiente escolar quanto familiar. Inicialmente, busquei compreender o contato dos estudantes com a poesia em seu cotidiano por meio da seguinte pergunta: “Você costuma ler ou ouvir poesia?”. Essa questão foi essencial para identificar a frequência com que os alunos interagem com esse gênero literário e entender o papel que ele desempenha em suas rotinas. A partir das respostas, foi possível traçar um panorama do envolvimento dos discentes com a poesia e refletir sobre as implicações pedagógicas.

Os dados revelam que 9 (47,4%), de um total de 19 estudantes que responderam ao questionário, assinalaram que leem ou ouvem poesia, enquanto apenas 4 (21,1%) mantêm um contato mais frequente com o gênero, e 6 (31,5%) com contato ocasional ou que não especificaram. Esses números evidenciam uma exposição limitada à poesia, o que reforça a necessidade de estratégias pedagógicas que promovam o acesso e a valorização dessa forma de expressão artística.

Gráfico 1 – Frequência de contato dos estudantes com a poesia



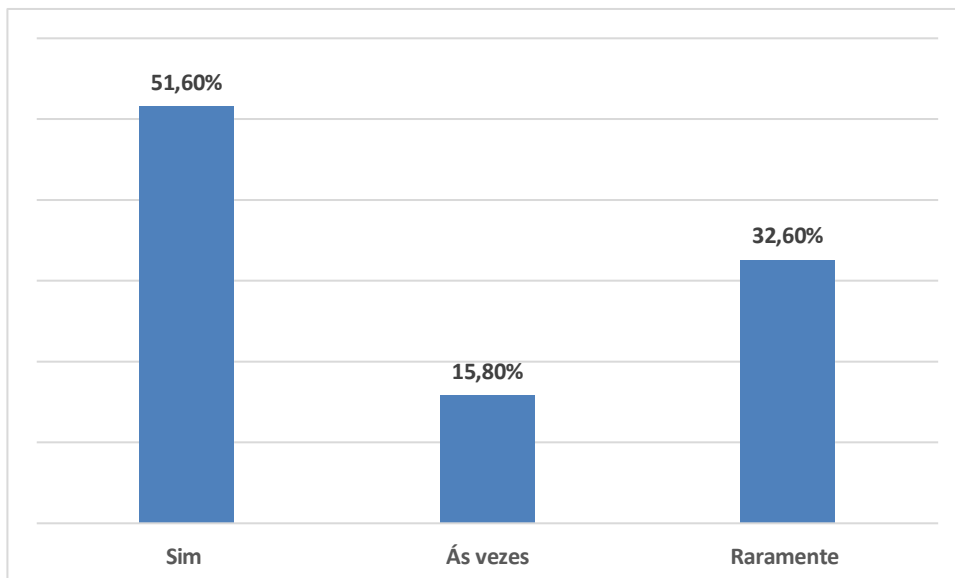
Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Esses resultados corroboram a análise de Cruz e Oliveira (2023), na qual o texto poético ainda ocupa um espaço marginal no cotidiano escolar. Para os autores, a poesia, muitas vezes, é tratada como um recurso secundário, relegada a atividades pontuais, como recitações em eventos escolares ou estudos gramaticais, sem que seu potencial artístico seja estudado de forma plena. Essa negligência contribui para o distanciamento dos estudantes do gênero e dificulta a formação de leitores

apreciativos de poesia. Além disso, esses dados dialogam com as ideias de Araújo (2019), que destaca a importância do despertar a imaginação e o senso crítico dos alunos por meio da poesia. A baixa frequência de contato indicada nas respostas reforça o argumento de que é necessário priorizar a inserção da poesia no currículo escolar, não apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas como uma experiência estética a ser vivenciada e que conecta os alunos ao mundo.

A segunda pergunta do questionário buscou investigar a relação dos estudantes com a poesia na infância, questionando: “Você teve contato com poesia em casa durante a infância?”. Essa questão permitiu compreender em que medida o ambiente familiar influenciou a introdução e a valorização do gênero poético na formação dos discentes, bem como identificar possíveis lacunas no desenvolvimento cultural e artístico na fase inicial de suas vidas. Os dados revelam que 10 (51,6%) dos estudantes tiveram alguma experiência com poesia na infância em casa, mas apenas 3 alunos (15,8%) relataram um contato significativo e 6 (32,6%) afirmam que raramente tiveram esse contato na infância, conforme destacado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Contato dos estudantes com a poesia durante a infância



Fonte: Dados da pesquisa, 2024

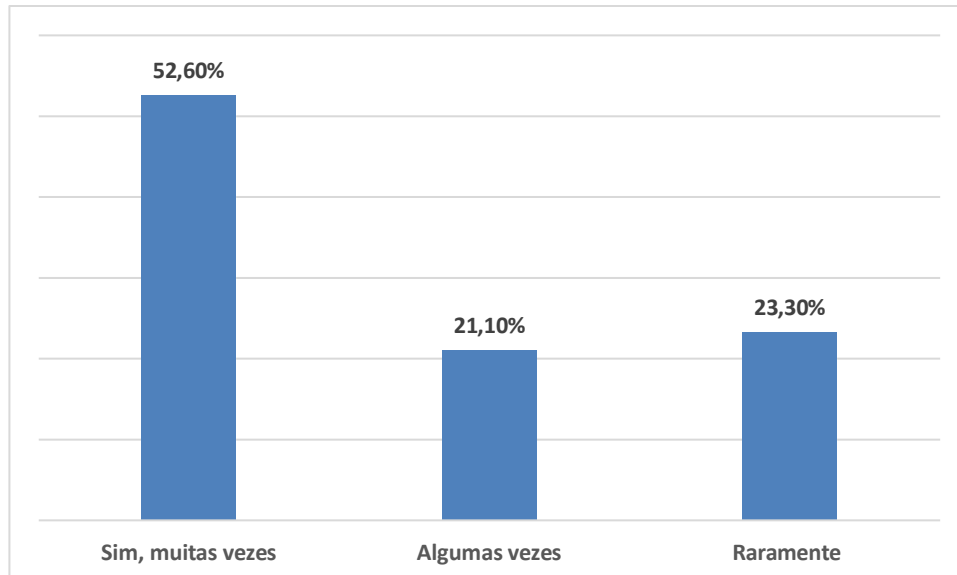
Esses resultados apontam que, embora mais da metade dos discentes tenha tido algum tipo de exposição à poesia, essa vivência foi em grande parte superficial, sem exercer um papel marcante no desenvolvimento cultural ou afetivo. Esse cenário reflete o que Araújo (2019) destaca sobre a importância da poesia no

desenvolvimento crítico e criativo das crianças. A autora ressalta que, ao ser introduzida de forma significativa, a poesia pode despertar a imaginação, promover reflexões e enriquecer a vivência cultural desde a infância. No entanto, os dados sugerem que o contato de conjunto de alunos com a poesia, em muitos casos, foi uma experiência secundária no ambiente familiar, o que provavelmente pode ter limitado seu impacto na formação dos alunos.

Além disso, essa realidade dialoga com a crítica de Cruz e Oliveira (2023), quando afirmam que a poesia, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, ainda é subvalorizada e tratada como um elemento complementar, em vez de um recurso central na construção do imaginário e da sensibilidade artística. A ausência de um contato significativo na infância pode explicar, em parte, os resultados limitados em relação ao engajamento atual dos estudantes com a poesia, como pude constatar ao longo dos primeiros encontros realizados na EEMTI Lions Club, em Crateús (CE).

Por fim, esses dados reforçam a necessidade de integrar a poesia de forma mais ativa tanto no ambiente familiar quanto no escolar, para que ela se torne uma ferramenta de formação cultural e emocional mais consistente. Como aponta Paulo Freire (1996), o ato educativo deve ir além da transmissão de conteúdo, envolvendo um processo de construção de significados que conecte os indivíduos com o mundo ao seu redor. A introdução significativa da poesia na infância poderia cumprir exatamente esse papel transformador.

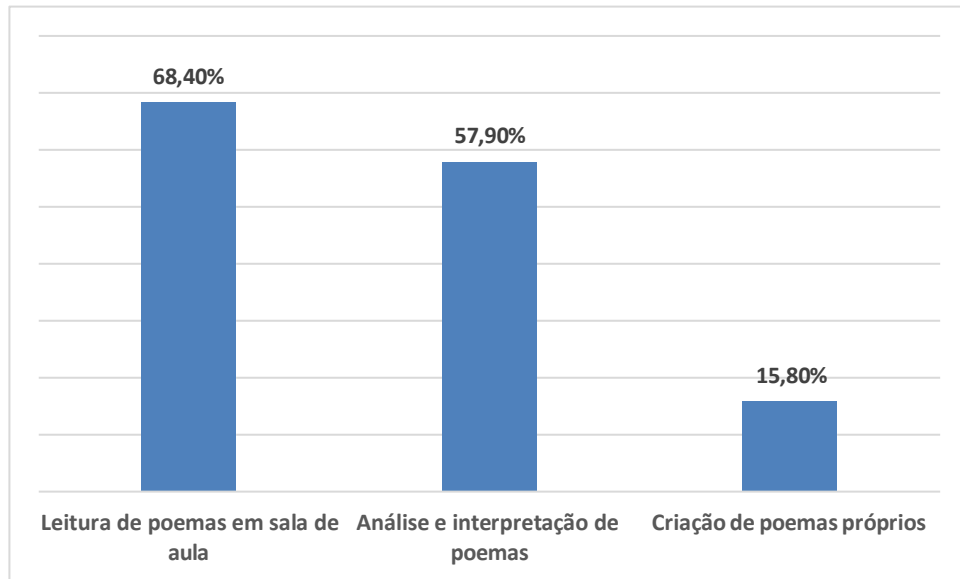
Na sequência, indaguei sobre a experiência escolar com a poesia. Dos 19 alunos, 10 (52,6%) relataram lembrar de algumas aulas que abordaram poesia, 4 (21,1%) indicaram um contato significativo e frequente, enquanto 5 (26,3%) afirmaram não recordar qualquer abordagem de poesia em suas vivências escolares. Esses dados apontam para uma abordagem limitada e superficial no currículo escolar, alinhando-se à crítica de Leal (2023), quando destaca a desvalorização da poesia nas práticas pedagógicas.

Gráfico 3 – Experiência escolar com a poesia

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

A ausência de memórias significativas com o texto poético para uma parcela significativa dos alunos reforça a necessidade de práticas que promovam experiências mais envolventes. Conforme Sá (2021), sensibilizar os alunos para a estética e o potencial da poesia é essencial para resgatar sua relevância e impacto.

Em seguida, questionei sobre as atividades poéticas realizadas na escola. A análise e interpretação de poemas foram mencionadas por 13 alunos (68,4%), seguidas pela leitura de poemas, apontada por 11 alunos (57,9%). No entanto, apenas 3 alunos (15,8%) tiveram oportunidades de criar seus próprios poemas.

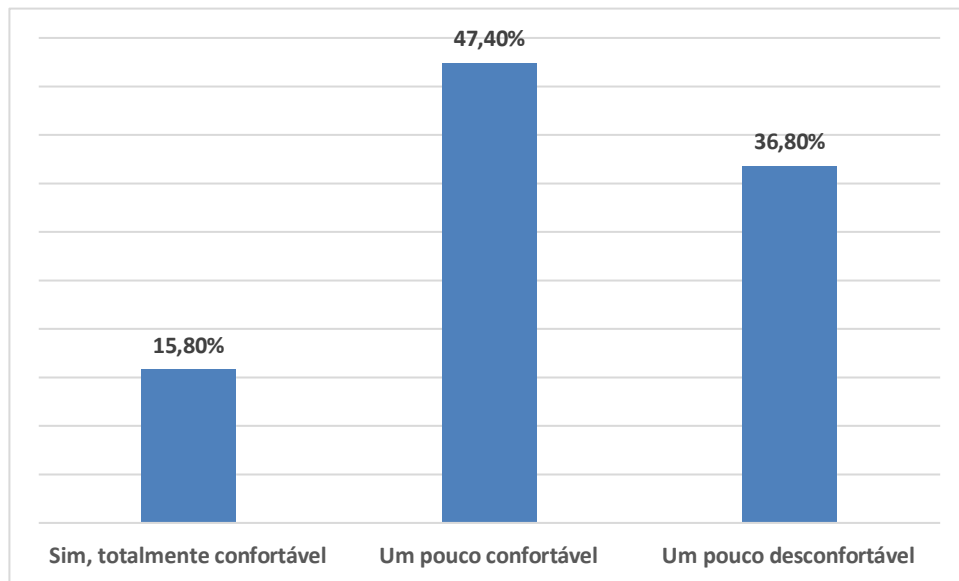
Gráfico 4 – Atividades poéticas realizadas na escola

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Esses dados evidenciam que as práticas pedagógicas ainda priorizam abordagens analíticas e passivas em detrimento da expressão criativa. Azevedo (2019) ressalta que a criação autoral é uma ferramenta indispensável para estimular a criatividade e fortalecer a conexão dos alunos com a poesia. Práticas que integram a criação com a música ou outros elementos artísticos poderiam ampliar o envolvimento dos estudantes, conforme defendido por Magalhães (2023).

É importante destacar que, excepcionalmente a questão do gráfico 4, que fala sobre as atividades poéticas realizadas na escola, o total das respostas ultrapassou 100% porque os alunos puderam selecionar mais de uma alternativa, refletindo o fato de que diferentes atividades podem coexistir na prática pedagógica.

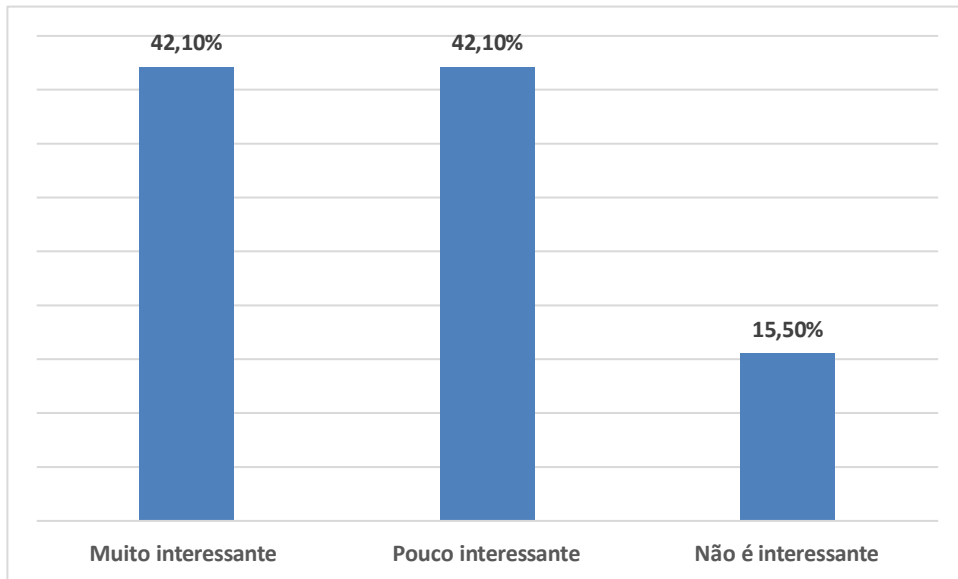
No que se refere ao conforto, ou seja, no que se refere a aceitação dos estudantes a poesia, 3 alunos (15,8%) afirmaram sentir-se totalmente confortáveis com a leitura e escrita de poemas, enquanto 9 (47,4%) relataram um conforto moderado. No entanto, 7 alunos (36,8%) indicaram desconforto ao interagir com esse gênero literário.

Gráfico 5 – Conforto dos alunos com a poesia

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

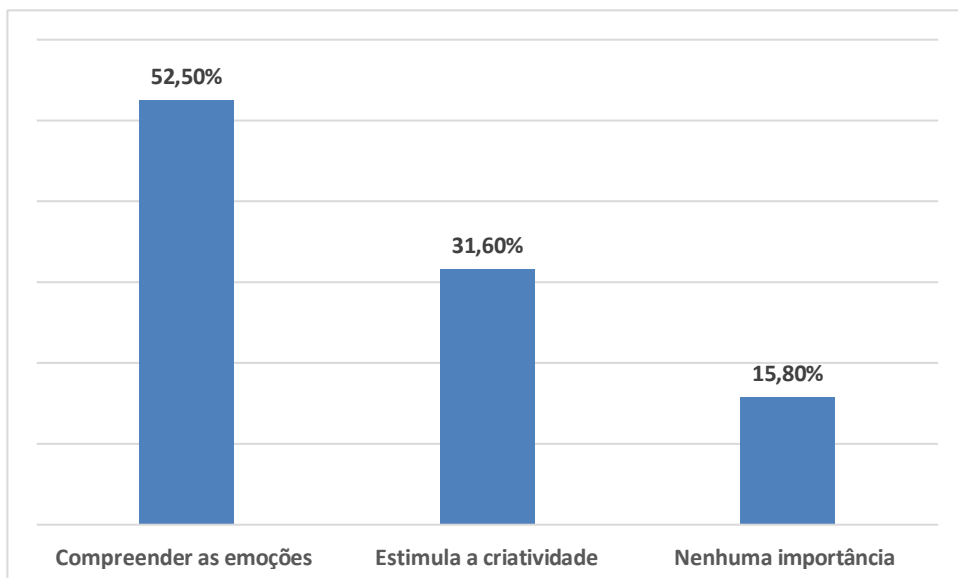
Esse dado aponta para uma desconexão que pode ser atribuída à forma tradicional e pouco atrativa como a poesia é apresentada no ambiente escolar, muitas vezes sem contexto ou relevância prática. Andrade (2023) observa que a falta de conexão emocional dificulta o engajamento dos alunos, enquanto Tavares (2019) propõe atividades que envolvam, conjuntamente, a performance e a musicalidade como formas de tornar a poesia mais acessível e intuitiva.

Quanto ao interesse dos alunos pela poesia, 8 (42,1%) consideraram-na "muito interessante", outros 8 (42,1%) acharam-na "um pouco interessante", e 3 (15,8%) declararam que "não é interessante". Essa polarização sugere que o interesse depende fortemente de como o tema é abordado na escola. Azevedo (2019) enfatiza que o uso de elementos contemporâneos, como a música e temas relacionados ao cotidiano dos alunos, pode aumentar o apelo da poesia. Na mesma via, Costa (2021) argumenta que práticas que promovem a conexão entre poesia e questões sociais ou culturais ajudam a tornar esse gênero mais relevante.

Gráfico 6 – Interesse dos alunos pela poesia

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Relativamente à percepção da importância da poesia, 10 alunos (52,6%) reconheceram-na como uma forma de compreender emoções, enquanto 6 (31,6%) apontaram que ela estimula a criatividade. Apenas 3 alunos (15,8%) não identificaram nenhuma importância na poesia.

Gráfico 7 – Importância da poesia

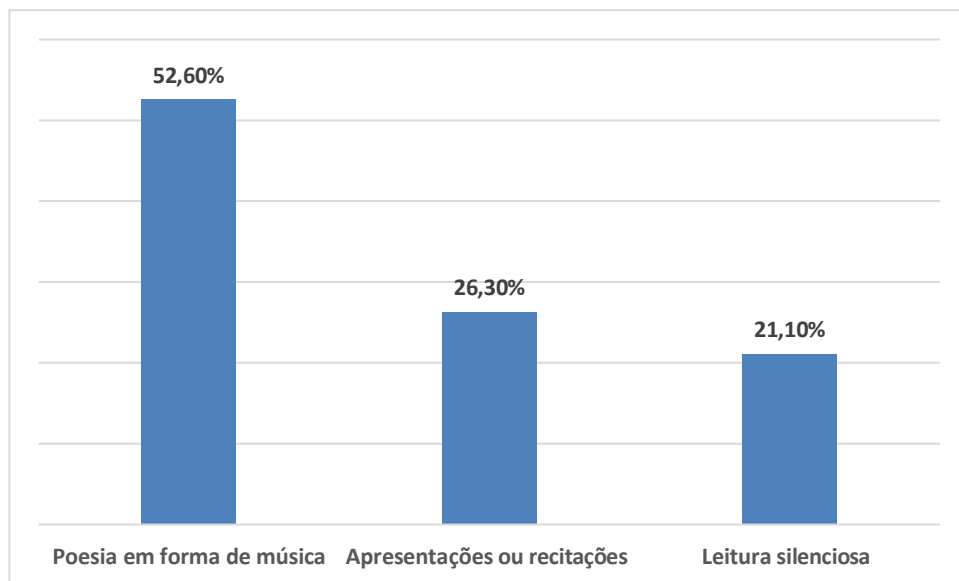
Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Considero que esses dados reforçam que a poesia pode assumir um papel mais central na formação escolar, podendo ser estratégica para o desenvolvimento

emocional e criativo, conforme destacado por Mendonça (2021). No entanto, Carneiro (2019) reforça ser necessário superar a visão utilitarista da poesia e enfatizar seu valor intrínseco como forma de expressão e reflexão sobre o mundo.

Finalmente, indaguei sobre as formas alternativas de vivenciar a poesia. A preferência por ouvir poesia em forma de música foi mencionada por 10 alunos (52,6%), enquanto 5 (26,3%) apontaram interesse por apresentações ou recitações. Outros 4 alunos (21,1%) indicaram a leitura silenciosa como forma preferida.

Gráfico 8 – Formas alternativas de vivenciar a poesia



Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Esses resultados destacam a importância de integrar a sonoridade e a performance às práticas pedagógicas, como defendido por Moraes (2023). Costa (2021) também observa que a combinação da poesia com a musicalidade e a oralidade não apenas amplia sua acessibilidade, mas cria um vínculo mais emocional e significativo com os alunos.

De forma geral, os resultados desse questionário revelam, bem como confirmam as críticas tecidas por especialistas da área, que a abordagem da poesia no ambiente escolar apresenta lacunas significativas, especialmente no que diz respeito à promoção de experiências criativas e ao fortalecimento da conexão emocional dos alunos com esse gênero literário. Embora atividades tradicionais, como a leitura e a análise de poemas sejam predominantes na escola, elas não têm sido suficientes para sensibilizar os estudantes de forma profunda e significativa, o que se

reflete no desconforto de muitos alunos ao interagir com a poesia e suas perspectivas restritas sobre a importância dessa linguagem artística.

A baixa frequência de práticas que estimulem a autoria e a criação poética demonstra-se uma oportunidade perdida de desenvolver habilidades como criatividade, expressão individual e reflexão crítica. Em contrapartida, a preferência por formas alternativas, como a poesia em formato musical ou performática, reforça a necessidade de modernizar e diversificar as estratégias pedagógicas, tornando a poesia mais relevante e acessível nas escolas. Esses dados, alinhados às reflexões de autores como Azevedo (2019) e Magalhães (2023), indicam que uma reformulação do ensino da poesia é essencial para que ela seja percebida não apenas como um componente curricular, mas como uma abordagem transformadora capaz de enriquecer o desenvolvimento cultural, social e emocional dos alunos.

4.4 Laboratório de arte: espaço de criação

Dando continuidade às experiências artísticas iniciadas nos encontros anteriores, as oficinas de arte aqui apresentadas (conforme Apêndice A), foram realizadas entre os meses de setembro a dezembro de 2024, nos espaços de sala de aula, auditório, sala de multimídias e o pátio da escola, junto ao mesmo grupo de 19 alunos. As atividades realizadas nesse encontro proporcionaram aos participantes a oportunidade de aprofundar suas experiências com a poesia e suas sonoridades, explorando novas possibilidades de expressão. Nesta seção, buscamos demonstrar como as experimentações foram realizadas com os estudantes. Utilizando elementos como aliterações, assonâncias e onomatopeias, típicos da poesia infantojuvenil, buscamos criar efeitos musicais e despertar a curiosidade dos alunos. Através da poesia de cordel, eles investigaram a oralidade e a musicalidade da linguagem, criando versos rimados e histórias inspiradas em suas vivências. Já com o *slam*, vivenciaram a poesia performática, recitando seus textos com emoção e originalidade. A poesia sonora, por sua vez, permitiu que os participantes experimentassem diferentes sons e texturas, compondo paisagens sonoras únicas.

Entretanto, algumas medidas foram tomadas para tornar as oficinas mais envolventes. Percebendo que o celular tem desviado a atenção dos participantes na realização das tarefas, foi realizada uma ação, nessa segunda etapa das oficinas, na qual eles depositavam o celular em uma caixa e recebiam um pirulito, para adoçar a

aula. Foi uma forma de quebrar o gelo e afastá-los do celular no momento da roda de conversa e de interação com o grupo. Ao final do encontro, ou caso houvesse alguma necessidade, o celular poderia ser acessado. Todos concordaram e depositaram os celulares na caixa.

Durante a implementação das atividades propostas ao grupo, um grande desafio identificado foi despertar o interesse, o prazer e o envolvimento dos participantes com o texto poético e o que é proposto a partir dele. Os resultados do questionário aplicado ao grupo revelaram um contato limitado com a poesia, indicando uma familiaridade superficial com o gênero. Essa falta de experiência pode ser um fator relevante na resistência à poesia, observada em alguns integrantes. Essa constatação levou-me a refletir e me questionar criticamente sobre a abordagem metodológica e didática utilizadas nas oficinas, portanto na pesquisa de campo do presente estudo de mestrado. Será que estou utilizando estratégias eficazes para conquistar a atenção e estimular a curiosidade dos alunos?

A falta de entusiasmo de alguns participantes me inspirou a buscar novos caminhos e possibilidades para tornar a poesia mais acessível e atraente. Assim, decidi encontrar e elaborar alternativas diferenciadas para abordar o tema, considerando as necessidades e interesses específicos do grupo. Essa mudança de perspectiva permitiu uma reestruturação das atividades, visando criar uma experiência mais envolvente, significativa e duradoura. Compartilho, nas próximas sub-seções, algumas das produções artísticas criadas ao longo dos encontros, destacando a evolução do processo criativo do grupo.

4.4.1 Despertando memórias: poesia infantil e ludicidade

Em respostas aos desafios sinalizados, escolhi duas poesias que evocam o universo infantil para as atividades da oficina realizada no dia 24 de setembro de 2024: *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira, e *Canção dos Tamanquinhos*, de Cecília Meireles – ele, poeta da primeira geração do modernismo brasileiro e ela, da segunda geração. Seus poemas me pareceram instigantes para investigar a rima, o ritmo, a sonoridade, entre outras possibilidades. A intenção era realizar uma viagem e resgatar as lembranças e construir novas vivências, tendo como base o texto poético e “a infância”. Afinal o mundo infantil, recheado de fantasia e criatividade, assemelha-se

muito ao universo do poeta e suas poesias. Queria aproximar os adolescentes dessa experiência.

Iniciamos as atividades nos instigando pelo poema de Manuel Bandeira e pelas seguintes indagações: quem conhece ou já viu ou até mesmo andou de trem? Apenas a Larissa Miranda (2º ano C) já havia andado de trem, quando era criança e morava no Rio de Janeiro. Projetamos imagens e ouvimos áudios de diversos tipos de trens, para só então entregar a cópia da poesia. Em seguida foi feita uma primeira leitura do poema, logo após foi solicitado que eles lessem, cada um do seu jeito, dando o seu toque pessoal.

Trem de Ferro

Café com pão
 Café com pão
 Café com pão
 Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
 Café com pão
 Agora sim
 Voa, fumaça
 Corre, cerca
 Ai seu foguista
 Bota fogo
 Na fornalha
 Que eu preciso
 Muita força
 Muita força
 Muita força

Oô...
 Foge, bicho
 Foge, povo
 Passa ponte
 Passa poste
 Passa pasto
 Passa boi
 Passa boiada
 Passa galho
 De ingazeira
 Debruçada
 No riacho
 Que vontade
 De cantar!

Oô...
 Quando me prendero
 No canaviá
 Cada pé de cana
 Era um oficiá

Oô...
 Menina bonita
 Do vestido verde
 Me dá tua boca
 Pra matá minha sede

Oô...
 Vou mimbora vou mimbora
 Não gosto daqui
 Nasci no Sertão
 Sou de Ouricuri
 Oô...

Vou depressa
 Vou correndo
 Vou na toda
 Que só levo
 Pouca gente
 Pouca gente
 Pouca gente...

Feita a primeira rodada de leitura, questionei os alunos se eles percebiam os sons do trem em movimento nas palavras do poema. Mais uma vez foi realizada uma nova leitura, agora introduzindo velocidade, pausa e ritmo. Uma pausa para conversar e agora sim era nítido a percepção da sonoridade. Para a realização de uma performance, dividiu-se a turma em trios e duplas, e cada pequeno grupo ficou com uma parte do poema. Um grupo reproduzia o som do trem em movimento através dos versos:

Café com pão
 Café com pão
 Café com pão

Outro grupo improvisava a paisagem passando, a partir dos versos:

Foge, bicho
 Foge, povo
 Passa ponte

Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho

Figuras 11 e 12. Investigação e apreciação do poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira, no 24 de setembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



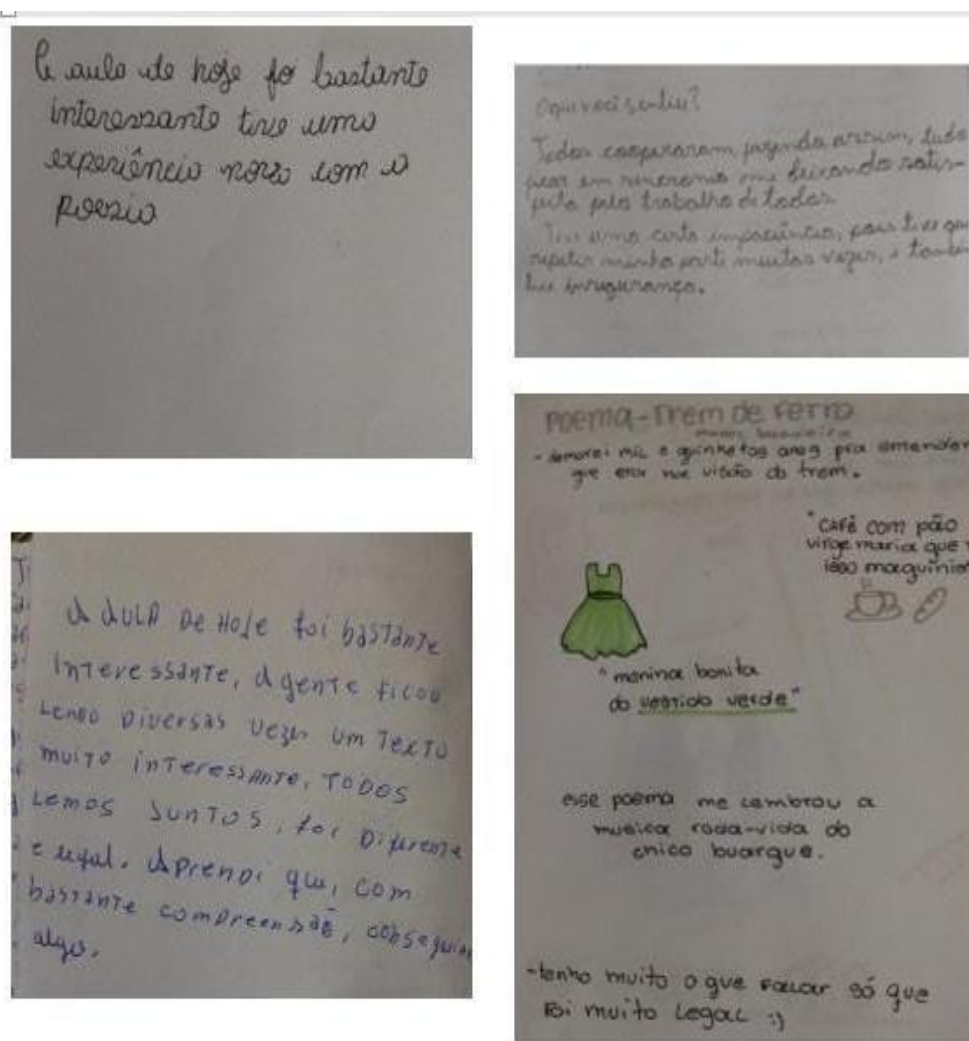
Fonte: Acervo pessoal (2024)

Depois de muitos ensaios e esforços, risos e graças, conseguimos interpretar o poema. A experiência, repleta de aprendizado coletivo e descontração, mostrou-se marcante para os alunos, que demonstraram entusiasmo ao final da atividade. Pedi que cada um resumisse em uma palavra a vivência, e as respostas refletiram a diversidade de sentimentos que emergiram: diferente, interessante, novidade, legal, bom, divertido. Essa riqueza de percepções evidencia o potencial da poesia e da atuação corporal direta como ferramentas pedagógicas, capazes de engajar e provocar reflexões e atitudes criativas nos estudantes.

Esses momentos de interação, experimentação e vivência artística têm um impacto significativo no processo de aprendizagem dos estudantes. Atividades como a performance de um poema vão além da simples leitura ou análise textual, pois

permitem que os alunos expressem suas emoções, desenvolvam sua criatividade e estabeleçam conexões mais profundas com a obra. Como aponta Tripp (2005), a prática reflexiva e experimental em sala de aula promove não apenas o aprendizado técnico, mas também a transformação pessoal e coletiva. Além disso, esses momentos prometem um espaço de liberdade criativa e fortalecimento das relações interpessoais, elementos fundamentais para a formação integral dos alunos, como defende Araújo (2019). Dessa forma, experiências como essa reafirmam o poder da poesia e da arte como vias de desenvolvimento artístico, cultural, crítico, sensorial e emocional. A seguir, apresentamos alguns relatos registrados nos diários de bordo confeccionados pelos alunos nos primeiros encontros, que ilustram como essa prática se entrelaçou com suas experiências pessoais e subjetivas.

Figuras 13, 14, 15 e 16. Relatos dos alunos, registrados nos diários de bordo, sobre a atividade realizada no dia 24 de setembro de 2024



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Em mais um encontro realizado no dia 01 de outubro de 2024, na sala de multimeios, demos continuidade às atividades. Assistimos as gravações que fizemos da nossa performance *Trem de ferro*, e em seguida foi questionado sobre o que acharam do resultado dessa criação coletiva. Eles apontaram que alguns integrantes falaram muito baixo, outros muito rápido, mencionaram que a acústica do auditório atrapalhou, deixando o “som abafado”. Diante de tais afirmações, foi apresentado a seguinte proposta: e que tal se gravássemos novamente, na sala de multimeios onde a acústica é melhor? Eles aceitaram, desde que a gravação fosse somente do som. Realizamos uma rodada de ensaio, seguida de 4 ou 5 tentativas e, por fim, a gravação do áudio ficou satisfatória.

QR Code 1 – Produção sonora coletiva inspirada no poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Dando sequência às nossas atividades, aprofundamos o estudo da sonoridade poética por meio do texto *Canção dos tamanquinhos*, de Cecília Meireles. A partir dessa obra os alunos foram convidados a investigar a sonoridade, com ares de magia, das palavras usadas no poema através dos recursos de aliteração e assonância, e a descobrirem como os sons podem criar um ritmo contagiante e uma atmosfera cheia de poesia. O objetivo foi desenvolver a percepção auditiva dos alunos, estimular a apreciação da poesia e promover momentos de fruição.

Canção dos tamanquinhos

Troc... troc... troc... troc...
 ligeirinhos, ligeirinhos,
 troc... troc... troc... troc...
 vão cantando os tamanquinhos...

Madrugada. Troc... troc...
pelas portas dos vizinhos
vão batendo, Troc... troc...
vão cantando os tamanquinhos...

Chove. Troc... troc... troc...
no silêncio dos caminhos
alagados, troc... troc...
vão cantando os tamanquinhos...

E até mesmo, troc... troc...
os que têm sedas e arminhos,
sonham, troc... troc... troc...
com seu par de tamanquinhos...

Foi iniciada uma leitura expressiva do poema, destacando o som “troc... troc... troc...”. Cada aluno pode participar lendo a poesia do seu jeito. Ao longo da leitura, pediu-se que eles dessem ênfase ao som das onomatopeias, de modo a sentirem o ritmo e a cadência. Questionei os alunos a respeito do que sentiram ao escutar o “troc... troc...” e como imaginam a cena que o poema descreve. Eles relataram que conseguiam imaginar o local por onde passavam os tamanquinhos: “numa rua escura e alagada” ou “no corredor de um prédio, onde os moradores dormiam”.

Logo após, os alunos foram divididos em pequenos grupos e coloquei à disposição deles alguns instrumentos musicais como pandeiro, reco-reco, agogô, e outros objetos que pudessem simular som similar ao “troc... troc...”. Cada grupo ficou com uma estrofe do poema, e deveriam experimentar formas de criar ritmos e explorar o som dos objetos de maneira que refletisse a cadência descrita no poema. A princípio eles pareciam tímidos, mas aos poucos iam experimentando e criando novas tessituras para o poema.

Ao final dessa experiência é possível considerar que esta atividade foi muito prazerosa, não só para os alunos, mas também para mim, ao perceber o envolvimento e a criatividade que cada um trouxe para a experiência. Foi um momento de descoberta, expressão e diversão que valorizou a força da poesia e da sonoridade em sala de aula.

Figura 17. Roda de conversa e exploração do poema *Canção dos tamanquinhos*, de Cecília Meireles, no dia 01 de outubro de 2024, na sala de multimeios da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

As imagens seguintes, logo abaixo, registram um momento especial da oficina, na qual os alunos fizeram uma apresentação criativa e colaborativa realizada a partir do poema *Canção dos Tamanquinhos* de Cecília Meireles, retomando a experiência do encontro anterior. A atividade prática envolveu leitura expressiva, experimentação e interpretação rítmica, permitindo que cada estudante contribuísse com sua própria criatividade e sensibilidade. Esse momento foi essencial para conectar os alunos ao texto poético de maneira dinâmica, enfatizando a importância da sonoridade e do ritmo descrito no poema.

Figuras 18 e 19. Improvisação em torno do poema *Canção do tamanquinhos*, de Cecília Meireles, no dia 01 de outubro de 2024, na sala de multimídias da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Ao final de mais esta oficina, foi possível perceber que ao utilizar imagens, sons e uma leitura guiada, destacando ritmo e sonoridade, conseguimos trazer o universo do poema para mais perto dos alunos, facilitando a compreensão dos recursos expressivos que a poesia utiliza. Esse tipo de imersão sensorial, junto com a proposta de performance em grupo, possibilita tornar o aprendizado mais dinâmico e lúdico, reduzindo a resistência e possibilitando que o poema seja experienciado corporalmente, dando amplitude para a percepção poética. Abaixo, a segunda produção sonora criada coletivamente.

QR Code 2 – Produção sonora coletiva inspirada no poema
Canção dos tamanquinhos, de Cecília Meireles



Fonte: Acervo pessoal (2024)

4.4.2 Poesia sonora: inventando sons e versos

A próxima oficina, realizada no dia 08 de outubro de 2024, foi iniciada apresentando aos alunos a poesia sonora, destacando como os sons das palavras e dos ritmos podem criar significado sem depender apenas da escrita. Poesia sonora é uma forma de expressão artística que combina elementos da poesia tradicional (como ritmo, métrica e linguagem) com aspectos sonoros, como a voz, sons ambientais, música ou mesmo ruídos. Ela vai além do texto escrito, priorizando a experiência auditiva e sensorial. Essa abordagem muitas vezes desconstrói a linguagem tradicional, explorando as possibilidades do som enquanto veículo poético. É caracterizada por exploração da voz, integração de sons diversos, inclusive os sons do ambiente, e utilização de performance para apresentação.

O compositor e arte educador Daniel Quaranta (2007) destaca que a poesia sonora é uma forma de expressão artística que explora a sonoridade das palavras, dos fonemas e dos ruídos, buscando ultrapassar os limites da linguagem verbal tradicional. Diferente da poesia declamada, que destaca o conteúdo das palavras, a poesia sonora enfatiza os aspectos acústicos e materiais do som, utilizando técnicas fonéticas, ritmo, variações de timbre e pausas para criar experiências poéticas. De caráter experimental, a poesia sonora busca despertar novas sensações e formas de percepção, conectando o ouvinte ao som de maneira mais intuitiva e visceral. Ao focar na musicalidade e na textura dos sons, ela transforma a linguagem em uma

experiência sensorial, indo além do significado das palavras para criar uma poesia que é tanto ouvida quanto sentida.

Logo de início, destaquei brevemente os aspectos históricos e o contexto da poesia sonora, citando exemplos de culturas que valorizam a oralidade, como os povos indígenas e afro-brasileiros. Após a introdução do tema, solicitei que ouvissem com bastante atenção o poema sonoro *Cidade*, de Arnaldo Antunes², músico, artista visual e poeta contemporâneo cuja composição é inspirada na poesia concreta. Pedi que fechassem os olhos e percebessem os sons que compõem a obra, que imaginassem o que cada som transmite. Maria Clara Macedo (1º ano C) iniciou o seu relato citando que imaginou uma cidade suja, poluída sem políticas básicas de prevenção, sem crianças, com camelôs fugindo dos policiais, pois como diz o autor: “a calçada da fama é suja”. Ana Karen (1º ano C) disse que a cidade não necessariamente é suja, mas a população a tornou suja. Segundo a aluna, há na cidade lugares admiráveis, mas as pessoas estão corrompidas, as crianças estão desabrigadas não somente de estruturas, mas de sonhos.

À medida que os depoimentos surgiam, novas ideias e imagens sobre a cidade iam sendo construídas, despertando o envolvimento do grupo. O que mais chamou a atenção foi o posicionamento de Maria Madalena (1º ano C), não apenas pela forma como ela imaginou uma cidade opressiva — suja, cinza e sem vida —, mas pelo fato de ter participado espontaneamente pela primeira vez, compartilhando suas impressões sobre a obra. Quando questionada sobre como gostaria de experimentar a poesia de uma maneira diferente, ela afirmou não ter interesse nesse aprendizado. No entanto, após alguns encontros e experimentações realizadas pelo grupo, começaram a surgir mudanças em sua atitude, revelando um possível despertar para a poesia.

Em seguida os alunos foram divididos em dupla para a criação de suas próprias poesias sonoras. Realizou-se mais uma leitura do poema, atentando para suas partes, versos específicos para que os alunos analisem os elementos sonoros, como a repetição de sílabas, pausas e entonações, para que pudessem perceber como esses elementos criam um ritmo que lembra uma cidade. Dessa forma, a atividade proposta foi que os alunos criassem seus próprios poemas sonoros baseados em experiências, sons ou sensações que associam à cidade ou “localidade”

² Cidade - Arnaldo Antunes (Música de Bolso), foi gravada no Viaduto do Chá, no centro de São Paulo. <https://www.youtube.com/watch?v=a2o5v4QlBac>

onde vivem. Sugeri que usassem palavras que evoquem sons e ambientes urbanos, como “carros”, “vozes”, “passos”, “ruas”, ou se ainda preferirem, sons que remetem a um ambiente mais calmo e rural, como os passarinhos cantando, sons de grilos, barulho do vento, entre outros.

Figuras 20 e 21. Momento de criação coletiva do poema sonoro, no dia 08 de outubro de 2024, no pátio da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Propus que cada grupo, após a sua elaboração, gravasse o áudio da execução de sua poesia sonora, focando na entonação, na construção de camadas de sons, e me enviassem. As fotos a seguir, ilustram um momento significativo, em que os alunos trabalharam na investigação de suas poesias sonoras. Cada grupo, após a composição colaborativa, foi desafiado a registrar em áudio sua interpretação, pesquisando e criando a partir de elementos como entonação, ritmo e a sobreposição de camadas sonoras. Essa etapa da atividade não apenas fortaleceu o vínculo dos estudantes com o texto poético, mas também incentivou a criatividade e a sensibilidade artística, transformando a poesia em uma experiência sonora única.

A gravação das produções sonoras destacou a importância do protagonismo dos alunos no processo criativo. Como defendem Cruz e Oliveira

(2023), a poesia não é apenas um recurso estético, mas uma ferramenta potente para desenvolver a imaginação e a expressão artística. Essa atividade prática proporcionou aos estudantes um espaço para experimentar, refletir e criar, valorizando a força da sonoridade na construção de uma experimentação poética significativa e promovendo a integração entre o texto e os sons que o cercam.

Figuras 22 e 23. Grupo investigando sons para criação sonora, no dia 08 de outubro de 2024, na sala de multimídias da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Perguntados como foi o processo de criação em comparação ao poema de Arnaldo Antunes e se a experimentação mudou a forma como veem a poesia sonora, eles responderam que a princípio acharam a obra estranha. Para eles não era música nem poema, e sim “uma coisa com ritmo meio feio”, mas que faz uma crítica sobre um determinado lugar. A propósito de suas próprias criações, uns preferem falar de um lugar ideal, ou de um sentimento, ou de uma situação. Conversamos sobre como os sons e as palavras podem evocar emoções e memórias, transformando a poesia sonora em uma experiência que vai além da linguagem.

Para finalizar o encontro, propus uma reflexão coletiva: "Como vocês se sentiram ao transformar sons em poesia? O que essa experiência revelou sobre a

relação entre som, palavra e significado?". As respostas dos alunos foram diversas e enriquecedoras. Alguns compartilharam que perceberam como a poesia sonora provoca sensações únicas, diferentes das geradas pela poesia escrita ou pela música tradicional. Outros destacam que a atividade ampliou seu entendimento sobre o papel do som no cotidiano, reforçando a ideia de que a poesia pode ser vivenciada de maneiras não casuais e surpreendentes.

Encerramos o encontro com uma audição das obras gravadas por cada grupo, criando um momento de troca e avaliação coletiva. Todos tiveram a oportunidade de comentar as criações dos colegas, destacando aspectos como a originalidade, a combinação de camadas sonoras e a expressividade. Esses momentos reforçaram a importância do compartilhamento no processo criativo, evidenciando o impacto transformador da poesia sonora. A seguir, apresentamos algumas das obras produzidas durante a oficina, que ilustram a riqueza e a diversidade das interpretações feitas pelos alunos.

QR Code 3 – Poesia sonora *Realidade Acrômica*. Autores: Cauane Menezes (1º ano B), Ana Karen (1º ano C), João Gabriel (1º ano C) e Maria Madalena (1º ano C)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

QR Code 4 – Poesia sonora *Solitude*. Autores: Leia Ferreira (1º ano A) e Hethelly Mourão (1º ano A)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

QR Code 5 – Poesia sonora *Ave de Arribação*. Autores: Luana Saboia (2º ano C), Antonia Yasmim (1º ano A), Lara Pereira (1º ano A) e Clara Pereira (1º ano A)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

4.4.3 *Slam*: poesia falada e de protesto

Iniciamos esse encontro, realizado no dia 22 de outubro de 2024, em círculo e com o questionamento: “Vocês sabem o que é *slam*? Já ouviram falar em batalha de *slam*?”. Alguns conheciam de ouvir falar, para outros era total novidade. Para iniciar nossa imersão no mundo do *slam*, assistimos ao vídeo *O que é Poetry Slam?*³, com a renomada artista Roberta Estrela D’Alva. No vídeo, a fundadora do

³ No vídeo *O que é Poetry Slam? Com Roberta Estrela D’Alva*, a atriz-MC e *slamer* Roberta Estrela D’Alva narra sobre o que é esse movimento artístico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bojuwnv6yd0&t=6s>. Acesso em 01 Mai.2025.

Slam no Brasil, não apenas explica os fundamentos dessa forma de expressão artística, mas também compartilha sobre sua trajetória.

Slam é uma forma de expressão artística que combina poesia e performance. É uma batalha de poesia falada, onde poetas se apresentam em um palco, declamando versos autorais e originais, e são avaliados por uma plateia. A pesquisadora Daniela Silva de Freitas, que estuda sobre a *poetry Slam*, relata que:

Marc Smith, fundador do primeiro slam do mundo, era trabalhador da construção civil e poeta nos meados dos anos 1980. Smith diz que chegou no formato do slam gradualmente, tentando transformar os eventos de leitura de poesia organizados por ele e seus amigos em bares de um bairro operário de Chicago em uma espécie de show que atraísse aqueles que não se viam acolhidos pelo ambiente das leituras de poesia tradicionais (FREITAS, 2020, p.2).

O primeiro *slam* de poesia no Brasil, foi organizado por Roberta Estrela D’Alva, na cidade de São Paulo, em 2008. Além de trazer esse modo de fazer poesia para o Brasil, ela foi a primeira *slammer* brasileira a participar da Copa do Mundo de *Slam*, em 2011, e a primeira pesquisadora a publicar um artigo sobre essa cena na capital paulista. Seu documentário *Slam: voz de levante* (2018) foi lançado no Festival do Rio, em 2017, e ganhou o prêmio de melhor direção de documentário e prêmio especial do júri.

Um exemplo de poesia desse gênero, de autoria de Paulina Turra, apresentado na edição especial *Slam Resistência* de julho de 2017, aborda como temática a descoberta da sua sexualidade e as dificuldades enfrentadas em conversar sobre o assunto com sua família e amigos:

“Agora eu tenho 19 anos, mas parece que eu só tenho 3 porque foi só com 15 anos que eu me assumi gay. Gay não, sou sapatão, tem gente que me olha e faz essa confusão. Hoje em dia eu nem ligo, mas antes não era assim. Já tive que me disfarçar, fantasiar para esconder essa pessoa dentro de mim tenho até foto indo pra festa, salto alto, meia-calça, vestido tubinho com as costas abertas, rímel, lápis, sombra, cabelo mais alisado e californiana nas pontas. Quem me conhece hoje em dia olha a foto, dá risada e zomba, mas aquela era a minha armadura, porque ser como eu queria me dava vergonha. Falar com a minha mãe? “Shhhi, fala baixo, nem sonha”, falar com o meu pai? “Shhhi, fala baixo, nem sonha”, falar com a minha amiga? “Ih, vai que ela estranha”. Então um dia me tranquei no banheiro com a minha avó, finalmente da minha garganta ia tirar aquele nó, falei que queria ser menino, achava que ia ser melhor, Ela falou pra eu não contar pra ninguém, que se eu contasse ia ser pior Depois disso até consegui namorado, por essa boca vários pintos já passaram, eu até que gostava, eles adoravam, queria saber se eu já fosse assim se eles teriam se interessado. Hoje em dia eu nem ligo, sou do jeito que eu quiser, o jeito que eu falo, que eu penso, que eu me movo, é meu jeito de ser mulher! E vai ter gente falando que eu tô confusa, mas confuso é quem quer me dar beijo, mas não beija porque se assusta. Eu beijo mina, bicha, diva, viada e sapatão. Eu não tenho lista de pré-requisitos. Eu não tô atrás de um padrão. E se hétero quiser ficar comigo na balada, não é

porque tá bêbado e a visão tá embaçada, é porque eu sou uma puta mina gata e de macho eu não tenho nada. Eu posso até ter falado muito, me embolado e falado demais, mas é que eu só comecei a falar três anos atrás” (SLAM RESISTÊNCIA, 2017, p. 5)

Em seguida, para que o grupo pudesse vivenciar a energia e a intensidade das batalhas de poesia, assistimos a diversas performances, algumas delas dentro do próprio ambiente escolar. Acompanhamos atentamente cada palavra, cada gesto e cada movimento corporal dos poetas, buscando compreender como a linguagem não verbal contribui para a força e o impacto de suas apresentações. Ao finalizar a apresentação dos vídeos indaguei a eles o que mais lhes chamou atenção. Ana Karen (1ºano C) destacou que em um dos vídeos uma jovem, que abordava em sua poesia a temática “assédio”, falava em tom muito alto e intenso, “quase que gritando”. Para a aula, era como se fosse uma denúncia aos abusos sofridos pelas mulheres diariamente.

A atividade proposta trouxe uma discussão rica e significativa, conectando os alunos a temas relevantes e muitas vezes urgentes em suas próprias realidades. A análise crítica do vídeo, conforme destacou Ana Karen (1º ano C), evidenciou como a poesia pode ser um instrumento de denúncia e empoderamento. A jovem do vídeo, com sua poesia sobre assédio, utilizou o tom alto e intenso para expressar a indignação e a resistência frente a uma realidade dolorosa, mostrando que o *slam* não é apenas uma forma de arte, mas também um meio de dar voz a quem muitas vezes é silenciado.

Como aquecimento para a criação dos próprios *slams*, solicitei que os alunos pensassem em temas que tenham um significado pessoal ou que sejam relevantes para o grupo. Surgiram temas como homofobia, preconceito, educação, meio ambiente, capitalismo, entre outros. À medida que iam aparecendo os assuntos íamos conversando sobre como impactavam ou refletiam em nossas vidas ou cotidiano. Dentre muitas falas, foi dito que a escola é um espaço onde essas violências não deveriam acontecer, mas que infelizmente isso ocorria. E foi um momento de fala e sobretudo de escuta e acolhimento. Essa etapa, de pensar em temas significativos, revelou a maturidade dos alunos ao identificarem tais questões e trouxe à tona a importância de criar ambientes de acolhimento e respeito, o que foi vivenciado durante a atividade.

A partir da discussão, criamos um “coro de palavras”, em que cada integrante fala palavras que lhe viessem à mente sobre o tema escolhido,

pesquisando volume e intensidade. Em seguida o grupo repetia em coro a palavra dita. Com base nas ideias levantadas, foi solicitado a cada aluno que escrevesse em seu diário de bordo um poema curto, focando em transmitir uma emoção intensa sobre o tema.

O "coro de palavras" destacou a força coletiva na experimentação da linguagem. O uso do volume e da intensidade trouxe um caráter performático à atividade, permitindo aos alunos vivenciarem a sonoridade e o poder das palavras. Por fim, a escrita dos poemas curtos nos diários de bordo ofereceu uma oportunidade de introspecção e expressão pessoal, onde cada aluno pôde transformar suas reflexões em arte, dando voz às emoções provocadas pelos temas.

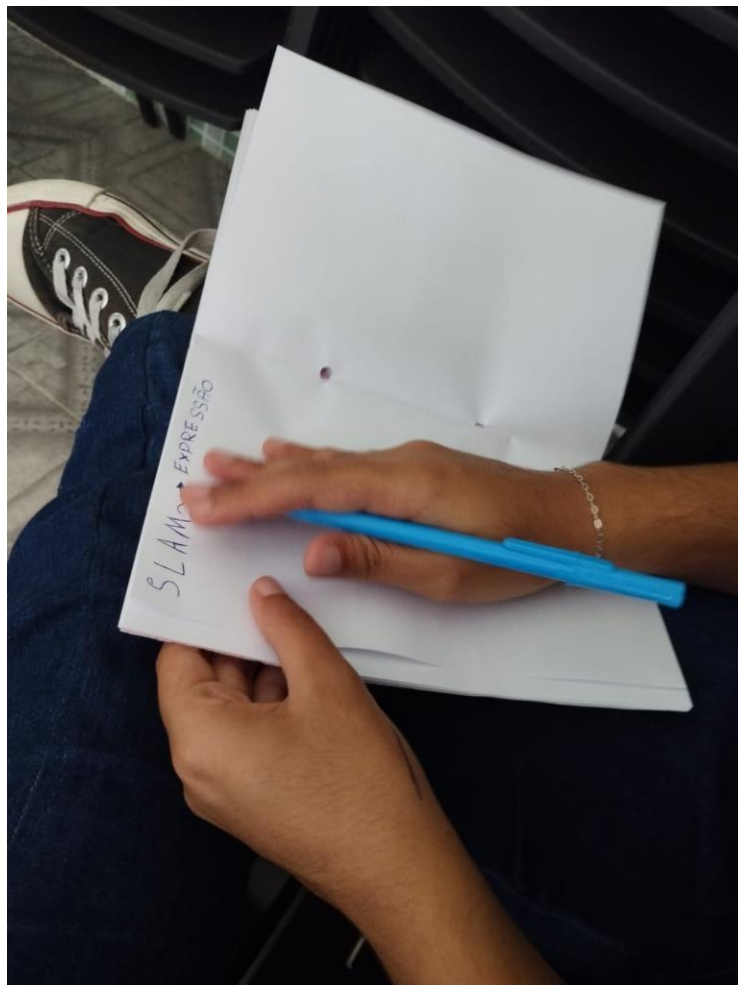
Figura 24. Momento de criação de *slam*, dia 22 de outubro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A seguir, apresentamos uma imagem que registra as produções dos alunos, evidenciando o envolvimento e a criatividade presentes em cada poema criado durante a oficina. Esses registros são uma prova do impacto transformador que a poesia e a performance podem ter no ambiente educacional.

Figura 25. Momento de criação de *slam*, dia 22 de outubro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Este momento da oficina, favoreceu, por meio da roda de conversa, que os alunos expressassem suas emoções, reflexões e críticas de forma autêntica e criativa. Através da poesia falada, eles puderam dar voz a temas que os afetam diretamente, fortalecendo o senso de comunidade e a empatia entre os participantes. A experiência de assistir a performances de *slam* e de criar seus próprios poemas permitiu que os alunos desenvolvessem habilidades como a oratória, a expressão corporal e a escrita criativa. Além disso, a oficina contribuiu para instaurarmos de um ambiente mais inclusivo e respeitoso, onde as diferenças de pensamento e de sentimentos foram valorizadas e as vozes de todos foram ouvidas.

A retomada do segundo encontro da poesia de *slam* revelou a importância de reforçar o conceito e os objetivos dessa forma de poesia, destacando a potência dessa forma de expressão como um instrumento de empoderamento e transformação

social. Durante o compartilhamento das produções, ficou claro que alguns alunos ainda se prendiam a temas mais comuns, como amor e amizade, o que sinalizou a necessidade de explorar mais profundamente o caráter crítico e reflexivo que caracteriza a poesia de *slam*. Essa percepção motivou uma discussão sobre como essa modalidade poética pode abordar questões sociais, políticas e identitárias, conectando as experiências pessoais dos alunos às dinâmicas de sua realidade.

Embora a discussão tenha sido rica, foi evidente a necessidade de aproximar ainda mais os alunos dessa linguagem poética e do impacto que ela pode gerar em suas vidas e na sociedade. Além de produzir e performar suas poesias, é fundamental que desenvolvam a capacidade de escutar e valorizar a expressão dos colegas, promovendo um ambiente de respeito mútuo e troca de experiências. Esse processo não apenas enriquece o aprendizado, mas também fortalece habilidades interpessoais essenciais.

Diante desses desafios, optei por adaptar a proposta para o encontro, solicitando que os alunos realizassem uma pesquisa sobre a poesia de *slam*, seus poetas e movimentos culturais. Essa mudança de abordagem teve como objetivo inspirá-los a compreender melhor a essência desse tipo de criação poética e sua conexão com a realidade social. Ao pesquisar a trajetória dessa forma de expressão, os alunos puderam se familiarizar com sua finalidade transformadora, abrindo espaço para criações mais significativas e contextualizadas.

Abaixo, apresento uma imagem que ilustra o envolvimento dos alunos em suas pesquisas e produções sobre a poesia de Slam, evidenciando como o aprendizado foi aprofundado e conectado às suas vivências. Esse registro simboliza o avanço no processo de compreensão e valorização dessa forma artística como ferramenta de crítica e expressão.

Figura 26. Grupo de alunos investigando sobre o *slam*, para aprimorar seu repertório, no dia 22 de outubro de 2024, na sala de multimídias da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A evolução da pesquisa no encontro seguinte, realizado no dia 05 de novembro de 2024, destacou a importância de aprofundar a compreensão dos alunos sobre o que caracteriza a poesia de *slam*. Direcionar as pesquisas para essa forma de expressão foi uma estratégia valiosa para ampliar os horizontes dos discentes e incentivá-los a criar poesias mais engajadas, conectadas com suas vivências e com questões sociais relevantes. Essa abordagem não apenas promoveu a produção de textos mais significativos, mas também fortaleceu habilidades interpessoais, como a capacidade de escuta ativa e a valorização da poesia alheia. O ambiente de respeito

e troca criado durante as oficinas reforçou o sentimento de pertencimento e comunidade entre os participantes.

Os desafios enfrentados ao longo do processo evidenciaram a dinâmica e a flexibilidade inerentes à pesquisa-ação. A adaptação da proposta inicial mostrou a importância de estarmos abertos a mudanças e de construir o conhecimento de forma colaborativa. Esse alinhamento com os princípios da pesquisa-ação — planejamento, ação, observação e reflexão — garantiu que o aprendizado fosse contínuo e significativo, ajustando-se às necessidades e ao contexto dos alunos. Essa abordagem não apenas enriqueceu a experiência educativa, mas também destacou o potencial da prática pedagógica reflexiva.

Assim, após revisar as novas produções, propus aos alunos um aprofundamento na performance com o uso do corpo, gestos e expressões faciais como ferramentas para enfatizar as emoções, sensações e críticas presentes nos textos. Por meio de um exercício de improvisação, os estudantes experimentaram variações na intensidade da voz, alternando entre sussurros, gritos e pausas marcadas. Essa atividade prática permitiu que eles percebessem como mudanças na entrega vocal e corporal podem intensificar a mensagem e o impacto da poesia, transformando cada apresentação em uma experiência única e poderosa.

Figura 27. Grupo de alunos estudando gesto e voz para apresentação da minibatalha de *slam*, no dia 05 de novembro de 2024, na sala de multimídias da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 28. Grupo de alunos estudando gesto e voz para apresentação da mini batalha de *slam*, no dia 05 de novembro de 2024, na sala de multimídias da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A mini batalha de poesia aconteceu no encontro seguinte no dia 12 de novembro de 2024, na qual os alunos tiveram a oportunidade de apresentar suas produções autorais para a turma. Esse momento foi marcado pela originalidade temática e pela expressividade dos participantes, refletindo um notável desenvolvimento nas habilidades de comunicação oral e escrita. A diversidade das apresentações destacou não apenas a criatividade dos estudantes, mas também sua

capacidade de abordar questões relevantes de forma crítica e reflexiva. O ambiente colaborativo foi enriquecido pelo retorno construtivo do público, que ajudou a consolidar um espaço de troca e aprendizado mútuo. Como destacou Clara (1º Ano A), “a atividade de *slam* me ajudou a refletir sobre as questões do meio ambiente e do consumo exagerado. Para onde vai o lixo de nossas casas?”. Essa fala demonstra como a prática desse tipo de poesia pode provocar reflexões importantes, conectando o texto poético ao contexto e à realidade do aluno.

Outro exemplo de colaboração surgiu quando Ana Karen (1º Ano C), que abordou a diversidade em seu poema, não se sentiu à vontade para apresentá-lo devido à timidez. Nesse momento, a colega Fátima Juliany (1º Ano D) se ofereceu gentilmente para ler o poema em seu lugar, demonstrando o espírito de apoio mútuo e valorização do trabalho dos colegas, elementos essenciais para fortalecer a confiança e a integração no grupo. Segue um trecho do poema de Ana Karen:

A padronização está presente em tudo
 No jeito que vivemos
 Que nos expressamos
 Que amamos
 Mas onde está a diversidade?
 Por que essa normalização?
 Seria cansaço?
 Ou falta de motivação?
 A divergência virou incapacidade
 O egoísmo se tornou a nova moda no Brasil
 E a felicidade?
 Da nossa vida se esvaiu

Quando indagada sobre o que inspirou sua escrita, Ana Karen ressaltou perceber que a padronização está presente em tudo, na forma como as pessoas se vestem, no modo de falar, até nas ideias. “Fico pensando, por que temos tanto medo de ser diferentes? Será por medo de não ser aceito, de ser cancelado?”, ponderou a aluna. Já Lara Pereira (1º Ano C) falou em seu texto sobre desigualdade social, com os seguintes versos:

Na rua, a fome é companheira,
 no palácio a riqueza é inteira.
 o pobre luta, o rico descansa,
 mas o sonho de igualdade avança
 (...)
 Que o amanhã traga nova visão
 onde todos compartilham o pão
 e que a justiça, enfim, floresça.

A aluna tratou da tristeza que é não ter o que comer, em um país que tanto produz, mas onde tanto se desperdiça. Deu como exemplo o desperdício de comida na escola durante o almoço.

Figura 29. Batalha de *slam*, dia 12 de novembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 30. Fátima Julianny, duelando na batalha de *slam*, dia 12 de novembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A aluna Luanna Saboia (2º ano C) abordou em sua produção o tema preconceito com um texto que destaco a seguir:

Olhar além da cor, ver a alma
verdadeira, preconceito é cegueira
impede de ver a beleza, igualdade
é direito, não privilégio.

(...)

Superei barreiras, com empatia e cruz,
Encontrar igualdade com amor e luz.

Liberdade para todos, um só país,
Unidos por um sonho, com fé e feliz.

Luanna ressaltou a importância de tratar, na sala de aula, sobre temas tão sensíveis e que foi uma experiência muito boa.

Figura 31. A aluna Luanna Saboia, apresentando sua obra na batalha de *slam*, dia 12 de novembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A oficina de *slam* proporcionou aos alunos um espaço seguro e criativo para a expressão artística, favorecendo tanto o desenvolvimento de habilidades socioemocionais quanto a ampliação de suas perspectivas sobre o mundo. Os estudantes demonstraram uma notável capacidade de transformar suas ideias, emoções, experiências e reflexões em versos plenos de significado, abordando temas

que iam desde questões sociais e políticas até vivências pessoais. Essa diversidade evidenciou a riqueza da produção poética e a criatividade dos alunos, destacando o potencial inventivo e transformador dessa prática.

Ao abordar temáticas relevantes e atuais, a poesia *slam* tornou-se um catalisador para a reflexão crítica, promovendo diálogos sobre assuntos que impactam diretamente a realidade dos estudantes. A experiência de compartilhar suas criações com os colegas, aliada aos retornos construtivos, fortaleceu o senso de grupo e o sentimento de pertencimento, criando um ambiente acolhedor e colaborativo. As oficinas também foram fundamentais para o desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança dos alunos. Ao enfrentarem a timidez e o medo de se expressar em público, os educandos vivenciaram um processo de superação que os impulsionou a acreditar em seu próprio potencial criativo.

Em suma, as oficinas de *slam* revelaram-se uma experiência extremamente enriquecedora e significativa, ultrapassando os limites da sala de aula, uma vez que proporcionou um espaço único para a expressão artística, o fortalecimento do pensamento crítico e a valorização da singularidade de cada aluno, demonstrando o poder transformador da poesia e da arte na educação.

4.4.4 Cordel: tradição e narrativa popular

Para imersão no ritmo e nos versos dos cordéis, além de inspiração para as próximas etapas da oficina, mergulhamos na poesia de Patativa do Assaré e Lucas Evangelista. Foi como viajar pelo sertão através da poesia, sentindo a emoção e a paixão presentes em suas palavras. Conhecemos um pouco mais sobre as obras desses ilustres poetas cordelistas e nos deleitamos com seus poemas. O cordel é uma poesia popular brasileira, caracterizada por versos rimados, que geralmente é apresentada em folhetos impressos e vendidos em feiras e mercados.

Originado no Nordeste do Brasil, o cordel tem suas raízes na literatura oral, influenciada pela cultura portuguesa, especialmente as tradicionais "trovas", caracterizadas por composições poéticas acompanhadas de músicas e cantigas. Esta forma literária também se distingue pelo uso de imagens com a combinação de textos e ilustrações xilogravadas, que tornam o cordel uma manifestação artística e cultural ampla e envolvente. Até hoje, é uma das expressões mais importantes da cultura nordestina, mantendo-se vivo e reconhecido no cenário literário.

A oficina de Cordel: tradição e narrativa popular, realizadas no 19 de novembro, teve início com uma exposição de obras no pátio da escola, em frente a uma casinha de taipo, com diversos varais de cordel, simulando as feiras livres da cidade, onde estas obra eram expostas, apreciadas e vendidas à população. Os estudantes tiveram a oportunidade ter contato, explorar e apreciar obras de autores renomados como Patativa do Assaré e o poeta cordelista local Lucas Evangelista.

Figura 32. Grupo de alunos explorando os folhetos de cordel, dia 19 de novembro de 2024, na área externa em frente a casinha de taipo, da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 33 e 34. Grupo de alunos lendo folhetos de cordel, no dia 26 de novembro de 2024, na área externa da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Diante disso, podemos perceber que o cordel tem uma importância significativa e quando inserido no âmbito escolar proporciona uma série de benefícios que vão além do simples aprendizado literário. Ela fortalece a identidade cultural dos alunos, promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas, expressivas e críticas, além de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e criativos. O cordel me parece uma ferramenta educativa rica, que pode ser utilizada em diversas abordagens pedagógicas para enriquecer a formação dos estudantes. Contudo, não se limita ao universo das aulas de Arte, pois a literatura de cordel pode ser material de estudo em conjunto com outras áreas do conhecimento, como história, geografia.

A relação com a música, por exemplo, é muito forte, já que muitos cordéis são transformados em canções populares. Isso pode gerar interações enriquecedoras e multidisciplinares no processo de ensino-aprendizagem. Outra questão a ser abordada através do cordel é a forma de incluir questões de classe, raça e gênero de uma maneira que dialoga diretamente com as experiências de vida dos alunos. Muitos

cordéis retratam as lutas do povo pobre, das mulheres, dos negros e das populações do sertão, promovendo um olhar mais empático e plural sobre a sociedade.

Na foto da figura 35, podemos perceber a interação da aluna com o cordel, essa interação é um meio que me parece essencial para que o estudante crie habilidades de leitura e escrita. A estrutura rítmica e rimada do texto, um aspecto fundamental dessa literatura, estimula o aluno a trabalhar com sonoridades e outras fontes escritas. Além disso, ao estudar obras de diferentes regiões, épocas e autores, o estudante entra em contato com histórias, mitos, expressões e tradições que refletem as variadas experiências de vida no país, contribuindo para que perceba a diversidade existente na cultura brasileira e valorize as diferentes tradições que compõem o Brasil.

Figura 35. Aluna Lara Pereira lendo um cordel, no dia 19 de novembro de 2024, na área externa da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Dessa forma, o estudante tem a oportunidade de perceber as particularidades das diversas culturas, locais, regionais e nacionais, como as manifestações populares, a culinária, o folclore, as festas tradicionais, e outros aspectos importantes da vida cotidiana. Essa valorização das tradições também pode

promover um sentimento de pertencimento e respeito por diferentes modos de viver, além de contribuir para a construção de uma visão mais plural e inclusiva da sociedade brasileira. No contexto educacional, a literatura é um excelente meio de aproximar o aluno de uma visão mais crítica e reflexiva sobre a cultura e identidade nacional, incentivando o respeito pelas diferenças e o entendimento das diversidades presentes no Brasil.

A exposição foi um momento ao ar livre, muito agradável em um espaço pouco frequentado na escola, foi repleto de alegria e descobertas através da literatura de cordel. A imersão nas obras de Lucas Evangelista, cordelista local, e do mestre Patativa do Assaré nos proporcionou não apenas entretenimento, mas também um pouco mais de conhecimento sobre a história e a cultura nordestina. Através de seus versos, vivenciamos emoções diversas, ampliamos nosso repertório cultural e desenvolvemos uma nova apreciação pela riqueza da literatura popular.

Após o livre contato e estudo dos livretos de cordel, voltamos para a sala de aula e conversamos sobre a estrutura do texto, como por exemplo a métrica, as rimas e a repetição de versos. Falamos também que, em suma, os temas explorados nos cordéis são vivências do cotidiano, de como esses elementos estruturais e temáticos se relacionam com as vivências e a cultura da população local, fazendo com que eles refletissem sobre a função social do cordel e de que forma ele ainda está presente em nossa comunidade, através das obras de artistas como Patativa do Assaré e Lucas Evangelista

Figura 36. Momento em que os alunos pesquisavam autores de obras de cordel, no dia 19 de novembro de 2024, na sala de aula da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 37. Momento em que o grupo de alunos estuda a estrutura cordel, no dia 19 de novembro de 2024, na sala de aula EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Antônio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré foi um ícone da cultura popular nordestina. Nascido em 1909 em Assaré, no sul do Ceará, na região do Cariri, ele soube como ninguém traduzir em versos a alma do povo sertanejo. Com uma linguagem simples e profunda, abordou temas como a seca, a luta pela terra e a fé, retratando o cotidiano de quem vive no campo.

Sua obra, marcada por uma sensibilidade única, transcendeu as fronteiras do Nordeste. A música *Triste Partida*, por exemplo, foi imortalizada na voz do cantor Luiz Gonzaga, conhecido como “Rei do Baião”. Um dos cordéis mais conhecidos de Patativa do Assaré, nesta obra, ele narra a história de uma família nordestina que precisa deixar sua terra em virtude da seca, um dos maiores desafios enfrentados pelo povo do sertão. Com palavras simples e cheias de emoção, Patativa descreve o sofrimento, a dor da despedida e a esperança de encontrar uma vida melhor na cidade grande. O poema sensibiliza o leitor por falar das dificuldades de muitos nordestinos que enfrentaram essa mesma situação e também demonstra a habilidade de Patativa de usar a poesia para notoriedade à cultura nordestina.

Apesar do reconhecimento, Patativa manteve sua humildade e seu amor pela terra natal. Seu legado continua vivo, inspirando novas gerações e preservando a rica história e cultura do nosso Nordeste. Seguem trechos dos versos de seu poema musicado:

Triste Partida

Meu Deus, meu Deus. . .

Setembro passou
 Outubro e Novembro
 Já tamo em Dezembro
 Meu Deus, que é de nós,
 Meu Deus, meu Deus
 Assim fala o pobre
 Do seco Nordeste
 Com medo da peste
 Da fome feroz
 Ai, ai, ai, ai

A treze do mês
 Ele fez experiência
 Perdeu sua crença
 Nas pedras de sal,
 Meu Deus, meu Deus

Mas noutra esperança
 Com gosto se agarra
 Pensando na barra
 Do alegre Natal
 Ai, ai, ai, ai

(...)

Num outro poema, *O poeta da roça*, abaixo, Patativa se apresenta como um homem simples, ligado à terra e à natureza, que encontra na poesia uma forma de expressar seus sentimentos e contar as histórias de seu povo.

O poeta da roça

Sou fio das mata, cantô da mão grosa
 Trabaio na roça, de inverno e de estio
 A minha chupana é tapada de barro
 Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé
 De argum menestrê, ou errante cantô
 Que veve vagando, com sua viola
 Cantando, pachola, à percura de amô

Não tenho sabença, pois nunca estudei
 Apenas eu sei o meu nome assiná
 Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre
 E o fio do pobre não pode estudá

Meu verso rastero, singelo e sem graça
 Não entra na praça, no rico salão
 Meu verso só entra no campo da roça e dos eito
 E às vezes, recordando feliz mocidade
 Canto uma sodade que mora em meu peito

Lucas Evangelista, poeta, cordelista, cantor e violeiro Crateuense, escreveu diversos poemas em homenagem ao centenário de Crateús, exaltando a história, as tradições e o povo dessa cidade do interior do Ceará. Seus versos geralmente celebram as belezas naturais, como o rio Poti, e destacam figuras marcantes e momentos importantes da cidade ao longo de sua trajetória, e servem como fonte de inspiração para as futuras gerações e contribuem para a preservação da memória coletiva dos Crateuense.

Natural do distrito de Ingá, zona rural de Crateús (CE) o poeta, cantor e cordelista Lucas Evangelista, cuja obra e vida são bastante próximas da nossa escola e de nossos alunos, construiu sua trajetória cultural e artística a partir de suas vivências no sertão nordestino. Influenciado por sua mãe, que recitava poesias e contava histórias de trancoso, e pelo pai, também apreciador da poesia, João Lucas Evangelista, nascido no dia 3 de maio de 1932, desenvolveu um talento nato para a poesia e a música. Sua infância marcada pela pobreza e pelo trabalho duro no campo serviu de inspiração para suas primeiras composições. A observação do cotidiano e das relações humanas, aliada a uma memória prodigiosa, permitiu-lhe criar um universo poético rico em detalhes e emoções.

A literatura de cordel foi a forma que encontrou para dar voz às suas experiências e às histórias de sua gente. Suas obras, marcadas por uma linguagem simples e direta, abordam temas como o amor, a vida no campo, a luta pela sobrevivência e a cultura popular. Evangelista destaca-se por sua originalidade e por sua capacidade de inovar dentro da tradição do cordel. Um aspecto que se destaca na obra de Evangelista é sua habilidade em inovar dentro da estrutura tradicional do cordel.

Embora respeite a forma poética clássica, com seu ritmo, métrica e rimas típicas, ele consegue dar uma roupagem nova ao gênero, seja por meio da introdução de temas mais contemporâneos ou pela forma como interação com a oralidade, criando diálogos e personagens com uma carga simbólica mais profunda. Sua escrita, por vezes, se torna um reflexo das complexas realidades sociais do Brasil. Através da exposição foi possível os alunos perceberem e explorarem diversos aspectos da poesia de cordel. Segue um de seus poemas:

Era dos sanfoneiros

Crateús vem de um princípio
De um povo muito animado
O folclore nesta terra
Foi de tudo aproveitado
Com dança de São Gonçalo
Com corrida de cavalo
Folia e festa de gado

Com tudo que se compõe
O Nordeste brasileiro

Dança de índio e escravos
 Revoltosos e cangaceiros
 No lugar da discoteca
 Pandeiro e pife e rabeca
 Era artesanal verdadeiro

Tinha também harmônica
 O pé-de-bode falado
 O fole de oito baixo
 Reco-reco afamado
 Triângulo e o ganzá
 Pandeirinho e maracá
 Fazia o samba animado

Então na década de vinte
 Mamãe já era nascida
 Mudou-se para Crateús
 Com poucos anos de vida
 Foi embora pra Ingá
 Enfim casou-se por lá
 Sua terra prometida

Mas me contou que na vida
 Nunca teve diversão
 Quando seu pai viuvou
 Só herdou sua bênção
 Com madrasta não ficou
 Outros parente encontrou
 Aqui nesta região

Num segundo momento da oficina realizada no dia 03 de dezembro de 2024, foi proposto que os alunos formassem duplas, escolhessem um tema significativo para eles, como, por exemplo, identidade, questões locais, memórias pessoais ou temas sociais. Foi ressaltado que o cordel utiliza linguagem simples, humor, e metáforas para comunicar ideias complexas. Atentamos para as rimas, a linguagem coloquial, os temas que retratam o cotidiano. Solicitei que compartilhassem rascunhos das produções uns com os outros para socialização das ideias, ajudando-os a ajustar o ritmo e o impacto da narrativa.

A fim de compartilhar os cordéis produzidos pelo grupo, montamos uma roda para apresentação. Incentivei os estudantes a não apenas lerem, mas interpretarem o cordel com entonação, pausas, e até gestos que valorizem o que eles produziram. A ideia inicial era criar um ambiente bem próximo das feiras livres onde os cordéis eram lidos e vendidos, mas devido à proximidade do final do ano letivo, não foi possível a realização do evento, assim como a entrevista com o poeta Lucas

Evangelista, prevista no roteiro, Apêndice – A, não foi possível se concretizar devido a agenda do autor. Assim, finalizamos com algumas apresentações em sala de aula e no auditório, para as turmas de primeiros anos. Segue um dos poemas de cordel produzidos pela aluna Maria Clara (1º ano A):

Identidade

Eu sou quem sou, e é assim,
Do meu jeito, desde o início até o fim.
Tenho um nome, tenho um lugar,
Sou alguém que veio pra brilhar.

Cor, cabelo, sorriso,
Tudo é parte do que preciso.
Sou mistura, sou alegria,
Sou quem sou todo dia.

Minha casa tem cheiro de lar,
Minha família me faz sonhar.
Minha escola é onde aprendo,
Com os amigos, vou crescendo.

Não sou igual a mais ninguém,
E isso é bom, me faz tão bem.
Minha história é só minha,
Como a estrela que caminha.

Sou menina e gosto de menino,
Às vezes sou quieta outras destemida,
Tudo em mim é especial,
Sou um mundo original.

Respeito é o que peço,
Pois cada um tem seu sucesso.
Identidade é se aceitar,
E ser feliz sem precisar mudar.

O poema traz uma mensagem de empoderamento, identidade e pluralidade. Sugere que a diversidade é algo positivo e que ser uma pessoa única, com uma combinação de características próprias, é motivo de felicidade. Através de sua poesia Maria Clara, deixa evidente como se enxerga diante de seus pares, demonstrando suas características, personalidade e a maneira como encara os desafios.

Figura 38. Apresentação de cordel com a aluna Deborah Ferreira do 1º ano D. no dia 03 de dezembro de 2024, na sala de aula da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A oficina sobre cordel revelou-se um importante momento de aproximação dos alunos a essa forma singular de expressão cultural nordestina e os mestres cordelista Lucas Evangelista e Patativa do Assaré, mas também trouxe à tona desafios relacionados à resistência e à insegurança no processo de criação.

Figura 39. Momento em que a aluna Larissa Miranda do 2º ano C declamava o seu cordel, no dia 03 de dezembro de 2024, no auditório da EEMTI Lions Club, Crateús (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Para tanto, a estratégia de formar duplas e promover o compartilhamento de rascunhos foi essencial para reduzir a tensão. A interação entre colegas criou um ambiente de colaboração e apoio, onde os estudantes começaram a perceber que a simplicidade do cordel não diminui sua beleza, profundidade e impacto. A utilização de temas próximos à realidade dos alunos, como identidade, memórias pessoais e questões locais, também ajudou a fortalecer o vínculo com a atividade.

No momento final de compartilhamento, apesar de ainda existir certo nervosismo, a roda de apresentações trouxe à tona um aspecto libertador. A interpretação dos cordéis com entonação e gestos mostrou que, além da escrita, o cordel é também uma prática oral e performática. Muitos alunos relataram sentir orgulho de suas produções, especialmente ao verem suas criações ganharem vida diante dos colegas.

Embora desafiadora, a oficina evidenciou o potencial transformador do cordel como ferramenta pedagógica e cultural. A resistência inicial dos alunos com o universo da poesia e suas sonoridades foi superada, em parte, por meio de um trabalho cuidadoso que valorizou tanto a tradição quanto a experiência individual de

cada participante. A valorização da cultura popular, aliada ao estímulo da criatividade, contribuiu para que os estudantes desenvolvessem um olhar mais sensível e respeitoso sobre suas próprias histórias e raízes. Essa experiência reforça a importância de criar espaços educativos que permitam aos alunos experimentar e vivenciar a arte de forma prática e significativa, conectando tradição e contemporaneidade.

No geral, os estudantes avaliaram as oficinas de forma muito positiva. Disseram que as atividades foram diferentes do que costumam fazer nas aulas e usaram palavras como “criativa”, “interessante”, “divertida” e “desafiadora” para descrevê-las. A aluna Clara Pereira compartilhou que “foi uma das poucas vezes que pôde criar de verdade na escola”, e que “não era só pra decorar ou copiar”. A aluna Larissa Miranda destacou que gostou muito porque pôde se expressar: “Tinha som, tinha movimento, tinha liberdade. Isso faz falta nas aulas.” Esses relatos mostram como os estudantes se sentiram envolvidos, escutados e convidados a criar a partir das próprias vivências. Mais do que apenas aprender sobre poesia, eles tiveram a chance de viver a poesia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS REFLEXÕES E ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EEMTI LIONS CLUB

Os resultados apresentados nesta pesquisa levaram a ver que, a partir de estratégias metodológicas que aliam a poesia e suas sonoridades como recurso pedagógico e artístico, é possível sensibilizar os alunos para esse tipo de linguagem artística. Foi possível observar a evolução da participação e envolvimento dos estudantes nas atividades propostas, assim como a disposição para a escuta que melhorou consideravelmente. Esta pesquisa foi desenvolvida junto aos estudantes da 1ª e 2ª séries da Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Lions Club, e demonstrou que a poesia, quando explorada em todas as suas dimensões possíveis – textual e sonora ou performática, por exemplo - é uma aliada indispensável para uma educação mais criativa, sensível, inclusiva.

Os dados obtidos nas diversas etapas de experimentações, realizadas durante a pesquisa revelaram que, inicialmente os alunos entendiam e tinham acesso à poesia de maneira descontextualizada, distante de seu cotidiano e, conseqüentemente, tratava-se de um conteúdo de pouca relevância para eles. Pelo que pude constatar, não só nas leituras como na minha própria realidade, isso se dá a partir da forma como o texto poético tem sido trabalhado nas primeiras décadas da vida – na infância e nos anos subsequentes – por meio de metodologias pouco atraentes e com foco nos aspectos verbais, no ambiente escolar.

A maioria dos estudantes relatou ter vivenciado experiências esporádicas e rasas com o texto poético, muitas vezes restritas à leitura, análise e interpretação dos poemas, geralmente em comemoração a alguma data específica, sem oportunidades de experimentações mais significativas. Tal observação me pareceu indicar a necessidade de abordar práticas mais significativas e próximas dos interesses e das vivências dos alunos.

Afinal, com as oficinas aliando poesia e sonoridade ao longo das oficinas que propus, foi possível perceber que, à medida que as experimentações práticas iam sendo realizadas, novas e importantes descobertas iam sendo experimentadas pelos alunos, os quais iam reconhecendo que, ao incorporarem a sonoridade e os elementos lúdicos e colaborativos nas práticas de trabalho com os textos, isso despertava, neles, interesse e criatividade, promovendo uma ligação mais profunda com a poesia. A exploração do texto poético em formatos de música, recitação e

performance ampliou a acessibilidade a esse gênero literário e linguagem artística, favorecendo o desenvolvimento de habilidades como criatividade, pensamento crítico, empatia e expressão emocional, e maior interesse pela leitura de poesia.

As práticas artísticas vivenciadas pelo grupo de alunos, ao longo da pesquisa, influenciaram positivamente, e de maneira significativa, a rotina educacional e pessoal dos alunos no período em que foram realizadas as oficinas, fortalecendo sua confiança criativa e aprofundando seu interesse pela arte e cultura. A participação voluntária nas atividades propostas nas oficinas, a busca por obras de poetas cordelistas como Patativa do Assaré na biblioteca da escola e na internet pelas obras de Lucas Evangelista, a desenvoltura na construção da poesia sonora e *slam*, são exemplos concretos das mudanças de comportamentos percebidas nos estudantes.

Essa pesquisa destaca a importância de o professor desenvolver um olhar sensível para reconhecer os interesses e vivências de seus alunos, trazendo essas experiências para agregar ao processo de ensino e aprendizagem. Com isso, o ensino torna-se mais próximo da realidade e necessidade dos educandos, que estão habituados a um mundo dinâmico e interconectado, exigindo do educador uma prática pedagógica que acompanhe tais processos da evolução, a exemplo do uso das tecnologias digitais, a valorização do pensamento crítico, o estímulo à colaboração, à criatividade e à resolução de problemas, além da capacidade de adaptar-se rapidamente às mudanças sociais e culturais.

A importância da metodologia adotada nesta pesquisa foi percebida na forma como os estudantes receberam e interagiram com as atividades propostas, que visavam não só o envolvimento, mas o despertar de sensibilidades artísticas e a experimentação. E dessa forma oportunizar o reconhecimento da poesia como uma expressão rica e dinâmica, capaz de conversar com suas realidades, experiência e desejo.

A pesquisa demonstra também que é necessário a criação de políticas públicas voltadas para a formação inicial e continuada dos educadores, isto é, oportunizar meios e estratégias de como trabalhar a arte e a poesia de maneira mais criativa em sala de aula. Além disso, é fundamental investir em recursos financeiros para as escolas, oportunizar meios de superar os desafios com que os professores esbarram diariamente, como a escassez de recursos materiais, a reduzida carga horária destinada às aulas de arte, entre outros desafios.

Dessa forma será possível realizar um trabalho mais eficaz com práticas pedagógicas que oportunizem uma atenção especial à arte e à subjetividade. Possivelmente o resultado será um ambiente escolar mais acessível, acolhedor e estimulante, onde a arte – da qual faz parte a poesia – seja uma expressão artística e cultural que possa desempenhar um importante papel no aprimoramento dos saberes dos estudantes.

Como avanço dessa pesquisa, percebi a necessidade de estender parcerias com os demais professores da instituição escolar, de artistas locais e amantes das artes como um todo, para promover eventos como: batalhas de poesia de *slam*, laboratório de poesia sonora e a integração de projetos interdisciplinares que conectem a arte, em especial a literatura, a outras áreas do conhecimento. Deste modo, a proposta poderá contribuir significativamente para uma escola mais intimista, acolhedora e motivante, na qual a arte possa ocupar um lugar fundamental contribuindo com a educação de sujeitos mais sensíveis, críticos e conscientes.

Além disso, a poesia demonstrou ser um recurso pedagógico importante para abordar questões sociais, como a diversidade cultural, igualdade de gênero, violência e combate ao preconceito. Discutir tais temáticas de forma inclusiva e criativa ultrapassa as barreiras do convencional impostas por uma sociedade muitas vezes conservadora como a nossa, permite que os estudantes tenham a oportunidade de refletir e transformar a si mesmos e o meio que os cerca. Um exemplo disso foi a oficina de poesia sonora, na qual os alunos, ao refletirem sobre o problema do lixo no meio ambiente, conseguiram perceber a relações que há entre suas ações pessoais e global e a problemática do lixo no planeta, expressando suas preocupações e ideias de forma poética e colaborativa.

Em suma, os resultados indicam que a introdução de novas práticas artísticas pode melhorar as narrativas pessoais e educacionais dos estudantes, estimulando sua confiança criativa, bem como seu interesse pela arte e cultura de forma mais ampla. Neste contexto, a poesia não apenas contribui com a educação, enriquecendo-a, mas ajuda a transformar vidas, convidando os educandos a desvendarem novas formas de enxergar a si mesmos, o outro e o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Túlio César Vieira. **Reverberações, o diálogo entre a poesia e o pensamento crítico de Henriqueta Lisboa: um olhar contemporâneo**. Belo Horizonte: Mazza, 2019.
- ANDRADE, Paulo; ALVES, Raquel Mariano. Educar para a autonomia: A literatura como formadora do pensamento crítico. **Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, 023020, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17882>.
- ARAÚJO, Aline Arêdes. Poesia na praça: Memória, Criação Artística e Educação. In: JORNADA DE LINGUAGENS, TECNOLOGIA E ENSINO, 1., 2017, Timóteo. **Atas...** Timóteo: CEFET-MG, 2017. p. 13-28. Disponível em: https://www.lite.cefetmg.br/wpcontent/uploads/sites/114/2019/10/001Atas_PDF_Atas1aLiTE.pdf. Acesso em: 16 abril 2024.
- AZEVEDO, Fernando José Fraga de; CHAGAS, Lilane Maria de Moura; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. Pensar a poesia em sala de aula: reflexões didáticas para fruir o texto poético. **Leitura: Teoria e Prática**, v. 36, n. 74, p. 15-30, 2019.
- CANEDO, Rogério Max. O papel da poesia na representação social e histórica do homem. **Revista Linguagens & Letramentos**, v. 1, n. 2, 2019.
- CARNEIRO, Ana Paula Lima. **A importância da poesia na educação infantil: uma experiência do estágio na escola Antônio Gomes**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Poesia, o que é e para que serve? Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso. **UNINCOR**, v. 11, n. 1, 2019.
- COSTA, Leidinara Eufrásio. **A importância da música para o desenvolvimento da criança na educação infantil**. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 06 mar. 2024.
- CRUZ, Jacilene Silva da; OLIVEIRA, Elialdo Rodrigues de. Do eu para o mundo: a poesia na construção do conhecimento. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 16, n. 1, p. 111-123, 2023.
- DUARTE, Bruno Marques. A história da poesia brasileira de Alexei Bueno. **Letras**, Curitiba, v. 89, n. 1, p. 111-123, 2019.
- DUARTE, Bruno Marques. **Literatura negra no Brasil: resistência e identidade cultural**. São Paulo: Pallas, 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Belo Horizonte: Nandyala, 2017.
- FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues; SOUZA, Shirlene Rohr de. A poesia, a criança e a escola. **Norte@mentos**, v. 14, n. 35, p. 130-149, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rln.v14i35.7596>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- FERREIRA, Raquel Figueredo de Souza Melo. **A poesia (miró) bolante na sala de**

aula: círculos de leitura em cena. Poéticas da Terra, Valença: Mente Aberta, n. 1, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Lidiane. **A oralidade e a tradição africana na literatura brasileira.** Salvador: EDUFBA, 2020.

KAMBEBA, Márcia. **O lugar do saber:** poesia e identidade indígena. Manaus: Valer, 2021.

LATORRE, Maria Consiglia Raphaela Carrozzo. **Sonoridades múltiplas:** práticas criativas e interações poético-estéticas para uma educação sonoro/musical na contemporaneidade. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LEAL, Ana Claudia de Macena Freitas D'Estillac; AMPARO, Flávia Vieira da Silva do. **Ler, sentir e conviver:** caderno de oficinas de poesia para o 1º e 2º ano do ensino fundamental. 1. ed. Rio de Janeiro: Imperial, 2023.

LIMA, Guilherme da Silva; RAMOS, João Eduardo Fernandes; PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. Ciência, poesia, filosofia: diálogos críticos da teoria à sala de aula. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e215986, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698215986>.

MAGALHÃES, Emilianangela. **Do feed do Instagram à sala de aula:** a utilização da instapoesia para o desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio. [S. l.]: [s. n.], 2023.

MARQUES, Isabel O. Ensino de arte e possibilidades de emancipação. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **A imagem no ensino da arte:** anos 80 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 77-91.

MELO, Carlos Augusto de. Márcia Wayna Kambeba e as literaturas indígenas no Brasil. **Igarapé**, Porto Velho (RO), v. 14, n. 2, p. 106-122, 2021.

MENDONÇA, Érika de Sousa; GOMINHO FILHO, Amilson de Carvalho; SANTOS, Marcelle Beatriz Maria Cabral dos. Educação no cenário capitalista: reverberações subjetivas em jovens universitários. **Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 25, p. 220-241, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/68010>. Acesso em: 30 set. 2024.

MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. **Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente.** Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p.

OLIVEIRA, Patrícia Anunciada de. Cadernos negros e poesia afro-brasileira em evidência. **Revista do Centro de pesquisa e formação**, n. 11, p. 137-157, 2020.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira:** O poema, a revelação poética, poesia e história. Tradução de Olga Savary. São Paulo: Siciliano, 1995.

PEREIRA, Juliana Rangel de Freitas. **Voz em estado de escuta:** por uma pedagogia em vocalidades poéticas no ambiente da cena. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.

PINTO, Tomás Veríssimo da Silva; MARIN, Andreia. Arte e educação com as plantas: imagens e poesia no ensino de botânica. **Botanical Illustration**, v. 31, n. 60, dez. 2022. Brasília, DF.

PINTO, Tomaz Musso de Almeida. **A poesia possível**: caminhos para uma prática poética na escola. [S. l.]: [s. n.], 2020.

Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

REGO, Angela Bárbara Lima Saldanha; OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim; TOLOMEI, Cristiane Navarrete. **Ay Kakuyri Tama, eu moro na cidade**: a poesia filosófica indígena de Márcia Kambeba no contexto do Estado-nação brasileiro. [S. l.]: [s. n.], 2022.

SÁ, Edmilson José de. O caráter linguístico regional-popular da poesia de Ascenso Ferreira. **GELNE**, v. 23, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2021v23n2ID22060>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SGAMBATTI JÚNIOR, Milton. Poética indígena: um ensaio sobre as origens da poesia. **FronteiraZ**, São Paulo, n. 3, p. 1-10, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12586/9157>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SILVEIRA, Rosilene de Fátima Koscianski da; DEBUS, Eliane Santana Dias; AZEVEDO, Fernando José Fraga de. **A poesia**: estratégias para experimentar e fruir em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2019.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.

TABAJARA, Auritha. **O canto das raízes**: poesia indígena e memória ancestral. Fortaleza: Expressão Popular, 2022.

TAVARES, Diva Sueli Silva. **Poesia na sala de aula**: formando leitores. São Paulo: Cortez, 2019.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VALENTE, Luiz Fernando. História e memória na poesia de Conceição Evaristo. **Nau Literária**, v. 16, n. 2, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nau/article/view/73937>. Acesso em: 03 jul. 2024.

VIEIRA, Suzana Aparecida dos Santos. **Importância da educação musical no ensino fundamental**: anos iniciais. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS OFICINAS

Oficina 1

Resgatando memórias: Poesia Infantil e Ludicidade. Com os poemas “Trem de Ferro” (Manoel Bandeira), “A dança dos tamanquinhos” (Cecilia Meireles)

Objetivo Geral:

Explorar a poesia infantil por meio da sonoridade e da ludicidade, resgatando memórias afetivas e criando novas vivências com base nas poesias "Trem de Ferro" (Manuel Bandeira) e "A Canção dos Tamanquinhos" (Cecília Meireles).

Exploração da Poesia "Trem de Ferro" (Manuel Bandeira)

Aquecimento e Preparação

Quebra-gelo com celular: Começar a aula com a proposta de deixar os celulares em uma caixa em troca de um pirulito, incentivando o foco na atividade.

Introdução ao tema: Perguntar aos alunos quem já andou de trem ou tem lembranças dessa experiência. Apresente brevemente o poema "Trem de Ferro" e destaque que o foco será na sonoridade do poema.

Leitura Inicial e Discussão

Realizar uma leitura expressiva do poema "Trem de Ferro" de Manuel Bandeira.

Perguntar aos alunos sobre as sensações e imagens que o poema desperta. Como eles imaginam o som do trem?

Apresentar imagens e áudios de trens para aumentar a percepção sensorial e contextualizar o poema.

Exploração Sonora

Leitura em voz alta: Pedir para que cada aluno leia o poema de forma individual, imprimindo seu toque pessoal à leitura.

Exploração da sonoridade: Dividir os alunos em grupos e atribuir a cada grupo uma parte do poema. Cada grupo deve trabalhar na criação de sons e ritmos para acompanhar os versos.

Performance em grupo: Cada grupo deverá ensaiar e apresentar sua parte do poema, tentando capturar o som e o ritmo do poema com seus próprios recursos, como palmas, batidas e objetos que imitem o som do trem.

Reflexão e Discussão

Após as apresentações, discutir com os alunos como a sonoridade alterou a percepção do poema. Pergunte: "O que a sonoridade trouxe de novo à compreensão do poema?"

Exploração da Poesia "A Canção dos Tamanquinhos"

Realizar a leitura expressiva do poema "A Canção dos Tamanquinhos" de Cecília Meireles, destacando o som repetitivo de "troc... troc... troc...".

Perguntar aos alunos como eles imaginam o cenário descrito no poema e se conseguem sentir o ritmo do "troc... troc...".

Dividir os alunos em pequenos grupos e fornecer instrumentos musicais (pandeiro, reco-reco, agogô, etc.). Cada grupo deve trabalhar uma estrofe do poema, criando sons e ritmos com os objetos e refletindo a cadência da poesia.

Encerramento

Pedir aos alunos para compartilharem o que acharam da experiência.

Oficina 2

Poesia Sonora: Explorando Sons e Versos.

Objetivo: Desenvolver a sensibilidade e a criatividade dos alunos, utilizando a poesia sonora, inclusive as memórias de infância com a poesia, para promover uma conexão com a palavra falada e o ritmo.

Atividade 1 - Lembranças Poéticas

Retomar a discussão do encontro anterior, pedir que cada aluno escreva ou desenhe no caderno de bordo, o que se lembra sobre o contato com poesia ou qualquer tipo de rima e versos na infância. Perguntar se alguém em suas vidas (familiares, professores) os incentivava a recitar ou ouvir poemas.

Convidá-los a compartilhar suas lembranças com o grupo (Observar e anotar em meu diário: como a presença ou ausência de poesia em casa ou na escola, e como eles se sentiam ao ouvir ou ler poemas naquela época.)

Solicitar que os alunos mantenham um "diário poético" (em seu diário de bordo), por uma semana, escrevendo sobre qualquer memória que envolva rimas, músicas, cantigas ou poemas. Pedir que se lembrem de momentos como histórias contadas por familiares ou atividades escolares que envolveram versos.

Esses relatos servirão como material de análise. Além do questionário já aplicado, os dados registrados no diário, poderão evidenciar sobre como a presença (ou ausência) de poesia na infância influenciou a visão deles sobre poesia atualmente. Isso pode servir de base para discutir a importância de se estimular o contato com a poesia nas fases iniciais de desenvolvimento.

Atividade 2. Poesia Sonora

Introdução à Poesia Sonora

- Explicar aos alunos o conceito de poesia sonora, destacando como os sons das palavras e dos ritmos podem criar significado sem depender apenas da escrita.
- Falar brevemente sobre a história e o contexto da poesia sonora, citando exemplos de culturas que valorizam a oralidade, como os povos indígenas e afro-brasileiros.
- Trazer exemplos autores como Conceição Evaristo, Marcia Kambeba e Aretha Tabajara, cujos trabalhos enfatizam a sonoridade e a expressão cultural na poesia.

Escuta e Percepção Sonora

- Apreciação do poema sonoro “Cidade” de Arnaldo Antunes. Pedir aos alunos que fechem os olhos e percebam os sons que compõem a obra, que imaginem o que cada som transmite.
- Após a escuta, perguntar sobre as sensações que os sons provocaram e quais imagens ou histórias cada um conseguiu visualizar.
- Dividir o poema em partes ou repetir alguns versos específicos para que os alunos analisem os elementos sonoros, como a repetição de sílabas, pausas e entonações. Perceber como esses elementos criam um ritmo que lembra uma cidade. (Pedir que imitem alguns sons ou repitam palavras para perceberem como a escolha sonora transmite a mensagem e o clima do poema.)

Atividade de Criação Inspirada em "Cidade" de Arnaldo Antunes

- Convidar os alunos a criarem seus próprios “poemas sonoros urbanos” baseados em experiências, sons ou sensações que associam à cidade onde vivem. Sugerir que usem palavras que evoquem sons e ambientes urbanos, como “carros”, “vozes”, “passos”, “ruas”.
- Eles podem fazer isso em grupos, onde cada integrante traz uma palavra ou som associado ao espaço urbano, repetindo ou misturando os sons como fez Antunes.

Interpretação e Performance

- Propor que cada grupo ou aluno faça uma performance de seu poema inspirado em "*Cidade*", focando na entonação e na criação de uma atmosfera urbana. Eles podem explorar repetições e variações rítmicas, como Antunes, para dar vida aos sons.

Discussão, Comparação e Registro

- Perguntar aos alunos como foi o processo de criação em comparação ao poema de Antunes e se a experimentação mudou a forma como veem o espaço urbano.
- Discutir como os sons e palavras de uma cidade podem evocar emoções e memórias, transformando a poesia sonora em uma experiência que vai além da linguagem.
- Registrar a experiência em seus cadernos de bordo

Oficina 3

Slam - Poesia Falada e de Protesto

Objetivo: Introduzir o slam como uma forma de poesia falada que carrega uma forte expressão pessoal e social. Encorajar os alunos a explorarem suas próprias vozes para abordar temas contemporâneos com impacto.

Introdução ao Slam

- Apresentar o vídeo "O que é Poetry Slam?" Com Roberta Estrela D'Alva, e vídeos mostrando batalhas de Slam.
- Perguntar o que chamou atenção neles – a intensidade, o ritmo, o uso das palavras? Pedir que identifiquem temas comuns e o tom emocional das performances.

Construção do Texto e Experimentação Sonora

- Pedir aos alunos que escolham um tema que tenha um significado pessoal ou que seja relevante para o grupo como "juventude", "violência urbana", "igualdade" ou "expressão pessoal".
- Para aquecer, cada grupo pode fazer um "coro de palavras", em que cada integrante fala palavras que lhe vêm à mente sobre o tema escolhido, explorando volume e intensidade.

- Incentivá-los a explorar diferentes ritmos e entonações, usando batidas criadas com palmas, estalos, ou até objetos comuns (ex.: lápis batendo na mesa). Pode-se experimentar também com pausas e silêncios para dar mais impacto às palavras.
- Com base nas ideias levantadas, cada aluno escreve um poema curto, focando em transmitir uma emoção intensa sobre o tema. Eles podem repetir palavras ou frases de impacto para criar um ritmo e uma cadência forte, característica do slam. (Podem usar repetições e variações de volume para dar mais poder ao que dizem. Uma frase pode ser dita três vezes em vozes crescentes, por exemplo.

Desenvolver a expressividade corporal e vocal

- Convidar os alunos a explorar o uso do corpo, gestos e expressão facial para enfatizar as emoções de seus textos. Eles podem trabalhar em duplas ou trios, recebendo feedback sobre o impacto visual e sonoro de suas performances.
- Fazer um exercício de improvisação onde, ao recitar seus versos, eles mudem a intensidade da voz, variando entre sussurros, gritos e falas pausadas, explorando como essas mudanças impactam a emoção do texto.

Mini Slan

- Organizar uma roda de slam onde cada aluno apresenta sua criação para o grupo. Eles receberão feedback tanto dos colegas quanto meu, especialmente sobre a forma como envolveram o público e se conectaram com o texto.
- Após cada apresentação, desafiar os alunos a tentar mudar algo na performance, como o volume, o ritmo, ou a postura, para ver como isso altera o resultado da apresentação.

Oficina 4

Cordel – Tradição e Narrativa Popular

Objetivo: Apresentar o cordel como uma forma poética que une narrativa e ritmo, incentivando os alunos a criarem histórias simples com rimas e métrica.

Exposição com Varal de Cordéis

- Montar um varal de cordel no espaço da sala ou em um ambiente ao ar livre, para remeter à forma como esses livretos eram expostos nas feiras.

- Convidar Lucas Evangelista, cordelista local, para falar sobre sua trajetória, o significado do cordel em sua vida, e como ele se inspira para criar suas obras. (Sugestão: falar sobre o processo de escrita, a escolha dos temas e realizar uma leitura performática de um de seus cordéis.)
- Após a apresentação inicial, Lucas Evangelista pode abrir um espaço para perguntas.

Análise da Estrutura do Cordel

- Após a roda de conversa com o poeta e cordelista, e explorar o varal, orientá-los a identificar a métrica, as rimas e a repetição de versos. Questionar também quais temas notaram nos cordéis.
- Perguntar como esses elementos estruturais e temáticos se relacionam com as vivências e a cultura popular local. Incentivá-los a refletirem sobre a função social do cordel e de que forma ele ainda está presente em nossa comunidade, através das obras do artista.

Criação e Escrita de Cordéis

- Dividir o grupo em duplas ou trios e propor que cada grupo escolha um tema significativo para eles (por exemplo, identidade, questões locais, memórias pessoais ou temas sociais).
- Explicar como o cordel utiliza linguagem simples, humor, e metáforas para comunicar ideias complexas. Oferecer alguns exemplos de rimas típicas para inspirá-los e oriente-os a trabalhar juntos para dar um tom pessoal ao texto.
- Pedir que compartilhem rascunhos uns com os outros para feedback, ajudando-os a ajustar o ritmo e o impacto da narrativa.

Performance e Compartilhamento do Cordel

- Montar uma roda de cordel onde cada grupo apresenta seu texto. Incentivá-los a não apenas lerem, mas interpretarem o cordel com entonação, pausas, e até gestos que valorizem a obra.
- Criar uma ambientação inspirada nas feiras, com música regional de fundo e uma disposição que remeta ao ambiente informal e próximo dessas apresentações.

Exposição Final

- Propor a grupo uma exposição com os cordéis produzidos, organizados em um novo varal, aberto a outros colegas da escola. Os alunos podem fazer pequenas leituras performáticas.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE CONTATO COM A POESIA**1. Você costuma ler ou ouvir poesia?**

- a) Sim, com frequência
- b) Às vezes
- c) Raramente
- d) Nunca

2. Durante sua infância, você teve contato com poesia em casa (seja por meio de livros, músicas, contação de histórias etc.)?

- a) Sim, muito
- b) Sim, um pouco
- c) Raramente
- d) Nunca

3. Na escola, você se lembra de ter tido aulas que abordaram poesia de forma significativa?

- a) Sim, muitas vezes
- b) Algumas vezes
- c) Raramente
- d) Nunca

4. Qual foi sua experiência com poesia na escola? (Você pode escolher mais de uma opção)

- a) Leitura de poemas em sala de aula
- b) Análise e interpretação de poemas
- c) Criação de poemas próprios
- d) Apresentações ou recitação de poesia
- e) Não me lembro de ter contato com poesia na escola

5. Você se sente confortável para ler ou escrever poemas?

- a) Sim, totalmente confortável
- b) Um pouco confortável
- c) Um pouco desconfortável
- d) Totalmente desconfortável

6. Você acredita que a poesia pode ser interessante ou relevante para você?

- a) Sim, muito interessante
- b) Talvez um pouco interessante
- c) Não sei
- d) Não acho interessante

7. Na sua opinião, por que a poesia é importante (ou não) para os estudantes?

- a) Estimula a criatividade e a imaginação
- b) Ajuda a entender sentimentos e emoções
- c) É uma forma de expressão cultural e artística
- d) Não vejo importância na poesia
- e) Outro: _____

8. Se você pudesse vivenciar/experimentar a poesia de uma forma diferente, como gostaria que fosse?

- a) Ouvir poemas em forma de música
- b) Participar de oficinas para criar poemas
- c) Fazer parte de atividades de leitura em grupo
- d) Assistir a apresentações ou recitações
- e) Não tenho interesse em aprender sobre poesia